

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Gabriela de Moura Koen

**HAITIANOS EM FLORIANÓPOLIS: DESLOCAMENTOS, INTERSECÇÕES E  
EXPERIÊNCIAS ALÉM DAS FRONTEIRAS**

FLORIANÓPOLIS  
2015

Gabriela de Moura Koen

**HAITIANOS EM FLORIANÓPOLIS: DESLOCAMENTOS, INTERSECÇÕES E  
EXPERIÊNCIA ALÉM DAS FRONTEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Bacharelado do  
Curso de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e  
Ciências Humanas, Universidade Federal de  
Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Groisman

FLORIANÓPOLIS  
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Koen, Gabriela de Moura  
Haitianos em Florianópolis: : Deslocamentos, intersecções  
e experiência além das fronteiras / Gabriela de Moura  
Koen ; orientador, Alberto Groisman - Florianópolis, SC,  
2015.  
p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. Imigração Haitiana. 3.  
Antropologia Urbana. 4. Relacionalidade. 5.  
Interseccionalidade. I. Groisman, Alberto. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Ciências Sociais. III. Título.

**HAITIANOS EM FLORIANÓPOLIS: DESLOCAMENTOS, INTERSECÇÕES E  
EXPERIÊNCIAS ALÉM DAS FRONTEIRAS**

Este Trabalho de Conclusão de Bacharelado foi julgado adequado para a  
obtenção do título de Licenciada e aprovado em sua forma final pela  
Coordenação do Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, de 2015

---

Prof. Dr. Jeremy Deturche  
Coordenador do Curso

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. Alberto Groisman  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profª. Maria Silvia Loch  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Charles Raimundo da Silva, doutorando do PPGAS  
Universidade Federal de Santa Catarina

*Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.  
Sentir tudo de todas as maneiras.  
Sentir tudo excessivamente,  
Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas E toda a  
realidade é um excesso, uma violência, Uma alucinação  
extraordinariamente nítida  
Que vivemos todos em comum com a fúria das almas, O centro  
para onde tendem as estranhas forças centrífugas Que são as psiques  
humanas no seu acordo de sentidos.*

*Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas, Quanto mais  
personalidade eu tiver,  
Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver, Quanto  
mais simultaneamente sentir com todas elas,  
Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento, Estiver,  
sentir, viver, for,  
Mais possuirei a existência total do universo, Mais  
completo serei pelo espaço inteiro fora. Porque, seja ele quem  
for, com certeza que é Tudo, E fora d'Ele há só Ele, e Tudo  
para Ele é pouco.*

Álvaro de Campos – Fernando Pessoa

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de dedicar este trabalho à minha amiga Allisson Fitipaldi, coração sensível que muito me ensinou sobre romper fronteiras. Saudades eternas, uruguaia.

Um agradecimento especial aos amigos haitianos que esta viagem antropológica me proporcionou. Gratidão pelo aprendizado e pelas trocas e pela confiança em compartilhar histórias de vida.

Ao orientador professor Alberto Groisman, pelo incentivo e pela confiança em meu trabalho.

Agradeço a minha família, meu porto seguro. Nona Olga, Nono Jaime, Vô Mafalda, Vô Régis, minha mãezinha do coração e meu paidrinho querido. Obrigada por todo amor e carinho.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, pelo estímulo e companheirismo. Por sempre estarem por perto em todos os processos de construções e rupturas que estes anos de graduação trouxeram.

Obrigada por confiarem em mim e juntos me ajudarem a estruturar e reconstruir meus projetos de vida (desde que tinha poucos anos e desisti de ter uma casinha de bonecas e quis transformá-la em laboratório). À minha mãe Verônica que com sua doce sensibilidade me ensinou o valor de sonhar.

Ao meu pai Eduardo, que me ensinou a saborear a vida com todas as surpresas que ela nos dá.

Ao meu companheiro Fernando por ter trilhado este caminho ao meu lado, estimulando minha autoconfiança nos momentos de desespero e ansiedade, compartilhando inquietudes e se divertindo comigo nos intervalos de estudo. Obrigada também por se dispor a construir junto a mim tantos outros caminhos, descobertas e aprendizados.

À minha irmã Bárbara e meu cunhado Simon por me presentarem com sobrinhas adoráveis e amorosas, Yael e Lou, obrigada pela alegria.

À Tsamiyah Levi, pelo senso racional que equilibra minha loucura emocional. Gratidão eterna a teu coração aberto que se dispôs a se aventurar comigo além das fronteiras, antes mesmo de nos conhecermos, e me presenteou com essa linda amizade.

À Emília Dutra, por sempre encher minha vida de riso, cheiro de café e bons drinks. Sua luz é indispensável para mim.

À Laura Costa, amiga querida. Obrigada pelo carinho, e amadurecimento compartilhado. De Bombinhas para o mundo, para o infinito e para o além!

À Giliane Brun, com seus pezinhos saltitantes e espírito alegre com quem comparti um lar e muito amor.

À Natasha de Holanda, com sua alma bela e suave, gratidão por sempre saber palavras que acalmam meu coração inquieto.

À Luciane Manika, obrigada pelo riso gostoso e pela companhia leve.

Aos meus amigos que mesmo de longe me acompanham com carinho. Obrigada Carol Cotrim, por saber falar groselha do melhor jeito. Eduardo do Carmo, por manter sua criança interior intacta para brincar com a minha. Thomas Hanauer pela amizade sincera e valiosa, gratidão por nossas conversas (nem) sempre tão sensatas. Gabriel Caponera por compartilhar tantos lirismos.

Ao Lucas Ferreira pelas conversas, livros emprestados, por tantos ensinamentos e pelo estímulo quando este trabalho ainda era um projeto rabiscado.

Aos amigos, sogros e vizinhos Ana Cláudia e Edemilson por me acolherem com tanto amor.

Aos amigos do laboratório LASTRO, pelo ambiente de conhecimento e apoio. Ao corpo docente do departamento de Antropologia e Sociologia Política da UFSC, por proporcionar um espaço de debate e construção de conhecimento fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico. Obrigada também à equipe técnica e administrativa da universidade por ajudar a manter este ambiente, em especial à Rose, por sua gentileza.

## RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo de inspiração etnográfica sobre o processo de inserção e integração de imigrantes haitianos na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Trata-se da análise de uma parte dos dados coletados durante o trabalho de campo realizado entre agosto de 2014 e julho de 2015. Para tanto, as análises teóricas e metodológicas foram desenvolvidas em torno dos espaços de fronteiras (simbólicas, sociais ou territoriais), através da Antropologia reversa, da Antropologia Urbana, bem como da Sociologia reflexiva, compreendendo o caráter inventivo (Wagner) da cultura com o objetivo de apresentar uma perspectiva anticolonial.

Assim, as ideias de experiências e alteridades foram trabalhadas refletindo a migração como um processo relacional que ocorre em espaços determinados, passíveis de serem mapeados através da convivência e do diálogo com os atores envolvidos. Dessa forma, foi através do registro de narrativas e diálogos sobre as experiências relevantes aos haitianos, e da convivência com atores envolvidos no processo de inserção dessas pessoas, que práticas, redes, dinâmicas de sociabilidade e lugares significativos desta etapa da trajetória migratória foram identificados.

Com isso, mais do que analisar experiências individuais, a presente etnografia propõe um mapeamento exploratório das similaridades e distanciamentos entre as distintas trajetórias a partir de um enquadre teórico que prioriza o aspecto relacional das diferentes posições do mapa social. Considerando também que a imigração é indissociável da emigração (Sayad), o trabalho busca contextualizar o fluxo migratório haitiano no Brasil questionando como o país se configurou como um destino e qual dinâmica emigratória do Haiti, localizando então o fenômeno num quadro mais amplo.

**Palavras-chave:** Imigração Haitiana; Antropologia; Experiência; Fronteiras; Relacionalidade; Interseccionalidade.

## REZIME

Travay sa montre yon etid ki vini pa enspirasyon sou entegrasyon ayisyen yo nan vil Florianopolis, Santa Catarina. Li baze sou analiz de yon pati de enfòmasyon yo te pran pandan yon travay yo te fè nan yon zòn, li te fèt nan mwa out 2014 e jiyé 2015. Poutan, analize teori e metòd yo te devlope nan zòn fontyè yo (anpil senbòl, sosyal, teren), yo sèvi ak Antropoloji rezèv, Antropoloji nan vil, anplis sosyoloji ki vini nan refloksyon, konprann karaktè yo envante yo (Wagner) nan kilti tankou objektif de prezante yon aksyon ki kont mouvman itilize moun.

Kòm sa, ide moun ki viv kèk moman, e sa yo te pote kòm chanjeman, yo te travay sou refleksyon de migrasyon kòm yon mouvman ki konekte ak zòn yo te chwazi, ki gen chans al sou yon kat se moun yo patisipe. Nan fason sa, li rive fèt nan sa yo te ekri sou dyalog yo te gen ak ayisyen ki tap pale de tout sa yo viv, e moun ki te resevwa yo e ba yo travay, moun ki pale sou jan yo vini an, ki kritike yo, tout sa yo di yo sanble ak sa lòt kamarad yo di.

Avèk sa, plis analiz sou chak moun sa yo viv, mwen propoze yo kreye yon kat ki montre sa ki sanble e ki montre distans de tout trajè nan diferans pozisyon nan kat sosyal la. An konsidere tou imigrasyon se yon bagay nou pa ka separe avèk emigrasyon (Sayad), travay sa ap chèche mete nan kontèks mouvman migrasyon ayisyen sa yo nan Bresil, ann poze kesyon kijan peyi sa fè montrel kòm peyi kote moun ka chache lavi e ki manèv yo itilize pou yo ale nan lot peyi an Haiti, ann ouvè sèk la poun poze kesyon sa.

**Paròl – kle:** Imigrasyon ayisyen; Antropoloji; Sa yo viv; Fontyè; Relasyonalit; Entèsyonalit



## RÉSUMÉ

Le travail qui suit présente une étude d'inspiration ethnographique à propos du processus d'insertion des immigrants haïtiens dans la ville de Florianópolis, Santa Catarina. Ce travail est l'analyse d'une partie des informations et données recueillies pendant l'étude sur le terrain réalisée entre le mois d'août 2014 et juillet 2015. Pour cela, les analyses théoriques et méthodologiques ont été faites autour des espaces frontière (symbolique, sociale ou territoriale), à travers de l'Anthropologie inverse, l'Anthropologie Urbaine, ainsi que la Sociologie réflexive, essayant de comprendre le caractère inventif (Wagner) de la culture, avec l'objectif de pouvoir le présenter avec une perspective anticoloniale.

De cette façon, expériences et différences ont été travaillées en tant que reflexe de la migration comme processus relationnel qui se produit dans certains espaces, qui peuvent être cartographiés grâce à la cohabitation et le dialogue avec les principaux acteurs concernés. C'est donc à travers l'enregistrement de narrations et dialogues sur les expériences vécues par les haïtiens et la cohabitation avec ceux concernés par le processus d'insertion de ces personnes, que des pratiques, réseaux sociaux, mouvements de sociabilité et lieux significatifs de cette étape ont été identifiés.

Avec ça, plus qu'une analyse d'expériences individuelles, cette ethnographie propose un mappage exploratoire des similitudes et les distancements entre les différentes trajectoires à partir d'un cadrage torique qui donne la priorité aux différentes positions sociales. Considérant aussi que l'immigration est indissociable de l'émigration (Sayad), ce travail cherche à contextualiser le flux migratoire haïtien au Brésil, en questionnant comment le pays s'est configuré en tant que destination, et quelle est la dynamique migratoire de Haïti, pouvoir localiser ainsi le phénomène dans un cadre plus large.

**Mots clés:** Immigration Haïtienne; Anthropologie; Experience; Frontières; Relacionnalité; Intersectionnalité.

## ABSTRACT

This work presents a study with ethnographic inspiration about the insertion and integration processes of Haitian migrants in Florianópolis, Santa Catarina. It's an analysis of part of the collected data during field work completed through August 2014 until July 2015. Therefore, theoretical and methodological analysis were developed around space borders (symbolic, social or territorial), through Reverse Anthropology, Urban Anthropology, as well as Reflexive Sociology, comprehending culture's inventive character (Wagner) and presenting an anticolonial perspective.

Thereby, alterities and experience notions have been developed considering migration as a relational process occurring at determined spaces, susceptible of being mapped through the daily sharing and dialog with people involved. In this way, it was through narrative record and dialogues about Haitian's relevant experiences, and acquaintanceships with implicated players in their insertion process, which practices, networks, sociability dynamics and meaningful positions were identified at this stage of the migratory path.

Finally, more than analyzing individual experiences, this ethnography offers an exploratory mapping for similarities and detachments between different trajectories, starting at a theoretical frame which prioritizes the relational perspective for diverse positions in the social map. Also considering that migration is inseparable from emigration (Sayad), this paper looks for to contextualize the Haitian migratory flux in Brazil asking how the country was configured as a destination and what was the emigration dynamic from Haiti, locating this phenomenon in a wider picture.

**Key-words:** Haitian Migration; Urban Anthropology; Experience; Borders; Relatedness; Intersectionality.

## RESUMEN

Este trabajo presenta un estudio de inspiración etnográfica sobre el proceso de inserción e integración de inmigrantes haitianos en la ciudad de Florianópolis, Santa Catarina. Se trata del análisis de una parte de los datos colectados durante el trabajo de campo realizado entre agosto de 2014 y julio de 2015. Para el cual, los análisis teóricos y metodológicos fueron desarrollados alrededor de los espacios de fronteras (simbólicos, sociales o territoriales), a través de la Antropología Reversa, de la Antropología Urbana, bien como de la Sociología Reflexiva, comprendiendo el carácter inventivo (Wagner) de la cultura con el objetivo de presentar una perspectiva anticolonial.

De esta manera, las ideas de experiencias y alteridades fueron trabajadas reflexionando la inmigración como un proceso relacional que ocurre en espacios determinados, pasibles de ser mapeados a través de la convivencia y del diálogo con los actores implicados. De esta forma, fue a través del registro de narrativas y diálogos sobre las experiencias relevantes a los haitianos, y de la convivencia con actores inmersos en el proceso de inserción de esas personas, qué prácticas, redes, dinámicas de sociabilidad y lugares significativos de esta etapa de la trayectoria migratoria fueron identificados.

Por ello, más que analizar experiencias individuales, la presente etnografía propone un mapeado explorador de las similitudes y distanciamientos entre las distintas trayectorias a partir de un encuadre teórico que prioriza el aspecto relacional de las diferentes posiciones del mapa social. Considerando también que la inmigración es inseparable de la emigración (Sayad), el trabajo busca contextualizar el flujo migratorio haitiano en Brasil cuestionando cómo el país se configuró como destino y cuál dinámica emigratoria de Haití, localizando entonces el fenómeno en un cuadro más amplio.

**Palabras llave:** Inmigración Haitiana; Antropología; Experiencia; Fronteras; Relacionalidad; Interseccionalidad.

**LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

- AEH** Associação de Estudantes Haitianos da UFSC
- ACNUR** Agência da ONU para Refugiados
- AHSC** Associação de Haitianos em Santa Catarina
- ALESC** Assembleia Legislativa de Santa Catarina
- AKAF** Associação Kay Pa Nou
- BID** Banco Interamericano de Desenvolvimento
- Cnig** Conselho Nacional de Imigração
- Conare** Comitê Nacional de Refugiados
- CPF** Cadastro de Pessoa física
- CRDH** Centro de Referência em Direitos Humanos
- GAIRF** Grupo de Apoio à Imigrantes e Refugiados
- IBGE** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IES** Instituição de Ensino Superior
- MEC** Ministério da Educação
- MINUSTAH** Mission des Nations Unies pour la stabilisation em Haiti
- MPT** Ministério Público do Trabalho
- MRE** Ministério das Relações Exteriores
- MST** Movimento sem Terra
- MTE** Ministério do Trabalho e Emprego
- OIM** Organização Internacional para Migrações
- ONGs** Organizações Não Governamentais
- ONU** Organização das Nações Unidas
- PARDN** Plano de Ação para Reerguer e Desenvolver o Haiti
- PIB** Produto Interno Bruto
- PF** Polícia Federal
- PL** Projeto de Lei
- RNE** Registro Nacional de Estrangeiro

**SAJU** Serviço de Assessoria Jurídica Universitária

**SESu** Secretaria de Educação Superior

**SINE** Sistema Nacional de Emprego

**SINTER** Secretaria de Relações Internacionais da UFSC

**SIMN** Scalabrini International Migration Net

**SUMÁRIO**

<b>Introdução.....</b>	<b>P. 15</b>
<b>Capítulo 1- Mapeando trajetórias.....</b>	<b>P. 19</b>
1.1 Deslocamentos, Metamorfoses e Experiências.....	P.19
1.2 O contexto da imigração haitiana no Brasil.....	P. 25
<b>Capítulo 2 - Haitianos na região da Grande Florianópolis.....</b>	<b>P. 44</b>
2.1 Dinâmicas de inserção e integração.....	P. 60
2.1.1 Algumas vivências e desafios dos migrantes.....	P. 51
<b>Capítulo 3 - Alteridade, diferenciação e interseccionalidade nos espaços de fronteira.....</b>	<b>P. 59</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>P. 65</b>
<b>Referências.....</b>	<b>P. 66</b>
<b>Apêndice.....</b>	<b>P. 68</b>

## Introdução

A princípio esta monografia de conclusão de curso foi instigada por uma curiosidade pessoal acerca da temática migratória. Minha família é formada basicamente por migrantes. Estrangeiros de diferentes partes do mundo compõem uma árvore genealógica bastante diversa. Cresci em Santa Catarina, transitando por diferentes cidades do estado durante a vida. Apesar de ter nascido em São Paulo-SP, vivi a maior parte da vida no menor município de Santa Catarina, em Bombinhas.

Cidade de nome curioso e localizada numa pequena península do Atlântico Sul tem a população formada, em sua maioria, por descendentes de imigrantes açorianos que lá fundaram a Vila de Nova Ericeira<sup>1</sup> (ainda que a região fora antes habitada por indígenas carijós e tupis, seus primeiros colonizadores provavelmente tenham sido os espanhóis e depois os portugueses, que trouxeram escravos africanos para a região). Mais tarde a Vila de pescadores chamou a atenção de imigrantes (inicialmente turistas) de diversas outras origens. Por suas belezas naturais configurou-se um destino turístico e, atualmente, durante as temporadas de verão vê sua população ascender de 15 mil para até 150 mil pessoas. Sua economia, portanto, baseia-se principalmente nas atividades de pesca, comércio e turismo. No caso, a subsistência de minha família correspondia à última listada e por isso convivi por toda a vida com viajantes, tanto os que lá chegavam para trabalhar nas temporadas de verão (o que poderia se estender por muitos anos), bem como com turistas que lá estavam momentaneamente.

Assim, minha proximidade com deslocamentos já remonta à minha própria trajetória pessoal. Inevitavelmente e por diversos fatores, viagens, fronteiras, distâncias e diferenças fazem parte de meu imaginário estimulando meu entusiasmo. E, ainda que durante minha trajetória acadêmica eu tenha me relacionado com distintas áreas de pesquisa (teoria política, sociologia do trabalho e antropologia da arte), recentemente fui provocada a retornar às reflexões sobre os deslocamentos humanos, graças ao aumento de notícias sobre a chegada de imigrantes e refugiados de diversas origens na cidade onde atualmente resido e finalizo minha graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Dentre os fluxos recentemente estabelecidos em Florianópolis, o que tem ganhado maior destaque, tanto no debate público como na mídia, foi o dos haitianos. Entretanto, apesar da atenção, os discursos apresentados pareciam se aprofundar pouco nas implicações da questão, representando o fenômeno de forma superficial e tendenciosamente dramática.

Intrigada com a escassez de dados que evidenciassem a dimensão e o perfil deste fenômeno migratório no contexto local, a presente pesquisa se deu através do esforço em produzir um mapeamento exploratório do fluxo estabelecido na região buscando conhecer aspectos significativos da experiência migrante haitiana contemporânea na etapa de inserção na sociedade de acolhida. Assim, esta monografia de inspiração etnográfica foi desenvolvida através da convivência com pessoas, eventos e dinâmicas sociais relacionadas ao processo de integração e inserção de sujeitos haitianos na cidade. O trabalho de campo ocorreu entre os meses de agosto de 2014 e julho de 2015, junto a imigrantes, suas representações e a rede de apoio formada por instituições, pessoas e organizações da sociedade civil.

Elegi registrar este texto etnográfico utilizando a narrativa como ferramenta literária por acreditar pessoalmente que a experiência antropológica, apesar de tantas formas de se expressar e pensar a si mesma, por seu caráter criativo<sup>2</sup> aproxima-se de uma “poesia das gentes”. Trata-se de uma literatura peculiar que empenha ferramentas interpretativas sobre um fragmento da vida. Ainda que a literatura e a etnografia se desencontrem em vários pontos, partilham discussões em comum, dentre elas: como a realidade é experienciada através dos diferentes corpos sociais?

Dessa forma, os escritos que seguem não definem culturas ou realidades, muito menos intencionam uma representatividade estatística acerca do fenômeno. Entretanto, estas narrativas de campo apontam, descrevem e investigam aspectos significativos da experiência dos sujeitos desta

---

<sup>1</sup>Primeira colônia pesqueira do Brasil, criada em 1818. O centro administrativo da antiga colônia atualmente corresponde ao município de Porto Belo, do qual Bombinhas se emancipou em 1992.

<sup>2</sup> O “caráter criativo” se refere à noção da metáfora de invenção trabalhada por Roy Wagner em sua obra *A invenção da Cultura*. O estudo deste texto foi fundamental para a concepção teórica e metodológica da pesquisa e será aprofundado posteriormente.

pesquisa. Assim como a poesia, produto de vivências e negociações da “realidade”, a etnografia resulta das interpretações e invenções que a antropóloga exerce acerca dos registros sobre falas, eventos, dinâmicas e práticas sociais observadas e compartilhadas em campo. No entanto, estas experiências etnográficas não são produto de um narrador oculto e neutro. Pelo contrário. No presente estudo, a pesquisa foi vivida num determinado recorte espaço-temporal, através do corpo desta pesquisadora que vos escreve. Eis então um sujeito político, social, acadêmico e histórico, com determinada classe, cor e gênero, que através da prática de pesquisa relacionou-se com distintos interlocutores, que apesar de heterogêneos, envolvem-se – de forma distinta – com um processo em comum: o deslocamento de haitianos que se estabelecem na ilha de Florianópolis – SC.

Posso afirmar que minha origem é essencialmente migrante. Se agora resido nesta ilha, minhas raízes se alongam pelo Brasil e atravessam oceanos. Não conheço um familiar que tenha estabelecido sua vida no mesmo local de nascimento<sup>3</sup>. Algo que obviamente dificultou domingos com família reunida, mas me possibilitou “transitar” por diferentes realidades. Assim, desde pequena, histórias de grandes jornadas fizeram parte de meu imaginário familiar. Cada parente, com seu ponto de origem e trajetórias espaciais invariavelmente movimentadas, compartilhou histórias singulares sobre diferentes formas de experienciar e se relacionar com o mundo. Estas histórias, assim como um cotidiano pessoal temperado com diversas mudanças foram elementos significativos na construção identitária da família onde cresci e, logicamente, na construção de minha própria identidade, principalmente por conta da valorização das experiências acumuladas no entrelaçamento de tantas trajetórias e reformulações de destinos, frente às diferentes fronteiras que atravessam e estruturam as relações.

Entretanto, trazer estas perspectivas pessoais não se trata de uma introspecção, nem de uma autobiografia ou exercício psicologizante, mas da necessidade de registrar meu local de fala dentro da pesquisa. Penso que esta localização seja indispensável, inclusive por conta das opções teóricas sobre as quais discorrerei adiante.

Os deslocamentos que espalharam meus familiares por tantos lugares se deram algumas vezes por escolha, outras por opções forçadas e outras ainda, por forças que não permitiram escolhas. Entretanto, estas trajetórias movimentadas foram cruciais na minha própria localização no *mapa social*, contribuindo tanto no contexto material onde cresci como na minha própria construção subjetiva.

Aquele que emigra, despede-se. Porém, quando imigra, não deixa de ser um emigrante. Migrar é mover e, ao transitar por entre mundos, o migrante se vê “obrigado” a estar em constante movimento, dialogando com diferentes “províncias de significado” (SCHUTZ, 1979) simultaneamente. Este movimento põe em questão a noção de identidades fixas ao desestabilizar as fronteiras que atravessam as relações sociais. Os deslocamentos que os migrantes atravessam não se dão somente através de espaços geográficos, mas também de espaços culturais, políticos, econômicos, sociais e subjetivos. Dentro de suas experiências, estas transições ocorrem relacionalmente, ou seja, em função da posição dos outros sujeitos no mapa social. Há uma alteração profunda na localização dos sujeitos migrantes nos mapas sociais e estas diferenças tanto podem produzir como intensificar “marcadores sociais” de diferenças que, quando hierarquizadas, produzem desigualdades.

A obra de Roy Wagner evidencia a potencialidade da diferenciação nas relações sociais. Em seu texto “A Invenção da Cultura” o autor sugere que a antropóloga inclua o seu próprio modo de vida ao lado do objeto estudado, e dessa forma investigue também a si mesma, já que para estudar uma cultura, ela faz uso de seu próprio sistema cultural, dos meios de interpretação e discurso de uma forma dialética. Essa noção faz parte da concepção da uma Antropologia reversa trazida pelo autor, empreendimento que, nas palavras de Sônia Maluf (2011)<sup>4</sup>, faz parte de um projeto de antropologia simétrica que têm trazido um novo ar sobre a disciplina e resgatado a “potência criativa” e conseqüentemente, a “potência política” da antropologia e da própria prática etnográfica (MALUF, 2011, p. 42). Ainda de acordo com o artigo, a antropologia reversa atua, sinteticamente, como uma dupla antropologia. É aquela que, realizada em campo pela

---

<sup>3</sup>Breve relato disponível no Apêndice A do trabalho.



antropóloga, inventa o outro como cultura, e além desta, é também uma outra, menos acadêmica e mais pragmática, que se trata da apreensão que o *outro* cria sobre *nós* (MALUF, 2011, p. 46).

Trazendo essa ideia para o recorte da presente pesquisa podemos entender que a antropóloga se encontra em uma posição análoga a do imigrante, pois ao ler uma sociedade diferente também se projeta nela e reconhece a si mesmo. Trago essa sugestão dada por Wagner, pois ela reflete a preocupação desta pesquisa em relativizar as posições da antropóloga e de seus interlocutores compreendendo o dinamismo dialético presente na construção do conhecimento. Assim como Wagner, entendo que ao reconhecer a criatividade da antropóloga em criar narrativas etnográficas, esta deve assumir como premissa a atuação da mesma força criativa que crê possuir, também naquelas nos interlocutores.

Durante o desenvolvimento do projeto desta pesquisa, no trabalho de campo e até mesmo durante a redação do texto final, foi fundamental problematizar os “locais” da pesquisa, do pesquisador e do pesquisado. Sendo este um exercício recorrente, “mover-se” foi essencial e a partir dessa perspectiva, creio que tenha sido importante relativizar desde início minha posição dentro do trabalho campo, inclusive porque este, por diversas vezes, me proporcionou experiências onde o estranho e o familiar se “entrelaçavam”. A proximidade acadêmica, pessoal e política ao tema reforçou a necessidade de problematizar diversas vezes meu auto reconhecimento frente aos interlocutores. Muitas vezes me peguei me perguntando coisas como “afinal, quem sou eu para questionar isso sobre eles?”.

Assim, a partir da compreensão da reflexividade entre as posições dos atores sociais da pesquisa, a mesma foi construída continuamente, conforme o trabalho de campo exigiu e foi se desdobrando, mediante as relações desenvolvidas entre os atores. No caso, o projeto de pesquisa foi elaborado com poucas previsões buscando àquilo que Bourdieu, um dos autores fundamentais para a construção teórica deste trabalho, chama de *objetivação participante* (BOURDIEU, 2007). Este conceito sustenta a noção de que as considerações teóricas acerca do objeto de pesquisa devem ser construídas através da participação que se tem com ele em campo, entendendo que o pesquisador não deve ir a campo utilizando uma espécie de “lente teórica” eleita por seus interesses fazendo com que perca singularidades do objeto, o qual solicitará durante a pesquisa, diferentes olhares e estratégias metodológicas.

Dessa forma, ainda que a construção deste texto tenha mobilizado paradigmas e formulações teóricas, não proponho neste trabalho apresentar algum modelo absoluto sobre o tema das migrações ou da experiência migratória haitiana, mas sim uma narrativa reflexiva<sup>5</sup> acerca da condição do migrante dentro da sociedade de acolhida a partir da vivência no campo e da mobilização teórica em torno de perspectivas globais, locais e pessoais. Escolhi produzir uma etnografia de uma “realidade local” para debater um tema que mobiliza complexas categorias “globais”, pois entendo que é relevante e necessário registrar a singularidade de experiências que são constantemente invisibilizadas e desumanizadas através de porcentagens, manchetes e debates superficiais.

Foi através da minha aproximação com a rede de apoio a imigrantes e refugiados, em setembro de 2014, que o trabalho de campo foi intensificado, que estabeleci relações, conheci interlocutores e pude de fato vivenciar a pesquisa. Assim, para introduzir o panorama apresentado no primeiro capítulo, desenvolvo algumas considerações da Antropologia Urbana relevantes às experiências em campo, pois foi através do registro destas vivências que guiei os argumentos dos três capítulos. Deste modo, antes de tecer os argumentos e aprofundar as análises do trabalho, as duas primeiras sessões do **Capítulo 1 – Mapeando trajetórias** buscam apresentar algumas das referências teóricas do trabalho e contextualizar a imigração haitiana no Brasil.

Já o **Capítulo 2 - Haitianos na região da Grande Florianópolis**, apresenta um panorama da formação da rota migratória neste contexto urbano e um mapeamento exploratório das redes, dinâmicas e espaços de sociabilidade significativos no processo de inserção dos migrantes haitianos. As vivências e demandas apresentadas foram coletadas a partir das narrativas produzidas durante o convívio no campo com os interlocutores da pesquisa. Neste sentido, apontamentos sobre a metodologia da pesquisa podem ser encontrados no Apêndice B da

---

<sup>5</sup> Com “reflexiva” me refiro não só ao sentido da reflexão construída mentalmente, mas também ao caráter relacional que a atividade antropológica exige.

monografia. Sinteticamente, os primeiros capítulos buscam familiarizar aspectos do “objeto” de estudo desta pesquisa, ilustrados através de registros de meu diário de campo, dados oficiais, publicações institucionais, materiais etnográficos sobre migrantes haitianos no contexto da fronteira Brasil-Peru, além do diálogo com textos de pesquisadores da área e dados obtidos durante a produção do relatório *Novos Imigrantes e Refugiados na Região da Grande Florianópolis: Observações preliminares sobre suas experiências e demandas*<sup>6</sup>.

O **Capítulo 3 - Alteridade, diferenciação e interseccionalidade nos espaços de fronteira** apresenta um diálogo teórico acerca das alteridades e das diferenciações que atravessam e marcam as relações sociais, reproduzindo desigualdades ou aproximações.

Por fim, as considerações finais buscam sintetizar as conclusões que podem ser desenvolvidas a partir do diálogo entre os relatos narrativos e o quadro teórico- metodológico, apresentando então os horizontes delineados pela investigação e suas contribuições.

---

<sup>6</sup> Relatório elaborado durante o trabalho de campo, em conjunto com outros pesquisadores voluntários do GAIRF (Grupo de Apoio ao Imigrante e Refugiado de Florianópolis e Região). **Novos Imigrantes e Refugiados na Região da Grande Florianópolis: Observações preliminares sobre suas experiências e demandas**. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://imigrafloripa.wordpress.com/2015/06/24/novos-imigrantes-e-refugiados-na-regiao-da-grande-florianopolis-observacoes-preliminares-sobre-suas-experiencias-e-demandas/>

## 1. Mapeando trajetórias

### 1.1 Deslocamentos, Metamorfoses e Experiências

#### As experiências migratórias nas “sociedades complexas”

Na segunda quinzena de junho de 2015, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) divulgou um documento publicando dados<sup>7</sup> bastante simbólicos. Há uma década existiam 37,5 milhões de refugiados no mundo e, segundo o documento, até o final de 2014 foram registrados 59,5 milhões de pessoas deslocadas de seus territórios natais por conta de conflitos, guerras e perseguições. Sendo que destes, 86% são acolhidos por países em desenvolvimento. Um quarto dos refugiados está em países integrantes da listagem da ONU que relaciona as nações menos desenvolvidas economicamente. No fim de 2013 este número era de 51,2 milhões, o crescimento de 8,3 milhões de pessoas é o maior registrado em um único ano. Se os refugiados formassem um país próprio, seriam a 24ª nação mais populosa. Pensando que os deslocados não se tratam somente da “categoria refugiada”, pergunto-me qual seria a dimensão de uma hipotética nação de deslocados.

As migrações tornaram-se mais frequentes, promovendo um alto fluxo de pessoas e conectando áreas que anteriormente não possuíam ligação. Nunca estivemos tão próximos de realidades tão distintas, pois, estes fluxos transnacionais também trazem à tona uma espécie de campo social transnacional no qual transitam não só os migrantes, mas as diversas esferas sociais que se relacionam com eles, bem como os distintos “modos de vida”. O migrante deixa os objetos de suas relações, mas leva consigo os vínculos que possui com eles, sejam eles emocionais, culturais, econômicos ou políticos. Assim, a compreensão dos impactos que esses fluxos possuem, tanto no âmbito da experiência do sujeito migrante, como no âmbito político-social, é necessária para uma compreensão mais ampla do fenômeno e a elaboração de políticas públicas que permitam a inserção e integração do sujeito na sociedade de acolhida.

Em “Projeto e Metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas”, Gilberto Velho afirma que nas sociedades moderno-contemporâneas existe uma tendência da constituição de identidade ocorrer a partir de um jogo dinâmico de papéis sociais que se associam a níveis de realidade e de experiências diferentes, às vezes contraditórias e até conflituosas. Esse jogo intenso gera diversas transformações, também em diferentes planos, tanto sociais como simbólicos e pessoais.

Velho (2003) sugere que uma das características mais marcantes das sociedades complexas é a coexistência de visões de mundo e estilos de vida “diversificados”. Nelas a distribuição de riquezas e a divisão social do trabalho desenham categorias sociais diferenciadas que possuem continuidade histórica. Além disso, caracterizam-se as sociedades complexas por um intenso fluxo em níveis distintos de informações, ideologias, mercadorias, e claro, de pessoas. Em sua análise a ideia de complexidade corresponde à noção de uma heterogeneidade cultural que se traduz na coexistência de diferentes grupos, que sustentam suas ações em valores e crenças compartilhadas distintas interagindo, harmoniosamente ou não, através da expressão de diferentes redes de significados e tradições. O autor fundamenta sua reflexão a partir de duas vertentes do pensamento social clássico: a fenomenologia de Alfred Schutz e o perspectivismo de Georg Simmel. Voltarei a esta discussão posteriormente, entretanto, vale sintetizar a posição desses autores.

Simmel apoia sua teoria da ação social no relativismo, ou seja, na teoria que argumenta a necessidade de construir a compreensão acima de um objeto em sua relação com os outros, sendo que estas relações não se dão em um sentido único de causa e efeito, pelo contrário, cada fenômeno é em si mesmo, ao mesmo tempo, ação e reação. Por sua vez, Schutz fundamenta suas análises enfatizando as significações. Para ele, a realidade sobre a qual se busca compreensão

---

<sup>7</sup> Dados disponíveis em: <http://elpais.com/especiales/2015/refugiados/> (acesso em 21 de junho de 2015). O relatório completo pode ser encontrado em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/relatorio-do-acnur-revela-60-milhoes-de-deslocados-no-mundo-por-cao-de-guerras-e-conflitos/> (acesso em 21 de junho de 2015).

é resultante de uma construção social formada pela experiência do real (a vivência da realidade) e as significações a que são atribuídas estas experiências. Nas sociedades onde há um predomínio de ideologias individualistas, segundo Velho, a noção de biografia é central, pois o indivíduo ao ter que traçar projetos para lidar com sistemas de valores heterogêneos com os quais se depara ao longo da vida, torna-se um indivíduo-sujeito. Assim, a trajetória do mesmo passa a significar um elemento constituinte da realidade.

O autor fundamenta a noção de “Projeto” na fenomenologia de Schutz, apresentando-a como uma conduta ordenada para atingir fins determinados. Trata-se de uma antecipação daquilo que virá a ser a trajetória e a biografia do sujeito onde o indivíduo faz uso da memória, considerando não só a ação no tempo presente, mas também, os significados associados às experiências passadas. Esta memória é fragmentada pois o sentido que o indivíduo dá à ela (e a si mesmo) depende de um processo não linear, nem homogêneo ou contínuo. Sendo o passado descontínuo, a memória é uma construção posterior definida pelos significados atribuídos pelo sujeito na organização de seus fragmentos ao longo de sua trajetória. Este processo é influenciado também pelo “campo de possibilidades” no qual o indivíduo-sujeito está inserido.

Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas à avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée* (VELHO, 2003, p. 28).

Portanto, campo de possibilidades trata da gama de alternativas que os indivíduos têm a partir de dinâmicas sócio históricas mais amplas que atravessam as diferentes interpretações da sociedade. Ou seja, é algo dado. Mas que ao mesmo tempo atravessa ressignificações em distintos contextos.

Ao apresentar a noção de metamorfose, Velho (2003) a traduz como “uma transformação individual que ocorre dentro e a partir de um determinado quadro sociocultural”. Essa mudança ocorre em diversos níveis simbólicos por meio de um processo social de contínuo movimento entre as significações e os códigos associados aos diferentes contextos<sup>8</sup> relacionados. Não como síntese entre os distintos contextos, mas a partir dos cruzamentos, das intersecções, entre eles. Assim, a pessoa é reconstruída permanentemente, movimentando seus projetos, coerentemente ou não, ao longo de sua trajetória. Devido a esse potencial metamórfico, o indivíduo pode alterar projetos “negociando” sua realidade frente aos outros projetos coletivos ou individuais, orientados pelo quadro sociocultural.

Esta noção de metamorfose desenvolvida por Velho já é bastante conhecida por estudiosos de sociedades não ocidentais, pois neste tipo de organização social, frequentemente os limites entre diversos níveis de experiência (humana, natural ou sobrenatural) são flexíveis e fluídos, manifestando-se em vários domínios, como na construção da pessoa, nos rituais, viagens xamânicas ou na própria cosmologia, permitindo então que ocorram mutações de homens em plantas, animais em deuses. Ainda que este tipo de organização social se distancie das formas ocidentais, é através da metamorfose, da mudança individual, onde o sujeito é, mas também não é o mesmo, que o autor fundamenta sua análise das sociedades complexas, trabalhando com a noção de fragmentação do sujeito.

Entretanto, são nas metrópoles que o autor encontra grandes “laboratórios”. Estas constituem um espaço onde é possível observar o fenômeno da unidade e da fragmentação no qual, ao mesmo tempo em que o sujeito é destacado pela sua individualização, também é influenciado por categorias que o englobam, como a religião, a nação ou a família.

Velho busca, na percepção de mudança profunda que o conceito de metamorfose implica, uma caracterização sobre o trânsito constante entre os distintos papéis sociais, identidades

<sup>8</sup> Ou província de significados (Schutz).

e domínios que nossa sociedade nos fornece, ainda que com descontinuidades e contradições evidentes. Em uma resenha sobre a obra de Velho, publicada no volume 37 da Revista de Antropologia da USP, no ano de 1994, Paula Montero sintetiza:

Percorrendo os mundos evocados nos diferentes capítulos, pode-se perceber que em todos a fragmentação é a imagem recorrente para a qual tende o autor, quando procura definir a natureza profunda da experiência do indivíduo contemporâneo. Esse fato interpela diretamente as possibilidades da explicação antropológica. Com efeito, parece difícil construirmos uma teoria da ação social quando os comportamentos individuais estão em um permanente vaivém entre mundos diferentes e até mesmo antagônicos. Essa constatação tem consequências fundamentais para os que pretendem fazer uma antropologia das sociedades ocidentais: a antropologia nasceu e desenvolveu-se estudando sociedades que aparentavam ser homogêneas e nas quais os mecanismos socializadores básicos – a família, a etnia, o parentesco, a aldeia, a religião etc.- garantiam a relativa homogeneidade da experiência social. Esse suposto tornava legítimo procurar compreender mecanismos mais gerais do sistema de relações sociais existente nesse tipo de sociedade. Ora, sendo o contraponto inverso dessas sociedades que foram chamadas de holistas, nossa vida social quase anulou essas âncoras como referência para a identidade. Nessa pulverização da experiência e de seus significados, comprometeu-se a possibilidade de uma compreensão mais global da sociedade que pudesse reconstituí-la num sistema coerente (MONTERO, 1994, p. 380).

No caso dos imigrantes, até mesmo nas situações mais favoráveis, o processo migratório é constituído por uma transformação profunda na vida do indivíduo, pois o mesmo não atravessa somente fronteiras geográficas, mas também sociais, econômicas, culturais e interpessoais. Ao deixar para trás os ambientes e as dinâmicas às quais o migrante já estava familiarizado, a pessoa se enfrenta com diferentes valores, concepções e tradições. Com isso, a capacidade do migrante se “adaptar” às mudanças é posta à prova.

Nessa trajetória o imigrante habita e é habitado por “dois mundos” e pela tensão entre eles. É interessante apontar que essa instabilidade se mantém enquanto o sujeito introduz um novo quadro cultural em sua perspectiva sobre o mundo. Não no sentido de substituição, mas de síntese, pois assim o migrante pode transitar em diferentes mundos, em diferentes redes de significados. No entanto, a instabilidade deste momento pode inclusive motivar um mal-estar existencial. Por mais subjetiva que essa experiência possa ser não deixa de estar vinculada a diversos fatores sociais e políticos, que muitas vezes fogem do alcance do próprio sujeito, tornando assim, muito mais complexo o processo de adaptação e inserção. Em termos gerais, os fenômenos migratórios contemporâneos devem ser vistos a partir de uma perspectiva multidimensional, integrados no contexto dos processos associados ao que se tem chamado de “globalização”, porém, sem deixar que essa perspectiva tome um caráter determinante.

Dei início ao capítulo trazendo estas considerações teóricas por que o diálogo com as categorias analíticas de Gilberto Velho a respeito das sociedades complexas foi primordial para o desenvolvimento e a prática da *objetivação participante* sugerida por Bourdieu (2007) nesta pesquisa etnográfica. As reflexões sobre estas categorias serão desenvolvidas com maior profundidade no segundo capítulo. Entretanto, antecipar uma introdução a elas se faz pertinente para enfatizar que a narrativa se trata de um exercício investigativo em torno dos significados individuais e/ou compartilhados que são atribuídos à condição de imigrante haitiano neste contexto determinado.

Ao mobilizar as categorias Projeto, Metamorfose e Campo de Possibilidades para discutir a condição do migrante haitiano na região da Grande Florianópolis, a complexa relação entre indivíduo e sociedade é evidenciada diversas vezes. Em suma, todas as profundas dimensões da chamada globalização (econômicas, políticas, tecnológicas, psicológicas e culturais) têm

impactos diretos e indiretos nas formas de organização social das pessoas, das instituições, das associações e grupos, mas não são determinantes únicas na existência destes.

Sendo o imigrante um indivíduo-sujeito que, na transformação de sua jornada, conflui o diálogo entre distintas províncias de significados e negociações de realidade, pode-se dizer que os significados das experiências do sujeito migrante são dados através das interações que o mesmo constrói durante sua trajetória e quando descreve suas práticas cotidianas e suas experiências, o migrante fornece sua interpretação, naquele momento, acerca do que vive ou viveu. Tendo isso em vista, partir da concepção simbólica da cultura ao levantar e analisar as falas, as práticas cotidianas e as experiências descritas pelos informantes, tem sua razão ao ancorar a análise na centralidade do conteúdo e na ideia de que fenômenos sociais são constituídos e reconstituídos pelos atores, da mesma forma que constituem e reconstituem os próprios atores.

No presente trabalho, procurei focar a análise nesse potencial *inventivo*, onde o sujeito traça seus projetos, no nível individual por meio de suas deliberações e performances ancoradas às definições e juízos de valor acerca da realidade, estas, pela ótica fenomenológica de Schutz, resultam de complexos processos de construção e reconstrução (*negociação*) que são desenvolvidos com a vida social e ainda constituem a mesma em totalidade. Esses processos estão enredados aos fatores históricos e aos códigos culturais, os quais foram acessados durante o trabalho de campo na medida em que se estabeleciam minhas relações com os interlocutores.

Voltemos à ideia de metamorfose apresentada por Velho, a qual corresponde a uma transformação individual que ocorre dentro e a partir de um determinado contexto sociocultural. Esta, se aplicada à interpretação da condição migrante, evidencia seu duplo-caráter (individual e sociocultural). Desta forma, sendo o migrante um indivíduo que atravessa uma transformação em sua trajetória individual de acordo com seu campo de possibilidades, sua metamorfose (Velho) ocorreria através dos cruzamentos entre as duas *províncias de significados* (Schutz) que operam em sua experiência de deslocamento. Possibilita-se então uma caracterização simbólica sobre o movimento constante entre os distintos papéis sociais, identidades e domínios que essa experiência fornece no contexto urbano. Assim, os dados e percepções registrados aqui foram coletados ao passo em que eram refletidas as posições e papéis que os sujeitos desempenham frente aos fatos, processos e estruturas sociais.

### **Fluxos globais, trajetórias individuais**

Abdelmalek Sayad, sociólogo e emigrante argelino que dedicou sua vida ao estudo do fenômeno migratório, sobretudo da imigração argelina na França no período em que este país vivia uma grande expansão econômica, traz contribuições interessantes a esta reflexão. Em sua concepção, no fenômeno migratório – entendido como um fato social – ocorre a intersecção de dimensões diacrônicas (perspectivas históricas de demografia e formação) e dimensões sincrônicas (estrutura social e funcionamento da mesma). Ou seja, as transformações geradas pelas migrações atravessam diversos campos da experiência dos indivíduos e da constituição das sociedades e por esse motivo, a migração constitui um fato social total, pois carrega em si um duplo caráter: o sociocultural e o individual, exigindo uma interpretação capaz de lidar com a sobreposição de recortes analíticos. De fato, a interdisciplinaridade foi evidenciada do início ao fim da pesquisa, dos estudos bibliográficos preliminares até minha primeira incursão em campo.

Em sua obra, Sayad também reconhece a indissociabilidade entre emigração e imigração, o que potencializa a abordagem multidimensional e ainda contribui para uma ruptura com as interpretações etnocêntricas acerca do fenômeno, as quais são incapazes de romper com o senso comum, ignorando as condições de origem dos emigrados. Para o autor, a relação emigração/imigração é a expressão de uma relação de dominação estabelecida entre sistemas socioeconômicos distintos, entre continentes e países com diferentes linhas de desenvolvimento. Assim, só se pode entender o fenômeno migratório tendo em vista que “a imigração consagra a relação de dominação que a produziu e que a mantém” (SAYAD, 1998, p. 245). Esta relação constitui tanto os fatores que geraram esta população (mão de obra “disponível” para migrar), os acordos concluídos entre os países de emigração e de imigração, assim como estabelece o modo como os emigrantes serão recrutados e como serão tratados enquanto imigrantes.

Ao perceber estes dois aspectos como inseparáveis, optei por utilizar no texto a classificação de “migrante”, por vezes ignorando os possíveis sufixos, para tratar dos indivíduos haitianos que aqui chegam. Esta opção se deu por crer que assim este termo não limitaria a análise em um dos aspectos, mas daria o devido foco ao caráter móvel como uma característica fundamental do fenômeno a ser estudado. Esta opção ocorreu também, é importante ressaltar, pois há no Haiti uma tradição migratória antes mesmo do terremoto de 2010 ocorrer, fato que é amplamente tratado como causa principal para o estabelecimento da rota migratória para o Brasil, mas que na realidade se inscreve num contexto de expulsão populacional haitiano mais profundo e anterior às catástrofes naturais e ao agravamento da crise humanitária. Dentre outros fatores que serão aprofundados posteriormente, tal constatação permitiu-me perceber o migrante haitiano muito mais próximo à condição de um viajante do que de um residente permanente, ainda que aqui uma rota tenha se formado.

A condição de retorno é essencial para a representação dos fluxos e deslocamentos migratórios por modelos de redes sociais. Esta condição essencializa o fenômeno migratório ao passo que imputa nele uma motivação singular, a ideia de que o projeto migratório só terá sentido se o ciclo se fechar no retorno à terra de origem, princípio simbólico que inscreve a circularidade nas redes migratórias (SAYAD, 2000). Assim, o retorno confere sentido explicitando as complexas relações entre emigração e imigração sobre as quais o autor chama atenção. Entretanto, a possibilidade do retorno só existe em seu devir, pois se trata de uma justificativa manipulada pelo indivíduo como resposta à sua ausência.

Em dado momento de um grupo focal com haitianos que residem em Santo Amaro da Imperatriz (SC), organizado em conjunto com membros do GAIRF, quando questionados se pensavam em voltar ao Haiti responderam em coro que sim. Um deles ainda completou: *"vai fazer... vai e volta, vai e volta, para fazer um tipo de intercâmbio. Não vai voltar ao Haiti e ficar lá. Vai e volta ao Brasil, vai e volta..."*

Outros ainda acrescentam, em um português tímido:

*Interlocutor 1: "[o haitiano] Vai para um país como o Brasil para orientar ele, por que não é como o Haiti que está atrasado. [...] Nós que vivemos fora de nosso país pensamos nisso, em ajudar a arrancar o país do barranco. Nós não queremos estar no Estado do Brasil só para mandar dinheiro para o Haiti. Mas também [...] para poder ajudar nosso país. Cada dia algum país dá dinheiro, dá alguma coisa para nosso país [referindo-se às ajudas internacionais]. Mas se nós também estudarmos aqui no Brasil, assim podemos voltar algum dia para ajudar nosso país. Pensamos que se um país nos dá educação, nos ajuda com emprego é melhor do que dar dinheiro a cada dia. É melhor com educação! Se tu dá dinheiro, vai ajudar só um pouco tempo. Mas se tu nos dá educação, com isso nós podemos ajudar nosso país a cada dia. Quando você dá a uma pessoa alguma coisa que é material, pode quebrar, podem roubar... Depois de dois dias perdeu... Mas uma coisa que entra na cabeça, como uma profissão, acho que é a melhor coisa que alguém pode dar a outra pessoa no mundo. Dar uma profissão. E nós temos. Na escola que vamos a ir.*

*Digo, na nossa escola do Haiti. Nosso diretor principal saiu aos estados unidos, morou bastante tempo lá. Né [...] ? E depois voltou e fez uma escola. Mesma estrutura dos Estados Unidos a mesma coisa!"*

*Interlocutor 2 interrompe: "Isso é um exemplo, isso é um exemplo!"*

E o rapaz prossegue: *"Não é para ficar. É para voltar e ajudar o país. Para nós, é isso que estamos procurando. Não é só para ficar, é para ser uma pessoa não só por aqui, mas pelo mundo. Ir para todo lugar, sempre vale a pena".* (Trecho transcrito do áudio do grupo focal em meu diário de campo)

Durante a pesquisa, poucos haitianos com quem conversei assinalaram o desejo de ficar aqui permanentemente. Na maior parte das falas referentes à possível permanência no país, o desejo de continuar aqui por um período maior era frequentemente assinalado, geralmente estimulado pelo projeto de aqui desenvolver novas perspectivas de vida. Ainda assim, muitos se diziam decepcionados e desejavam sair do Brasil assim que possível, não necessariamente para já voltar ao Haiti, mas talvez tentar a vida em outro lugar. Entretanto, a ideia de um dia retornar ao Haiti era unânime.

Quando Sayad trata da tensão entre a permanência e a transitoriedade que permeiam a experiência migrante, alerta também para a compreensão de que nos termos do direito a situação do sujeito é eminentemente provisória, mas que por outro lado, o Estado procura frequentemente desmentir este fato ao insistir que existe a possibilidade que os imigrantes se instalem de forma duradoura, mesmo que na prática jamais deixem de ser assinalados como imigrantes. Ou seja, o imigrante que nasce pelo trabalho e através de uma condição provisória, transforma seu status em definitivo a partir das concessões que ele e as sociedades de imigração fazem. Assim, o autor entende que de certa forma, para se perpetuar, a imigração precisa negar a si mesma sem se declarar como definitiva enquanto ignora a si própria como provisória (SAYAD, 1998, p. 45-46).

Para ele, a possibilidade que um indivíduo tem de se estabelecer em solo estrangeiro acontece por meio de sua estreita relação com o mercado de trabalho. Dessa forma a condição de imigrante é social ao passo que a de estrangeiro tem alcance jurídico. Em suas palavras:

Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto permanecer no país. Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se ‘estrangeiro’ é a definição jurídica de um estatuto, ‘imigrante’ é antes de tudo uma condição social (SAYAD, 1998, p. 243).

Trata-se de uma contradição inerente ao fenômeno migratório já que os próprios migrantes têm interesse que seja assim, pois quando adentram uma sociedade distinta ainda lidam com a possibilidade de retornarem para seu lugar de origem. Da mesma forma, a comunidade de origem tampouco acata sua partida definitiva, lidando como se a ausência fosse temporária sem aceitar que esta possa acontecer para sempre. Quanto às comunidades de destino, mesmo que estas tenham um estatuto que o mantenha em caráter provisório, onde muitas vezes ele é somente tolerado e nega-se a possibilidade de reconhecer sua permanência, relegando o imigrante a uma condição onde o provisório pode durar de forma indefinida. No contexto capitalista contemporâneo, esta contradição reside basicamente na necessidade de mão-de-obra em grande quantidade (e de preferência que possa ser barata) frente a uma expansão econômica.

Para Sayad, o imigrante em sua essência é uma “força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”, condição esta que é revogável a qualquer momento (SAYAD, 1998, p. 54). O trabalho é então, de certa maneira, o passaporte do migrante já que sua estadia está condicionada a ele. Se não há trabalho, não há imigrante, mas não se trata de um trabalho qualquer, e sim onde o mercado proporciona lugar para o imigrante. “O trabalho faz nascer o imigrante, se o trabalho morre, morre também o imigrante passando a viver um estado de não-ser” (SAYAD, 1998).

Em sua obra, Sayad argumenta sobre o “paradoxo da imigração” que de acordo com o autor carrega em si três ilusões: a da legitimação da presença através do trabalho, da neutralidade política e a da provisoriedade. Estas ilusões são alimentadas pelos imigrantes e sustentadas pela ideia de retorno e/ou da naturalização. Para o autor, há então uma constata dualidade na condição do migrante que é manifestada através de uma “lógica da exclusão”, segundo a qual, buscando preservar sua identidade, o imigrante “exclui a si mesmo antes de ser excluído e também para não ser excluído” (SAYAD, 1998, p. 269).

Ou seja, diante da impossibilidade do retorno, que é muitas vezes vivida de forma inconsciente pelos imigrantes, resta para ele uma espécie de dissimulação, onde manipula suas experiências cotidianas de forma simbólica, ao criar ilusões acerca do retorno à terra de



origem como forma de justificar sua condição muitas vezes desafiadora de deslocado. Nem estrangeiro, nem cidadão. Não se transformam em nativos e muito menos se mantêm como os Outros. O migrante localiza-se na fronteira entre o ser e o não-ser social e está privado de um lugar marcado nas classificações sociais.

Para Sayad

[...] a imigração pode então ser definida como a presença no seio da ordem nacional (i.e., na nação e, virtualmente, [...] na nacionalidade) de indivíduos não-nacionais (i.e., de estrangeiros, [...] de outra nacionalidade), e a emigração, por simetria, como a ausência da ordem nacional [...] de nacionais pertencentes a essa ordem; o imigrante é aquele que realiza a presença estrangeira e, correlativamente, o emigrante é aquele ausente que se encontra no estrangeiro (SAYAD, 1998, p. 266).

Esta ausência mencionada por ele não implica em um desligamento total com a comunidade de origem do indivíduo já que mesmo em casos onde ocorre a naturalização, este sempre será remetido a sua condição de origem. A posição social do migrante dentro da sociedade de acolhida é de grupo minoritário e possivelmente pode ser marginalizada. Ademais, pode ser acompanhada de preconceitos e violências em torno das distinções étnicas, raciais, de gênero ou de estatuto socioeconômico. Esses fatores por diversas vezes agravam os desafios dos processos de inserção e integração social do migrante, e as demandas específicas destes grupos expressam mais uma vez a intersecção de diferentes planos de esferas sociais e individuais.

## 1.2 O contexto da imigração haitiana no Brasil

### Breve panorama sobre o Haiti

Localizado na região caribenha, o Haiti foi inicialmente colonizado pelos espanhóis e corresponde ao território oriental da ilha de Hispaniola. Seu nome tem origem indígena e se refere às suas terras altas e montanhosas. Segundo James, em 1492 a população nativa tinha sido dizimada quase em sua totalidade devido à dominação colonizadora e suas consequências (JAMES, 2010). Mais tarde, em 1695, a Espanha passou o território ocidental para o controle francês, através do Tratado de Ryswick. Por conta da dizimação da população nativa, o Haiti foi constituído principalmente por fluxos migratórios de europeus colonizadores e negros escravizados. No século XVII e XVIII, o Haiti era a principal colônia produtora do açúcar, uma das principais mercadorias da época, consumido mundialmente, e sua produção era sustentada pela exploração da mão-de-obra escrava africana. A renda produzida alimentava a burguesia mercantil francesa e a colônia permaneceu sob seu domínio até a independência, no ano de 1804.

Chamada por Índias Ocidentais de São Domingos, além do açúcar exportava também anil, algodão, café, cacau couro, madeira e tabaco para a metrópole. No período da revolução francesa, a colônia representava cerca de dois terços do comércio exterior francês. Foi em 1804 que o Haiti se consagrou como a “primeira república negra” que conquistou a independência, libertando-se da escravidão. O processo foi bastante conturbado e passou por diferentes etapas. Entretanto, mesmo depois de conquistar a independência, a instabilidade política no país era contínua e potencializada por um bloqueio econômico por parte da França e dos Estados Unidos. Além disso, marcaram a história do país golpes de Estado, mudanças de regimes e conflitos civis. Entre 1915 a 1934 o país ainda foi alvo de ocupação militar norte-americana. Mais tarde, enfrentou regimes ditatoriais e mais recentemente, uma nova ação militar liderada pelo Brasil.

### Haitianos no Brasil

De acordo com pesquisa<sup>9</sup> nacional sobre a imigração haitiana no Brasil, em 2014 o total de imigrantes no país superou a marca de 50 mil pessoas, destes, 19,7% vieram ao Brasil com

<sup>9</sup> FERNANDES, Duval (Coord.). Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”. Belo Horizonte: TEM/IOM-OIM/PUC Minas/GEDEP, 2014.

visto, a maioria restante chegou indocumentada. Trata-se de um fluxo jovem (idade média dos homens é de 30,6 anos e, das mulheres, 28,4) e eminentemente masculino (cerca 80% são homens). Falamos aqui de um fluxo recente, dado que os primeiros registros da vinda de haitianos são do final de 2010.

Além de recente, é um fluxo em expansão. A cada ano o Brasil tem recebido um número maior de migrantes provenientes de variadas nacionalidades. A imigração haitiana ao Brasil desenvolveu maiores proporções após o terremoto que atingiu o país caribenho em 2010, provocando a morte de aproximadamente 316 mil pessoas<sup>10</sup> e mais de 1,5 milhão de pessoas desabrigadas<sup>11</sup>. No mesmo ano, um surto de cólera também atingiu o país, vitimando mais de oito mil pessoas. Em 2012, dois furacões atingiram o país. Antes da instabilidade política que afetou o país entre 2003 e 2004, a presença de haitianos no Brasil era inexpressiva, pois o país não era visto como destino, somente como eventual etapa para chegar às Guianas e aos Estados Unidos. Assim, além de refletir acerca das condições que formaram o contexto emigratório haitiano é importante também pensar, por exemplo, o processo que colocou o Brasil na rota haitiana.

### **O Brasil como um destino e o contexto emigratório no Haiti**

Durante o trabalho de campo, em mais de uma ocasião, interlocutores haitianos relataram a existência de uma “propaganda” de que o Brasil é “terra de oportunidades”, disseminada desde 2004 quando o então presidente Luís Inácio da Silva, durante um discurso em uma visita ao Haiti convidou os haitianos ao país. No entanto, em outra ocasião, dois interlocutores atribuíram à presidente Dilma Rousseff a autoria do convite feito aos haitianos. Procurei na internet algum registro deste discurso, mas encontrei somente algumas referências ao suposto convite sem que houvesse reprodução das falas. Outro fator que parece ter colocado o Brasil na rota migratória haitiana foi a promoção de uma imagem de “país solidário” inspirada pela ação militar brasileira no Haiti, em atividade há pouco mais de 10 anos. A liderança do país na Minustah<sup>12</sup> expôs posições contrárias e favoráveis tanto na imprensa, como na sociedade civil e no Congresso Nacional. Em 2004, Celso Amorim, o então Ministro das Relações Exteriores, ao defender a ação, ressaltou que o Brasil optou em participar da força de paz em resposta a um chamado de emergência internacional, deixando claro que a posição do país era decorrente da convicção de que uma participação ativa traria autoridade ao país nas deliberações do Conselho de Segurança da ONU. Entretanto, apesar de ser tema de debate entre instituições, representantes políticos e membros da sociedade civil brasileira, poucas vezes a ação militar surgiu nas falas dos interlocutores haitianos durante a pesquisa de campo. Certo dia, durante uma conversa com um haitiano estudante da UFSC, aproveitei para tentar perguntar mais uma vez sobre a incursão militar, a única resposta que obtive se resumiu a um simples “isso é uma longa história”. De fato, o país possui uma história complexa e tratar de todos os períodos excederia os objetivos desta pesquisa. Portanto procurei focar em aspectos que se relacionem de maneira mais imediata com as narrativas de meus interlocutores.

No artigo intitulado “O Haiti é aqui: Haitianos em Santa Catarina e o conceito de síndrome emigratória” os autores Luís Felipe Aires Magalhães e Rosana Baeninger, argumentam que, a partir de pesquisa realizada junto a haitianos da cidade de Balneário Camboriú – SC,

Poucos países no mundo expressam tão bem como o sucesso do projeto colonial vigente na América Latina pode significar a tragédia de um país, isto é, o desenvolvimento de seu subdesenvolvimento, como o Haiti: de colônia mais próspera do século XVII e XVIII, se transformou em país mais pobre da América atualmente. A revolta dos escravos no país, pelo controle nacional e também pelos preceitos de liberdade, igualdade e fraternidade, ocasionou um dos episódios mais originais da história do Novo Mundo: a Independência Negra do Haiti, a 1º de Janeiro de 1804. Conquistada duramente, a Independência Haitiana deparou-se, rapidamente, com os entraves

<sup>10</sup> Dado divulgado pelo então primeiro-ministro do Haiti, Jean-Max Bellerive em entrevista coletiva da Comissão Interina de Reconstrução do Haiti, realizada em 2011.

<sup>11</sup> Dado divulgado pela Organização Internacional para Migrações – OIM.

<sup>12</sup> Sigla derivada do francês: *Mission des Nations Unies pour la stabilisation en Haïti*.

colocados pelas potências imperialistas de sua época, que condenaram e condenam ainda o país a uma situação de completa marginalidade na divisão internacional do trabalho (MAGALHÃES, BAENINGER).

Baeninger e Magalhães buscam responder à origem deste fluxo migratório para o Brasil, já que este, até então, nunca esteve no rol de países eleitos pelos haitianos como destino e, mesmo antes de consolidar a rota para cá, os haitianos já possuíam o “hábito” de migrar para os Estados Unidos, França, Canadá, caracterizando uma imigração sul-norte, que agora tem se ampliado para uma imigração sul-sul.

No caso do texto citado, o termo “síndrome migratória”, ainda que possa ser questionável por remeter a uma patologização dos movimentos migratórios, chama devida atenção para a “tradição” migrante haitiana e para a influência de fatores estrangeiros no país, pois apesar do recente desastre natural ter grande responsabilidade no atual contexto socioeconômico do Haiti, as razões da migração remontam a uma “tradição histórica” deste povo e possuem uma função na estrutura social haitiana. Na década de 1980, por exemplo, segundo um de meus interlocutores, a ditadura de Papa Doc (como era conhecido François Duvalier) influenciou a migração em peso de haitianos para países como Canadá e Estados Unidos.

De acordo com Magalhães<sup>13</sup>,

O desenvolvimento do capitalismo no Haiti é produto e produtor do comércio colonial, das revoltas escravas, da Independência Negra a 1º de Janeiro de 1804 e da marginalização secular do país pelo imperialismo. Estes processos se inserem na criação e reprodução de subalternidades e hierarquias étnicas e de classe, elementos fundantes da apropriação pelo capital da mobilidade internacional da força de trabalho haitiana (COVARRUBIAS, 2010). A produção, portanto, de uma tradição migrante no país é um processo histórico que se refere à própria forma com a qual o capitalismo desenvolve-se no país, criando e recriando desigualdades nacionais e vinculando até a medula o sistema econômico, político e social do país às exigências do capitalismo central. O fenômeno migratório internacional, por suas complexidades e particularidades, refere-se sempre a dois ou mesmo mais países. É um produto da relação entre eles, especialmente da desigualdade entre eles (MAGALHÃES, p. 6).

O fato do domínio colonial no século XVIII, o controle militar e político dos Estados Unidos no século XX e a presença brasileira hoje em dia também são dados que refletem como a influência estrangeira historicamente marcante tem operado como uma instituição política, econômica e militar fundamental desta sociedade. As “ajudas” internacionais e as remessas de emigrados haitianos, por exemplo, correspondem a cerca de 60%<sup>14</sup> do orçamento do país, atuando como aspecto fundamental da economia haitiana.

De acordo com interlocutores haitianos, outra maneira de se refletir sobre a influência de outras culturas no Haiti é pensar os idiomas falados no país (e também fora dele). Quase que a totalidade da população fala o crioulo haitiano<sup>15</sup>. Também conhecido como *créole*, tem influência do francês (que também é idioma oficial haitiano), taino (idioma nativo da ilha), de algumas línguas do oeste africano (como ewé, fon e ioruba) e do espanhol. Somente em 1961 o crioulo foi reconhecido como idioma oficial junto do francês. Segundo Rodrigues (2008),

Associada ao poder, a escrita contribui para criar o status social da língua. No Haiti o crioulo é falado pela totalidade da população.

<sup>13</sup> Em artigo intitulado “O Haiti é aqui: Sub Imperialismo Brasileiro e Imigrantes Haitianos em Santa Catarina.

<sup>14</sup> Dado apresentado por Magalhães e também divulgado por Henry Boisrolin, membro do Comitê Democrático Haitiano em uma entrevista. Disponível em:

<http://www.resumenlatinoamericano.org/2015/11/10/haiti-entrevista-a-henry-boisrolin-del-comite-democratico-haitiano-cdh-una-eleccion-democratica-es-un-acto-de-soberania-en-un-pais-ocupado-no-se-puede-hablar-de-esto/>

<sup>15</sup> *kreyòl ayisyen*.

Baseado na oralidade, sua transcrição na vida cotidiana, embora crescente, ainda é reduzida. Sua utilização escrita corresponde geralmente à afirmação de uma identidade e a um posicionamento militante. O francês, por sua vez, é a língua da educação, da administração e da maioria dos meios de comunicação. No Haiti o bilinguismo está restrito a uma ínfima parcela da sociedade e isto contribuiu sensivelmente para afastar a escrita da esmagadora maioria da população (RODRIGUES, 2008, p. 189).

De acordo com diferentes interlocutores, grande parte da renda familiar haitiana é direcionada para educação. No Haiti, aproximadamente 90% das instituições de ensino são pagas<sup>16</sup>. Mesmo quando não há a cobrança de mensalidade, uniformes e livros são pagos. Além disso, também de acordo com interlocutores haitianos, o ensino de maior qualidade é geralmente oferecido por escolas privadas que são majoritariamente administradas por organizações cristãs (católicas ou protestantes), ONGs ou organizações privadas internacionais.

O artigo de Baeninger e Magalhães contextualiza a instalação da *Minustah* num cenário de “subordinação e primazia ao externo”, compreendendo o fenômeno a partir de uma categorização “sub imperialista” da ação militar brasileira no Haiti. Para desenvolver seu argumento, Magalhães situa a categoria sub imperialista a partir dos estudos de Ruy Mauro Marini (2012):

na prática, isso se traduz, em primeiro lugar, no impulso da economia brasileira em direção ao exterior, no afã de compensar sua incapacidade de ampliar o mercado interno através da conquista de mercados já formados, principalmente na América Latina. Esta forma de imperialismo conduz, no entanto, a um sub imperialismo. Efetivamente, não é possível para a burguesia brasileira competir em mercados já repartidos pelos monopólios estadunidenses (...). Não lhe resta, portanto, outra alternativa a não ser oferecer a estes uma sociedade no próprio processo de produção no Brasil, usando como argumento as extraordinárias possibilidades de lucros que a contenção coercitiva do nível salarial da classe operária contribui para criar. O capitalismo brasileiro se orientou, assim, rumo a um desenvolvimento monstruoso, posto que chega à etapa imperialista antes de ter conquistado a transformação global da economia nacional e em uma situação de dependência crescente frente ao imperialismo internacional. A consequência mais importante desse fato é que, ao contrário do que ocorre com as economias capitalistas centrais, o sub imperialismo brasileiro não pode converter a espoliação que pretende realizar no exterior em um fator de elevação do nível de vida interno, capaz de amortecer o ímpeto da luta de classes. Em vez disso, devido a sua necessidade de proporcionar um sobrelucro a seu sócio maior estadunidense, tem que agravar violentamente a exploração do trabalho nos marcos da economia nacional, no esforço para reduzir seus custos de produção (MARINI, 2012, p. 156-157).

Além de o Brasil liderar as “forças de paz” no Haiti a presença expressiva de empresas brasileiras no país é fato marcante, principalmente no setor industrial e da construção civil. A força delas no mercado local e a ação estratégica, principalmente dentre as empresas responsáveis pela reconstrução do país é característica fundamental do que Magalhães chama de “subimperialismo brasileiro”. Ainda de acordo com o autor, esta prática faz uso de uma aparência benévola ao liderar as forças de estabilização do país, sendo que sua essência reside nos fatores econômicos.

Assim, deve-se atentar que o Haiti possui em sua própria estrutura fatores de expulsão de sua população, sendo que estes se intensificaram em decorrência dos últimos desastres. De

---

<sup>16</sup> Dados divulgados por Christelle Chapoy, comunicadora do Banco Mundial.

acordo com Magalhães, no artigo intitulado “O Haiti é aqui: primeiros apontamentos sobre os imigrantes haitianos em Balneário Camboriú – SC”:

Analisando em perspectiva histórica, o Haiti reproduz sistematicamente fatores estruturais de expulsão de sua força de trabalho: não se trata de um país não capitalista, mas sim de um país capitalista dependente cujas relações de produção são incapazes de incorporar as próprias massas à produção, ao consumo e às formas dignas de existência. A população do país, atualmente, é de 10.255.644 habitantes, dos quais 44,5% em condição de subnutrição. Apenas 17% têm acesso à rede sanitária, razão pela qual a maior parte das causas de morte, as infecto-parasitárias, deriva de razões que poderiam ser facilmente evitadas. A cólera, por exemplo: piorada após o terremoto de janeiro de 2010, poderia ser superada com melhorias simples no sistema sanitário e no de tratamento de água. A despeito destes dramas nacionais, apenas 1,5% do PIB é investido em saúde. Dentre os habitantes, 34,7% não são alfabetizados. Em média, consomem 2.080 kcal ao dia, mesma quantidade de calorias que no Iêmen e na Tanzânia. É tudo o que dá para consumir dentro deste contexto de crise alimentar permanente, dado que 61,7% vivem com menos de um dólar ao dia, patamar internacionalmente convencionado para definir a “linha da pobreza”. Como apenas 26,1% dos partos são assistidos por profissional de saúde qualificado, em 350 de cada 100.000 nascidos vivos a mãe não sobrevive ao parto. Setenta em cada mil crianças morrem até os cinco anos de idade. Segundo dados do IBGE<sup>17</sup>, cinquenta e três morrem antes de completar um ano de vida (MAGALHÃES, 2014).<sup>18</sup>

Estas características, aliadas ao grande poder estrangeiro no país, propiciam o quadro de expulsão populacional. Muitas falas dos interlocutores corroboraram com isso, e a migração parece surgir nos contextos familiares haitianos como uma estratégia frente aos desafios existentes no país.

De acordo com Faria (2013)<sup>19</sup>:

[...] as razões que deram início ao fluxo migratório do Haiti para o Brasil são imprecisas. Algumas hipóteses levantam que a participação do Brasil na força de paz no Haiti, através da MINUSTAH, tenha despertado o interesse pelo país. Outra hipótese é de que ante o fechamento da fronteira da Guiana Francesa – destino privilegiado dos haitianos na América do Sul – os mesmos foram impelidos a dirigir-se ao Brasil, onde esperam encontrar mais oportunidades de trabalho, dado seu crescimento econômico, às obras de infraestrutura com vistas à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016, à construção de hidrelétricas e ainda à repercussão midiática que vem adquirindo nos últimos anos (p. 85-86).

Apesar de as razões para a intensificação deste fluxo serem relacionadas, por grande parte dos *meios de comunicação*, quase que restritamente aos desastres e à crise humanitária

<sup>17</sup> Os dados trazidos por Magalhães foram retirados de uma plataforma online de dados estatísticos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), acessados por mim em junho de 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/paisesat/>.

<sup>18</sup> MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **O Haiti é aqui: primeiros apontamentos sobre os imigrantes haitianos em Balneário Camboriú – SC**. Revista PerCursos. Florianópolis, v. 15, nº. 28, p. 223 - 256. jan./jun. 2014.

<sup>19</sup> Faria, Andressa Virgínia de. **A diáspora haitiana para o Brasil: o novo fluxo migratório (2010-2012)**. Belo Horizonte, 2013. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial.

que se instalou no Haiti, em um artigo<sup>20</sup> sobre o caso dos haitianos em Tabatinga (AM), ao analisar as origens geográficas dos haitianos entrevistados, os autores Jean-François Véran, Débora da Silva Noal e Tyler Fainstat, verificaram que mesmo que exista uma forte correlação entre o terremoto e o atual movimento migratório para o Brasil, ainda assim, poucos migrantes vinham das regiões mais afetadas pelo terremoto. No caso foram contabilizadas pouquíssimas pessoas oriundas da região de Léogêne, cidade que teve cerca de 80% de seu território devastado. De fato, muitos de meus interlocutores que chegaram através da fronteira acreana vieram de cidades como Ouanaminthe, que não foi atingida em larga escala.

Ainda assim, há um grupo significativo de pessoas que vivenciaram o terror ocasionado pelo terremoto, como o caso de M.<sup>21</sup>, estudante universitário oriundo da cidade de Porto Príncipe que no momento do tremor estava na universidade: “[...] *conversávamos e, de repente, um barulho e tudo tremia. Um segundo depois eu já sabia que era um terremoto. Já teve tremores duas vezes antes, mas esse dia foi muito mais. [...] Saímos, caminhamos, o céu ficou cinza e eu dizia que algo não estava certo, algo tá acontecendo. Tinham prédios grandes no caminho... ‘Eu tô perdido? Eu não vejo nada!’ [...] tudo caindo com as pessoas. Eu via pessoas saindo do hospital, eu via tudo, via sangue... Caminhamos a pé até nossas casas, durante uma hora e chegando lá, ninguém da minha família tinha morrido, mas... [...] Acontece que no Haiti tudo era concentrado na capital e agora o país não podia se administrar*”.

Após entrar em contato com os estudos de Magalhães, procurei pesquisar mais sobre esta suposta prática subimperialista. Acabei por encontrar uma reportagem reproduzida pelo portal Geledés<sup>22</sup> (e disponibilizada pelo portal Ig – Último segundo), acerca da tese de doutorado de Franck Seguy, defendida no Instituto de Filosofia da Unicamp e intitulada por “A catástrofe de janeiro de 2010, a ‘Internacional Comunitária’ e a recolonização do Haiti”<sup>23</sup>. O sociólogo haitiano define por Internacional Comunitária um conjunto de países que se uniram em prol da “reconstrução do país” ao redigirem o PARDN (Plano de Ação para Reerguer e Desenvolver o Haiti) logo após o terremoto.

Entretanto, também na visão deste autor, assim como nos escritos de Baeninger e Magalhães, o projeto teria outra finalidade. De acordo com Seguy (2010), o texto deste projeto é sintetizado por diretrizes para criar zonas francas de comércio e produção através da criação de infraestrutura adequada, tendo por vocação atender demandas do capital transnacional. Assim, o Haiti estaria se transformando em uma colônia no formato do século XXI da qual o capital transnacional seria o senhor. E, de acordo com sua avaliação, o Brasil estaria contribuindo para esta recolonização através de suas “pretensões sub-imperialistas” ao comandar as forças de segurança da Minustah.

Seguy denuncia ainda a corrupção de ONGs e instituições que deveriam trabalhar em prol da população local, mas que, dentre outros fatores, por conta da má utilização dos recursos destinados à reconstrução não cumprem com suas supostas funções. De acordo com a reportagem:

Para conseguir sobreviver, os haitianos acabam aceitando longas jornadas de trabalho em troca de um salário equivalente a R\$ 11 por dia. Como exemplo da má utilização do dinheiro a reconstruir o país, Seguy cita a expropriação de 250 hectares de terras cultivadas por famílias do campo. Um dia antes do primeiro aniversário do terremoto, o governo haitiano assinou um acordo com a então secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a companhia têxtil coreana Sae-A Trading. A partir daquele dia, 366 famílias precisaram deixar o lugar e até hoje aguardam indenização, escreve o autor

<sup>20</sup> FAINSTANT, Tyler. NOAL, Débora da Silva. VÉRAN, Jean-François. **Nem Refugiados, nem Migrantes: A Chegada dos Haitianos à Cidade de Tabatinga (Amazonas)**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 57, n.º. 4, 2014.

<sup>21</sup> Nomes trocados por letras para preservar a identidade dos interlocutores.

<sup>22</sup> Reportagem disponível em: <http://www.geledes.org.br/haiti-foi-recolonizado-pelas-forcas-de-paz-defende-haitiano-em-tese-na-unicamp/#u=xvx8> (acesso em 12 de abril de 2015).

<sup>23</sup> SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “internacional comunitária” e a recolonização do Haiti**. Campinas, SP: [s.n], 2014.

[Seguy]. Outro exemplo é a região em que concentram a ‘reconstrução do país’: ‘Tudo o que se faz é no nordeste, embora o terremoto tenha atingido o oeste e um pouco do sudeste do país’, lamenta o sociólogo. (Reportagem disponível em: <http://www.geledes.org.br/haiti-foi-recolonizado-pelas-forças-de-paz-defende-haitiano-em-tese-na-unicamp/#u=xvx8> (acesso em 12 de abril de 2015)).

Em especial, esta última informação me chamou bastante atenção, pois se relacionarmos com as percepções dos autores Jean-François Véran, Débora da Silva Noal e Tyler Fainstat sobre a origem dos imigrantes que aqui chegam, pode-se entender que mesmo que exista uma forte correlação entre o terremoto e o fluxo haitiano para o Brasil, este, na realidade, tem suas raízes profundamente ligadas aos aspectos econômicos e políticos. Além disso, a mobilidade haitiana ocorre também em um quadro sociocultural determinado.

Sintetizando o que foi exposto até então, se relacionarmos ao pensamento de Sayad sobre a relação de dominação expressa no par emigração/imigração e o que Baeninger, Magalhães e Seguy entendem por “ação subimperialista” e por “recolonização” no Haiti, podemos compreender que o fluxo haitiano para o Brasil foi impulsionado após a decorrência do terremoto, mas está localizado dentro de um espectro social, econômico e político mais amplo que é caracterizado por uma forte influência estrangeira, a qual remonta à própria história haitiana e ao atual cenário político e econômico brasileiro.

### **A migração haitiana como um *Projeto***

Magalhães apresenta uma pesquisa de Tobias Metzner ao contextualizar aspectos que permeiam a construção do projeto migratório por parte de haitianos:

Destaca-se que há pouca informação objetiva [sobre o Brasil] ao alcance dos migrantes haitianos. A maior parte da mesma, no que se refere às condições de vida no Brasil, provém dos retratos que fazem os meios de comunicação de massa, não são numerosos e usualmente estão baseados nos esportes, rumores propagados por traficantes, e o boca a boca anedótico através da Construtora OAS, companhia brasileira que construiu várias estradas na metade sul do país, e o Batalhão Brasileiro MINUSTAH. Há uma compreensão generalizada de que existem oportunidades laborais no Brasil para trabalhadores não qualificados, os vistos são relativamente fáceis de obter e a suposição de que o Brasil não deporta aos migrantes irregulares. Os migrantes que esperavam radicar-se de modo permanente no Brasil eram uma minoria. Aqueles que buscavam apenas residir de modo temporário, em termos gerais esperavam poupar de 10.000 a 20.000 dólares por ano (a estimativa resulta das discussões com os grupos focais). Entre os migrantes que buscam residir de maneira permanente, suas expectativas incluía a compra de um veículo e uma casa, e dispor de fundos suficientes para trazer toda a sua família ao Brasil e cobrir suas necessidades materiais com um único salário. Quanto aos migrantes mais jovens, suas expectativas principalmente estavam associadas ao acesso a uma educação superior (METZNER, 2014, p. 15-16).

A imigração haitiana são se trata somente de um projeto individual, mas familiar, e que possui um sentido social mais amplo, como podemos verificar no artigo de Joseph Handerson, intitulado por “Diaspora<sup>24</sup>. Sentidos sociais e mobilidades haitianas”. No texto, o autor faz um

<sup>24</sup>Ainda que eu tenha observado, assim como Handerson, que a mobilidade seja elemento constitutivo do mundo social haitiano, percebo uma multiplicidade nos processo ditos “diaspóricos”. Nem todos os migrantes atravessam os mesmos caminhos ou as mesmas fronteiras para chegar até o Brasil. Aliás, nem todos tem o mesmo destino. Tampouco se assentam no país de forma igual, já que alguns transitam de modo provisório

apanhado etnográfico sobre os usos sociais do termo “diáspora” entre os próprios haitianos evidenciando “como a mobilidade se revela constitutiva do mundo social e dos horizontes de possibilidades dos haitianos” (HANDERSON, 2015, p. 74). Isto sem invisibilizar aqueles que permanecem no país por diferentes fatores. De acordo com o autor, o deslocamento daqueles que partem contribuem para a imobilidade de quem fica e vice-versa, mais especificamente no que refere àqueles que estão deslocados e enviam remessas para os que ficam e quando quem fica é quem financia a viagem daqueles que partem.

Omar Ribeiro Thomaz (2011) narra o Haiti dias após o terremoto:

Diante do colapso do sistema bancário e do *Western Union*, membros da diáspora se deslocaram ao Haiti com dinheiro no bolso. Na falta de voos para Porto Príncipe, as passagens dos EUA e do Canadá para Santo Domingo rapidamente se esgotaram, a fronteira terrestre dominicana-haitiana colapsou nos dois sentidos: no sentido daqueles que queriam abandonar o país e no dos que vinham de longe para trazer comida, remédios e dinheiro para parentes e amigos (Thomaz, 2011, p. 277).

Ainda que os resultados dos projetos migratórios sejam incertos, a mobilidade tem uma função social e simbólica. Consiste numa estratégia socialmente estruturada e estruturante reproduzida através da cultura e da sociabilidade. Um projeto individual e/ou familiar que tem por finalidade criar condições materiais para a pessoa retornar a sua origem e possa ajudar na reconstrução do país e na melhoria da condição social da família... Além disso, é um projeto de manutenção de sobrevivência à medida que a economia interna haitiana é fortemente dependente das remessas dos emigrados.

De fato esta relação entre os que ficam e os que partem, trazida também por Sayad, foi evidenciada em diversas falas de meus interlocutores que, em totalidade, assinalam a vinda para o Brasil como um *projeto* (VELHO, 2003) para melhorar de vida através do trabalho e/ou estudo, criando assim novas possibilidades para ajudarem suas famílias e contribuírem na reconstrução e transformação do Haiti. Nas falas o trabalho e o estudo longe do Haiti são definidos como caminhos para crescer economicamente e proporcionar autonomia. Entretanto este projeto se inscreve num costume migratório anterior ao estabelecimento da rota para o Brasil. Em visita a uma associação de haitianos, enquanto aguardava a reunião começar, conversei com três interlocutores. Todos já haviam morado em outros países antes do Brasil, como Venezuela, Colômbia, Espanha e Estados Unidos. Além deles, mais cinco pessoas que também estavam presente no encontro também compartilharam que já haviam migrando antes. Assim como todos os outros interlocutores com quem conversei, eram homens e jovens. Em outra ocasião, num grupo focal, alguns diálogos remeteram a aspectos sócios culturais da dinâmica migratória haitiana, expondo uma “tradição” de deslocamento relacionada ao sentido familiar da migração e também à questão da condição de retorno:

Mediador: “Alguém recebe alguma ajuda do Haiti?”

Interlocutor 1: “Sim, tem gente que recebe.”

Interlocutor 2: “Nos primeiros meses que cheguei aqui, um parente mandava dinheiro para mim. E nós conhecemos um rapaz, que tá morando no Alto Aririu, e a família ajuda ele.”

Mediador: “A prioridade de vocês é tentar mandar dinheiro pro Haiti também? Ou vocês estão investindo mais em vocês?”

---

enquanto outros pretendem viver aqui permanentemente. Além disso, mesmo que os distintos projetos migratórios tenham similaridades, as pessoas possuem aportes materiais e subjetivos distintos condicionando suas futuras experiências de formas diferentes... É preciso ter cautela ao reunir uma multiplicidade de trajetórias sublimadas em um conceito carregado de tantas significações como “diáspora”.



Interlocutor 1: *“Neste caso tem mais pessoas que mandam dinheiro para o Haiti. E também tem haitiano que volta no Haiti. Já encontramos um caso, um que falou que é difícil de se adequar aqui, deixar a família... E é caro. Vem olhando que a impressão que tem do Brasil, aqui não é a mesma coisa e já compra passagem para voltar...”*

O mediador então pergunta se eles pensam em ir para outro país. Ele contou sua experiência quando vivia no Canadá e lá conheceu muitos haitianos.

*Risos dos participantes.*

Interlocutor 2: *“O Canadá também é Haiti.”*

Interlocutor 1: *“Nos EUA existe uma cidade Little Haiti. Uma cidade de haitianos.”*

Interlocutor 3: *“Os EUA já tem haitiano que é deputado. Os EUA é um país muito aberto, o Canadá também.”*

Interlocutor 4: *“Não é só aqui no Brasil que tem muitos haitianos, no Canadá, França e Estados Unidos também.”*

[...]

Interlocutor 1: *“Mas a coisa é que para viajar... Tem bastante haitiano que quis viajar e está buscando alguma coisa a mais. Por que você sabe, desde o terremoto no Haiti, as universidades estão quebradas, muitas coisas quebradas. E a educação baixou um pouco. Estão procurando um lugar para estudar, um lugar melhor para trabalhar.”*

Interlocutor 2: *“Procuramos um país que tenha a tecnologia mais avançada para depois ajudar nosso país.”*

*(risos)*

Mediador pergunta: *“Vocês pensam em voltar então?”*

*Respondem em grupo que sim.*

Interlocutor 2: *“Nós que vivemos fora de nosso país pensamos nisso, em ajudar a arrancar o país do barranco. Nós não queremos estar no Estado do Brasil só para mandar dinheiro para o Haiti. Mas também para nós haitianos que estamos aqui no Brasil, para poder ajudar nosso país. Cada dia algum país dá dinheiro, da alguma coisa para nosso país. Mas nós também. Se nós também estudamos aqui no Brasil, assim podemos voltar algum dia para ajudar nosso país.”*

*Pensamos que se um país nos dá educação e nos ajuda com emprego é melhor do que dar dinheiro a cada dia. É melhor com educação... Se tu dá dinheiro, vai ajudar só um pouco tempo. Mas se tu nos dá educação, com isso nós podemos ajudar nosso país a cada dia.”*

Interlocutor 2: *“Quando você dá a uma pessoa alguma coisa que é material, pode quebrar, pode roubar... Depois de dois dias perdeu. Mas uma coisa que entra na cabeça, como profissão, acho que é a melhor coisa que alguém pode dar a outra pessoa no mundo. Dar uma*

*profissão. E nós temos. Na escola que vamos a ir. Digo da nossa escola do Haiti, nosso diretor principal saiu aos Estados Unidos, morou bastante tempo. E depois voltou e fez uma escola com a mesma estrutura dos EUA, mesma coisa!”*

Segundo um dos interlocutores, em outro momento do grupo focal:

*“Na realidade essa é uma coisa que... [risos] [...] vai ficar muito estranho para você, por que é o seguinte, por exemplo: [...] nós sempre procuramos o lugar onde pode achar o melhor. Você pode perceber, todos os haitianos são assim. Gostam do Canadá, da França, vão para a Alemanha... Para mesmo, achar a educação. [...] O que eu tenho que fazer depois do trabalho é me educar, pra depois ser um cidadão do mundo. Não só para o Brasil, mas para o mundo. [...] Eu estudo aqui e volto ao Haiti.”*

[...]

*Interlocutor 1: “Ahhh... Eu tenho experiência, mas não quero mais... e já falei para muitos amigos: eu não viajo mais, não quero mais... Já viajei muito! Quase oito países, quase oito países! [risos] Já viajei tantas vezes que o avião até já deu pane comigo. O vidro quebrou comigo lá! Já viajei tantas vezes e não quero viajar agora...”*

*Interlocutor 2: “No Haiti volto às vezes. Eu quero que ficar no Haiti. Só esperar [...] as famílias que tenho nos EUA.”*

*Interlocutor 2: “Brasil já abriu as portas pra nós. pois um caminho não é só andar, mas o acompanhamento é muito importante. Não pode só estudar sem trabalhar, e também não pode trabalhar sem estudar, na vida uma coisa só não dá. As duas caminham junto. E eu queria que as coisas melhorassem para que as pessoas tenham essa oportunidade para que não sejam as pessoas que dão problema para sua cidade amanhã”.*

[...]

*Interlocutor 3: “Muitos que estão aqui tem parentes, pai e mãe que podem ajudar a estudar no Haiti, mas não tem muita universidade para estudar, quebrou bastante no terremoto. Mas eu diria a ele [haitiano que está no Haiti] não. fica ai no Haiti, estuda, trabalha... Mas depois tu pode vir aqui no Brasil. Mas deixar tudo como estou fazendo... Ele tem que ficar, terminar com estudo, não dá para comparar o trabalho daqui e o de lá. é muito diferente. Eu estando aqui no brasil não posso dizer nada mal do Brasil, por que o Brasil tá ajudando eu e nosso país também. Mas o que eu esperava... não era com é. Tudo que tô esperando agora e amanhã é a educação.”*

*Interlocutor 4: “E o Brasil tem uma coisa. nossa família não sabe o que estamos fazendo aqui. por exemplo, minha família não tem tanto dinheiro, mas tem carro, casa, estudam em 3 escolas. falou que não era pra vir. Mas agora eu não quero falar o que faço o que trabalho aqui. mas ainda tenho esperança de que vou me tronar a pessoa que eu queria. por exemplo trabalho na tecnologia, o Haiti é um pais muito atrasado.”*

*Interlocutor 5: “Provavelmente a maioria dos parentes dos que estão aqui não sabem o que fazem por aqui. A maioria pensava que viriam para estudar... Ficam com vergonha de voltar sem ter alcançado. Vai ser feio para nós e para o Brasil também.”*

Interlocutor 2: *"Não temos problema com o trabalho, mas queremos estudar também!"*

Como já exposto, os fluxos migratórios são originários tanto de áreas destruídas pelo terremoto, como também de áreas que apesar de não terem sido atingidas, sofrem com a desestabilização econômica e administrativa do Haiti. O país todo "parou". A oferta de ensino superior diminuiu drasticamente e muitos dos haitianos que vem para o Brasil têm por objetivo dar continuidade aos estudos. Mesmo aqueles que aqui chegam através de propostas de trabalho têm a intenção de aprimorar sua formação. Ainda que algumas famílias demonstrassem receio com a viagem, este parece ser também um projeto familiar, já que muitos interlocutores associam as viagens como um investimento (individual ou familiar). Para além da questão financeira, a intenção do Projeto migratório no Brasil é de criar bases materiais para a transformação da vida no Haiti.

Também é evidenciado nos trechos do grupo focal, a frequência de deslocamentos da comunidade haitiana e a diversidade de destinos. Entretanto, ocorre a preocupação em retornar ao Haiti, mesmo que não seja de forma definitiva. Dessa forma, a mobilidade haitiana, enquanto estratégia individual e/ou familiar com um sentido social encontra na ideia de retorno o sentido simbólico de seu projeto migratório, assim como sugere Sayad.

### **O processo de chegada ao Brasil**

Segundo Patarra<sup>25</sup>,

o processo de entrada desses imigrantes em território brasileiro é semelhante na quase totalidade dos casos. A viagem começa em Porto Príncipe ou na República Dominicana, e por via aérea chegam a Lima, Peru, ou em Quito, no Equador, países que não exigiam visto de entrada para os haitianos. Destas duas cidades partem por via terrestre em uma viagem que pode se estender por mais de um mês, ao longo do percurso eles vão alternando trechos percorridos em ônibus e barcos (PATARRA, 2012, p. 13-14).

Alguns de meus interlocutores não chegaram aqui através deste processo. Poucos chegaram direto ao Brasil por via aérea e já com o visto. Alguns chegaram através de intercâmbio universitário, também direto ao Brasil. Mas a maioria de fato atravessou o roteiro exposto por Patarra, e quando eu tentava questionar sobre a experiência desta etapa, todos silenciavam. Talvez por falta de confiança em mim, talvez por medo, ou por simplesmente não querer revisitar o que foi vivido<sup>26</sup>... Na ocasião do grupo focal, ao serem questionados se conheciam alguém que estivesse no Acre, interlocutores responderam:

Interlocutor 1: *"Se conhecem devem avisar que venham para cá"*

Interlocutor 2: *"Se conhece alguém, já deveria estar aqui. Avisar pra ele comprar a passagem!"*

Interlocutor 3: *"É como falamos, se conhecemos alguém que está lá, falamos que compre a passagem e venham aqui. Mas se não conhecemos, não podemos, não dá para fazer nada infelizmente"* (Trecho transcrito do áudio do grupo focal).

Se por um lado estas falas não explicam especificamente que experiências lá vivenciaram, por outro deixavam evidente que se trata de uma realidade a ser evitada. Mais tarde, em um evento público, o relato de P., jovem haitiano que esteve em contato próximo com os

<sup>25</sup> PATARRA, Neide Lopes. **O Brasil: País de imigração?** In: Revista E-Metropolis, nº 09, ano 3, junho de 2012. p. 01-18.

<sup>26</sup> Desvendar os motivos deste silêncio exige aprofundar as relações com os interlocutores, excedendo os limites desta pesquisa.

haitianos que chegaram a Florianópolis no fim de maio de 2015, nos ônibus fretados pelo governo do Acre para a região Sul, contou que seus conterrâneos, ao relatarem as experiências nos trajetos até a fronteira, narraram terríveis histórias de mulheres estupradas, pessoas que morreram afogadas ou se perderam na selva.

De acordo com relatos de interlocutores e registros coletados pelo *webdocumentário* “Até Breve Haiti”<sup>27</sup>, para sair do país, grande parte dos haitianos paga sua própria viagem e alguns têm a mesma subsidiada por algum programa de caráter humanitário. No entanto, a maioria dos imigrantes conta com atravessadores, conhecidos como “coiotes”, que fazem o tráfico de migrantes. Segundo um levantamento da Organização Internacional para Imigrantes, seis em cada dez haitianos que aqui chegam contam com coiotes. Estes pedem, em média, até US\$ 5 mil pela viagem, a qual pode durar até três meses, num trajeto repleto de riscos nem sempre conhecidos pelos migrantes. Sujeitam-se à irregularidade por não conseguirem o visto na embaixada ou pela pressa em chegar. Passando pela República Dominicana, Panamá, Equador e Peru, muitos dizem que durante o percurso são roubados e humilhados pelos traficantes e pelas polícias, entretanto, ainda assim arriscam-se no trajeto.

Um dos principais pontos de chegada é a cidade de Brasiléia, no estado do Acre. Lá, são orientados a encontrar a delegacia da Polícia Federal para solicitar o refúgio. Por sua vez, a PF expede um protocolo que os transforma em “solicitantes de refúgio” (caráter que deveria ser preliminar, mas muitas vezes se estende por tempo indeterminado). A partir disso, formalmente, os migrantes obtêm os mesmos direitos que os cidadãos brasileiros possuem, como acesso à saúde e educação. Com isso, podem fazer a carteira de trabalho, tirar passaporte e CPF. Após realizarem o registro na PF, suas documentações seguem para o Comitê Nacional de Refugiados (Conare) e para o Conselho Nacional de Imigração (Cnig). Estas entidades dão início a um processo para avaliar a concessão de residência permanente em caráter humanitário de validade de até cinco anos.

No ano de 2013, o governo do estado do Acre decretou situação de emergência social nas cidades de Brasiléia e Eptaciolândia devido ao grande contingente de imigrantes e a pouca estrutura para recebê-los. Assim, quando o Estado não supre as necessidades, parte das demandas é respondida pela própria sociedade civil. Em abril do ano de 2014, um abrigo que funcionou por meses em Brasiléia foi fechado em razão das enchentes do rio Madeira, no Acre. Superlotado, o abrigo deixou desabrigados não apenas haitianos, mas também imigrantes do Senegal, Bangladesh, Nigéria e República Dominicana. Em consequência desse fechamento, o governo acreano mandou-os para a capital, de onde seguiram viagem em ônibus fretados para diversos estados.

As condições do alojamento em Brasiléia são extremamente precárias. É ali onde haitianos - e imigrantes de outras nacionalidades - se abrigam enquanto aguardam a legalização no país. Em abril de 2013, cerca de 1,3 mil pessoas viviam no alojamento, cuja capacidade era para 250 pessoas. A situação caótica vivida em Brasiléia fez o governador do Acre, Tião Viana (PT), decretar estado de emergência social na cidade. A ONG Conectas Direitos Humanos afirmou que o abrigo apresenta “condições desumanas”, após visita realizada em agosto de 2013. ‘É insalubre, desumano até. Os haitianos passam a noite empilhados uns sobre os outros, sob um calor escaldante, acomodados em pedaços de espuma que algum dia foram pequenos colchonetes, no meio de sacolas, sapatos e outros pertences pessoais. A área onde estão as latrinas está alagada por uma água fétida, não se vê sabão para lavar as mãos e quase todos com os que conversamos se queixam de dor abdominal e diarreia. Muitos passam meses nessa condição’, ressaltou o coordenador de comunicação da Conectas, João Paulo Charleaux, em reportagem feita pela organização.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.atebrevehaiti.com/>

<sup>28</sup> SALVIANO, Murilo; VILELA, Thiago. Disponível em: <http://www.atebrevehaiti.com/>

Depois das dificuldades enfrentadas durante o trajeto, muitas vezes traumático, a chegada às terras brasileiras não se torna menos conturbada. Com poucas informações de como proceder para se estabilizar, como a barreira do idioma, além da falta de estrutura para o primeiro acolhimento, os migrantes buscam em uma nova viagem dentro do Brasil, um lugar com condições para se estabilizar. Existem três formas dos imigrantes haitianos saírem do Acre em direção a outros estados, por meio de empresas contratantes, por conta própria, ou então, o governo do Acre subsidia as passagens de ônibus até estados da região centro-sul brasileira.

Assim que chegam às terras brasileiras, os haitianos obtêm, através da Resolução Normativa Nº 97 do CNIg – Conselho Nacional de Imigração –, o CPF, Cadastro de Pessoa Física, com o qual podem obter a Carteira de Trabalho. Assim, portando estes dois documentos, podem abrir contas bancárias (não sem dificuldades) e enviar remessas aos familiares que no Haiti permaneceram e, por consequência, tornam-se objeto de processos de recrutamento por parte de empresas ainda na fronteira do Brasil com o Peru. Este recrutamento tem um perfil significativamente específico: as empresas buscam homens jovens, saudáveis, que não tenham filhos ou esposas no Brasil e que possuam alguma experiência profissional. Assim, é comum que idosos e mulheres com filhos fiquem por mais tempo na área de fronteira.

De acordo com uma reportagem<sup>29</sup> divulgada em maio de 2015 pelo portal de notícias G1, 75 inquéritos tramitam no Ministério Público do Trabalho que desde 2013 investiga as condições de trabalho enfrentadas pelos imigrantes que chegam ao Brasil através da fronteira acreana. O procurador-chefe do MPT Marcos Cutrim relatou que empresas, principalmente da região centro-sul brasileira, dirigem-se ao Acre para contratar trabalhadores haitianos tendo requisitos absurdos como espessura da canela e genitália, hábitos que remontam à época escravagista. Segundo Cutrim: “[...] Parece que era uma mera vontade de discriminar e selecionar. O que se percebia é que os abrigos mais pareciam senzala do século XIX”. Este tipo de situação embasa a preocupação que muitos haitianos demonstram de verem seus “irmãos de terra”<sup>30</sup> serem escravizados ou explorados<sup>31</sup>.

Voltando à reportagem, de acordo com a ação do MPT, que, todavia será avaliada pela justiça, dentre as medidas para prevenir que situações como as descritas acima, será exigido que o governo federal assuma a gestão institucional e financeira do abrigo no Acre, bem como o encaminhamento dos imigrantes para o SINE (Sistema Nacional de Emprego). Além disso, o transporte interestadual deve ser de responsabilidade do governo.

Ao relatar a relação entre o poder executivo local e a política externa brasileira em torno da imigração haitiana no contexto de Tabatinga (AM), os autores Véran, Noal e Fainstat (2014) afirmam:

No contexto geopolítico de 2010-2011, a migração haitiana conformou, para o Brasil, uma situação diplomática delicada. No momento da definição do status dos migrantes haitianos, o Brasil apresentava sua candidatura ao Conselho de Segurança da ONU. Um forte apelo fora dado à implicação do país na ajuda à regulamentação internacional dos direitos humanos, com o exemplo da participação decisiva do Brasil na coordenação da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (Minustah). Isto é, o Haiti, nesse sentido, apresentara-se como uma vitrine do *savoir-faire* (saber-fazer) brasileiro, e por isso denotava importância estratégica. Nesse contexto, deportar maciçamente migrantes haitianos seria fechar fronteiras para uma solução politicamente insustentável. De outro lado, na ausência de um acordo subcontinental acerca das migrações haitianas, e como as fronteiras dos países tradicionais de migração estavam se fechando, o Brasil não podia por si só assumir uma postura de “generosidade”

<sup>29</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/05/largura-de-canela-e-requisito-para-haitiano-conseguir-emprego-no-brasil.html> (acesso em maio de 2015).

<sup>30</sup> Expressão empregada por alguns interlocutores haitianos para se referir a seus compatriotas.

<sup>31</sup> No contexto catarinense, ao longo da pesquisa também tomei conhecimento de situações vexatórias no ambiente de trabalho, casos de salários desiguais entre imigrantes e brasileiros que exerciam a mesma função, e inclusive de imigrantes em condições análogas ao trabalho escravo.

sem correr o risco de estimular fluxos que seriam politicamente custosos em nível nacional. Em outros termos, o hiato sentido nos âmbitos municipal e estadual e dentro dos próprios órgãos federais refletia a questão “ontológica” da diplomacia brasileira. De certo modo, também para o Executivo a situação de Tabatinga fora “funcional”, no sentido de que funcionava como uma zona hermética, permitindo manter a distância entre o problema e sua solução e amortecendo custos políticos.

De fato, a tensão entre esferas locais, nacionais e globais foi uma constante dentro da pesquisa e evidenciou tanto um jogo de interesses como a dificuldade de certas instituições assumirem a responsabilidade diante do fenômeno. Ao passo que existe a necessidade urgente de uma articulação estratégica entre estes planos, na prática isso se configura como um dos principais desafios brasileiros, principalmente diante da vinda de fluxos migratórios mistos que nossa legislação não parece dar conta (fluxos de imigrantes e refugiados, ao mesmo tempo em que dentro destes existam indivíduos nem imigrantes nem refugiados). Pois, acontece que a situação jurídica em que os imigrantes haitianos no Brasil se encontram propicia sua invisibilidade e por consequência, sua exploração. Além disso, os próprios migrantes também migram dentro de suas jornadas migratórias. Daí a necessidade de se analisar as redes sociais, para poder acompanhar o movimento de forma articulada.

### **A legislação brasileira**

A legislação brasileira que define a posição jurídica do estrangeiro corresponde à lei nº 6.815, datada de 19 de agosto de 1980, chamada de Estatuto do Estrangeiro. O Art. 1º do Estatuto orienta que “Em tempo de paz, qualquer estrangeiro poderá, satisfeitas as condições desta Lei, entrar e permanecer no Brasil e dele sair, resguardados os interesses nacionais” (BRASIL, 1980). O Art. 2º prevê que “na aplicação desta Lei atender-se-á precipuamente à segurança nacional, à organização institucional, aos interesses políticos, socioeconômicos e culturais do Brasil, bem assim à defesa do trabalhador nacional” (BRASIL, 1980). Assim, conforme os interesses econômicos, políticos e sociais, a postura do Estado diante da entrada de estrangeiros no território nacional pode se tornar mais ou menos flexível.

No ano de 2012 instituições integrantes do Fórum Social pela Integração e Direitos Humanos dos Migrantes no Brasil assinaram um manifesto em defesa da alteração da legislação migratória brasileira. De acordo com o manifesto a atual legislação se trata de uma herança “ditatorial”, fundamentada na preocupação com a segurança nacional daquele período sem ver a migração como um direito humano. Porém, outras questões se tornaram fundamentais para a política brasileira de migrações atual, sobretudo econômicas. Nessa necessidade de mudança é que se pauta o Projeto de Lei nº 5.655/2009 que há cerca de dois anos tramita na Câmara dos Deputados e aguarda votação de comissões.

Ainda no mesmo manifesto, o Fórum Social defende que são necessárias modificações no texto do Projeto de Lei. De acordo com as entidades, no novo Estatuto do imigrante os procedimentos administrativos continuam burocratizados e a segurança nacional segue acima dos direitos humanos, tratando-se somente de uma revisão da lei “atual” nº 6.815/80, sem que ocorra mudança de paradigmas e notando-se ainda retrocessos.

Todavia muito se discute e ainda se discutirá acerca da legislação que evidentemente não responde às necessidades do fenômeno atual considerando a existência expressiva de indivíduos indocumentados e principalmente no que se refere à indefinição do status do migrante haitiano.

Também está em tramitação no Congresso o Projeto de Lei 2516, de autoria do senador Aloysio Nunes (PSDB-SP). Trata-se de uma lei que discorre sobre os mecanismos que tratariam da vinda de imigrantes ao Brasil e apesar de tramitar sob a suposição de que sua aplicação corresponderia a uma visibilidade mais humanizada aos estrangeiros, na realidade, o PL mascara a criminalização do sujeito imigrante, relegando a questão para a instituição policial.

Ao se apresentar na Cátedra Unesco Memorial da América Latina, Igor Machado

(antropólogo estudioso da migração no Brasil) discorreu sobre o histórico da legislação migratória no país e afirmou que existe “*uma unidade impressionante, entre os diferentes projetos, justamente no que têm de mais prejudicial ao imigrante: medo e discriminação*”<sup>32</sup>.

O Projeto de Lei do senador prevê a extinção do Conselho Nacional da Imigração (CNIg), presidido pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que funciona como uma estrutura articulada que gerencia a imigração. Esse fechamento centralizaria a gerência sobre o imigrante na Polícia Federal, instituindo a imigração como um problema a ser resolvido. De acordo com Machado, como não há uma previsão de que seja criada outra instituição que organize as políticas migratórias e reflita sobre as condições atuais, a lei é encarada como se somente ela resolvesse de imediato todas as questões. Além disso, o Projeto de Lei questiona o tratamento individual aos casos que o CNIg tenta realizar, como veremos posteriormente, como exemplo, a questão dos haitianos que chegam indocumentados ao Brasil.

Igor Machado (2015) ainda crítica que a lei restringiria a liberdade de órgãos do poder executivo de deliberar sobre novas situações que possam surgir, levando a responsabilidade novamente à Polícia Federal. Para o pesquisador a lei é uma tentativa ilusória de “prever todas as ~~situações possíveis de chegada~~ de estrangeiros ao país”. Para isso, faz uso de termos guiados pelo senso comum. Além disso, Machado afirma que no PL existe uma preocupação bastante minuciosa de relatar primeiro as formas de retirada do estrangeiro do solo nacional, atendo-se inicialmente as formas de expulsão e só depois os possíveis meios de naturalização. Em suas palavras: “Ou seja, primeiro destacamos a vontade de evitar a diferença, depois com o fato de ter que, no final das contas, lidar com a incorporação de alguma diferença no tecido social brasileiro”.

No PL, quando se delibera sobre a possível naturalização, as condições criam divisões entre quem seria considerado mais ou menos aceito. Há por exemplo, a condição de que se resida no país por no mínimo quatro anos e se comunique na língua portuguesa. Machado acredita que estas são “claramente armadas” para produzir uma futura exclusão, já que existem milhares de cidadãos brasileiros que não dominam o português. Além disso, a lei permitiria também a permissividade frente à precarização do trabalho.

Em relação à atual política de refúgio brasileira, a Lei nº 9474/97 foi a primeira a implementar no Brasil um tratado Internacional de Direitos Humanos, reconhecendo como refugiados pessoas que, em virtude de posição política, nacionalidade, raça, religião, etnia ou grupo social, tenham sofrido perseguição ou temor por suas vidas, bem como tenham sido vitimadas por violações dos direitos humanos. A lei prevê ainda que aqueles que aqui tenham sido reconhecidos como refugiados terão o direito estendido também à sua família. Uma vez reconhecido como refugiado, este gozará dos direitos e deveres dos estrangeiros no Brasil.

A legislação de refúgio brasileira também instituiu o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), organismo interministerial que é presidido pelo Ministério da Justiça que detém o poder de definir a elegibilidade de possíveis asilados e é responsável pela integração dos refugiados no Brasil.

Ainda de acordo com a Lei 9474/97, o estrangeiro que desejar solicitar refúgio pode expressar sua vontade a qualquer autoridade migratória que esteja na fronteira, a qual é responsável por fornecer as informações sobre o procedimento. É de suma importância salientar que mesmo que o ingresso ao território nacional tenha sido de forma irregular, isto não constitui um impedimento para solicitar o refúgio.

Assim que o pedido de refúgio for feito, a autoridade a quem foi apresentado deverá preparar uma declaração que contenha as circunstâncias da entrada no país bem como as razões que fez a pessoa sair do país de origem. Após esse procedimento, o Departamento de Polícia Federal emite um protocolo em favor do solicitante e seu grupo familiar que esteja em território nacional. Este protocolo permite a estadia no país até que a decisão final do processo ocorra. Em caso de decisão negativa, cabe recurso junto ao Ministério de Estado e Justiça em até 15 dias contados a partir do recebimento da notificação constando os fundamentos da decisão, e durante o período de análise do recurso, a estadia em solo nacional também está garantida.

Assim, os primeiros haitianos que chegavam à fronteira brasileira a partir do terremoto de 2010, solicitaram a concessão de refúgio e por esse motivo tiveram a entrada no país concedida. No

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.ufscar.br/~igor/wp-content/uploads/est.pdf>

entanto, por entender que os haitianos não se enquadravam na conceituação de refugiados que está prevista na lei, o CONARE negou os diversos pedidos que tinha recebido. Além disso, o órgão compreendeu que os haitianos não podiam comprovar que sofriam ameaça a sua segurança, vida ou liberdade e que pessoas que não querem ou não podem voltar a seu país de origem por conta de catástrofes naturais não estavam amparadas pela lei brasileira de refúgio. Apesar disso, o CONARE considerou que os haitianos tinham uma necessidade diferenciada de aqui permanecer em virtude da situação em que o Haiti se encontra. Para tanto, o órgão encaminhou o caso para o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), fazendo uso de um instrumento legal que permite o redirecionamento de casos que apresentem caráter humanitário. Após a análise por parte do Conselho, este expediu uma resolução que concede aos haitianos o visto de caráter humanitário.

Dessa forma, a situação jurídica dos haitianos no Brasil é regulamentada pela Resolução Normativa nº 97 de 2012 do CNIg, sendo regida pelo Estatuto do Estrangeiro e não pela legislação do refúgio. A diferença entre o visto concedido aos haitianos e das outras modalidades previstas pelo Estatuto do Estrangeiro é que para este ser concedido, não é necessário apresentar contrato de trabalho.

Esta Resolução Normativa, que já foi prorrogada, prevê a expedição de até 1.200 vistos permanentes por ano. Entretanto, a imigração “ilegal” não cessou e desde 2010 aumentou exponencialmente, obviamente excedendo a previsão da Resolução, e ocasionando que haitianos continuem entrando no país como solicitantes de refúgio e sujeitando seu trajeto às mãos de coitotes. Assim que chegam as terras brasileiras, os haitianos fazem a solicitação de refúgio. Com a abertura deste processo o protocolo é emitido em favor do imigrante e com isso ele pode obter o CPF e a Carteira de Trabalho enquanto a solicitação é estudada pelo Conare-Comitê Nacional para os Refugiados.

Entretanto, o processo tem demorado muito mais do que o esperado devido ao volume de solicitações. Há interlocutores que relatam uma espera de mais de dois anos. Assim, os haitianos, nem refugiados nem migrantes, sofrem por sua posição limiar entre uma Lei de Refúgio moderna e um Estatuto do Estrangeiro “ultrapassado e restritivo” o qual remonta aos tempos da ditadura. Há na confluência entre destas duas perspectivas jurídicas um lugar duplo de controle e ajuda. Em termos práticos, apesar de proporcionar o asilo e a possibilidade de buscar trabalho, essa indefinição da situação do migrante haitiano perante o órgão federal, em que o status de “solicitante de refúgio” se mantêm graças à necessidade de recursos jurídicos que se sucedem, contribui para a dificuldade da população em regularizar seus papéis como residente, adquirindo o RNE (Registro Nacional de Estrangeiro). O Protocolo apesar de garantir o acesso ao CPF e a Carteira de trabalho, impede o imigrante de acessar direitos básicos como acesso a carteira de habilitação, casamento ou retorno ao seu país de origem sem o perigo de não poder voltar ao Brasil. Além disso, muitos empregadores e funcionários públicos não estão cientes da validade do Protocolo como documento de Identificação. Assim, muitos imigrantes haitianos têm atendimentos negados e oportunidades de emprego perdidas. Estas demandas estão entre as principais registradas na pesquisa realizada pelos membros do GAIRF e serão aprofundadas posteriormente.



## 2. Haitianos na região da Grande Florianópolis

A contextualização apresentada previamente pretendia delimitar o “objeto” da pesquisa: o grupo de haitianos migrantes em Florianópolis. Nela foi brevemente traçada o que chamo de “história sociológica” do migrante, construída a partir de caracterizações político-sociais, não buscando evidenciar relações de causa e efeito entre os fatos expostos e o fenômeno aqui estudado, mas numa tentativa de situá-lo também relacionado às dimensões estruturais. Porém, essa história sociológica não reflete necessariamente a experiência do imigrante haitiano, menos ainda a percepção que os haitianos têm de si próprios. Diante disso, é perceptível que existe uma dimensão que não é acessível somente por meio da construção de uma trajetória sócio histórica do objeto. Assim, a presente pesquisa se propôs destacar a dimensão antropológica do fenômeno através da análise dos relatos de experiência dos interlocutores e da atuação junto à rede de apoio aos imigrantes na região.

### Florianópolis como um destino

Estima-se que em Florianópolis residam cerca de 370 haitianos<sup>33</sup>. Já em Santo Amaro da Imperatriz residem cerca de 200 haitianos, de acordo com membros da Associação de Haitianos em Santa Catarina, que também estimam quase 1.000 haitianos residentes na cidade de Palhoça. De acordo com reportagem publicada no início do ano de 2014, pelo jornal Diário Catarinense<sup>34</sup>, o servidor Damião Borges de Melo, então coordenador do abrigo de Brasília no Acre, estima que o estado de Santa Catarina já contava com mais de 5 mil haitianos. De acordo com Damião, aproximadamente 25 cidades catarinenses são procuradas, dentre as quais Florianópolis, Balneário Camboriú, Itajaí, Chapecó, Jaraguá e Criciúma. Segundo estimativas do fundador da Associação *Kay Pa Nou*, o estado de Santa Catarina atualmente abriga entre 4 e 6 mil haitianos. Estes números são imprecisos por diversos fatores que serão explorados mais adiante.

Na maior parte das vezes os haitianos que chegam a Santa Catarina buscam oportunidades de emprego na agroindústria do oeste catarinense e nas cidades do litoral norte em razão das vagas geradas devido à intensificação da construção civil. Outra parcela dos haitianos que estão em Florianópolis, substancialmente menor, vem através do Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti para estudar na Universidade Federal de Santa Catarina. Através do apoio à formação de profissionais, este projeto tem por objetivo “contribuir com a reconstrução do Haiti”. Para tanto, o programa coordenado pela Capes, em conjunto com a Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC) e o Ministério das Relações Exteriores (MRE), concede bolsas de estudos em instituições de ensino superior brasileiras (IES) para estudantes das instituições de ensino superior de Porto Príncipe. Entretanto, como poderemos ver mais adiante, mesmo aqueles que utilizam, por assim dizer, o mercado de trabalho como ferramenta de inserção na sociedade brasileira almejam também “desenvolver-se” profissional e academicamente.

De acordo com relatório do GAIRF, foi através do recrutamento no Acre por empresas da Mesorregião do Vale do Itajaí que chegaram à Santa Catarina os primeiros haitianos. Estas pessoas atuam profissionalmente de acordo com o serviço destas empresas, estando elas concentradas nos setores da construção civil, de operações portuárias, indústrias, limpeza urbana e área logística (principalmente em redes de supermercados). Com a concentração, a partir de 2011, de imigrantes nas cidades de Itajaí, Navegantes e Balneário Camboriú, outras empresas deram início ao recrutamento para empresas majoritariamente da agroindústria da região do Oeste de Santa Catarina. De acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o número de haitianos que possui vínculo de trabalho formal passou de zero, em 2011, para 1.281 no ano de 2013. Desde então, os haitianos são o principal grupo estrangeiro no mercado de trabalho formal, tanto no Brasil como no estado catarinense. Entre janeiro e maio de 2015, em

<sup>33</sup> Estimativa apresentada por membro da prefeitura em uma roda de conversa realizada na Fundação Cultural Badesc, no dia 10 de junho de 2015.

<sup>34</sup> Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/estelabenetti/2014/01/18/sc-e-destino-preferido-dos-trabalhadores-haitianos/?topo=67,2,18,,67> (acesso em 10 de setembro de 2014).

Santa Catarina foram emitidas 2.259 carteiras de trabalho para imigrantes vindos do Haiti, sendo que este número é mais que o dobro de todo o ano de 2014, quando foram emitidas 986 carteiras de trabalho para haitianos<sup>35</sup>.

Em 2011, foram quatro emissões de carteira de trabalho. Já em 2012, foram 62 e em 2013, 774 carteiras de trabalho. De acordo com artigo de Cavalcanti, Oliveira e Tonahati (2015) sobre a Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro, realizado pelo Observatório das Migrações Internacionais, entre 2011 e 2013 a presença estrangeira aumentou em todas as Unidades da Federação. E os Estados que tiveram maior crescimento relativo foram os Estados da Região Sul, dentre eles Santa Catarina que entre 2011 e 2013 teve o aumento de 282% de presença estrangeira no Estado. Em relação ao fluxo dos haitianos o artigo apresenta entre 2011 e 2012 um crescimento de 406% e de 254% em 2013. Este número, entretanto deve ser mais expressivo, já que muitos imigrantes fazem o registro no momento de entrada no solo brasileiro, o que geralmente ocorre no estado do Acre. Além disso, os dados citados tomam por base o registro de trabalho formal por parte dos imigrantes, entretanto é sabido que existem muitos migrantes atuando em trabalhos informais, situação mais expressiva no caso das mulheres, que frequentemente acabam trabalhando como empregadas domésticas e poucas vezes através do vínculo formal. As áreas de ocupação com maior contratação de imigrantes em Santa Catarina parecem ser o setor frigorífico (carga e abatimento de aves, bovinos e suínos), construção civil, restaurantes, indústrias, faxina e serviço geral, servente de obras, estoque e reposição.

Em notícia veiculada no mês de maio pelo jornal Notícias do Dia, a manchete diz: “Aproximadamente 50% dos imigrantes que chegam ao Acre, principal ponto de entrada deles, querem vir para Santa Catarina”.

Quando embarcou num ônibus em Rio Branco, no Acre, Claudy Jacques sabia apenas que precisava chegar em Florianópolis, onde estavam seus amigos. Como ele, milhares de outros haitianos procuram Santa Catarina atrás de trabalho e oportunidades. Segundo a PF (Polícia Federal), são 1.600 haitianos no estado, O número, no entanto, é controverso, pois em apenas três cidades do litoral norte, dados das prefeituras indicam a soma de quase 2.000 imigrantes do país caribenho. Independente do número, o certo é que eles não param de chegar em busca de um futuro melhor.<sup>36</sup>

É interessante apontar que os migrantes que não chegaram a Florianópolis através de intercâmbio universitário, vêm pelo intermédio de empresas que vão ao Acre ou a São Paulo contratar trabalhadores. Se não, viajam por sua conta em busca de ofertas de emprego. Estes, assim que chegam às terras brasileiras, mesmo sem ter o visto de permanência regularizado, já podem – e são instruídos a – fazer sua carteira de trabalho. Então, assim como sugere Sayad (1998), o trabalho corresponde ao passaporte do migrante haitiano.

Ainda na reportagem, o secretário de Justiça e Direitos Humanos, Nilson Mourão afirma que a vinda dos haitianos para o estado se dá aqui, já que além de possuírem emprego garantido, também já têm amigos e conhecidos. De fato, onde há uma rede social com grande número de imigrantes, uma rota migratória é estabelecida (PATARRA, 2010). Se estas redes funcionam de forma tão significativa na formação das rotas migratórias, que papéis elas podem desempenhar na etapa de integração na comunidade de acolhida? Percebo que além de amigos, familiares e conhecidos, as redes sócio técnicas também tem um papel fundamental na formatação das rotas e fluxos migratórios.

Quando Magalhães caracteriza a relação brasileira com o Haiti como “sub imperialista”, relaciona o pensamento de duas estudiosas da migração, Neide L. Patarra e Teresa Sales:

Teresa Sales (SALES, 1996) não hesita em relacionar a migração de paraguaios ao Brasil com o fenômeno da expansão da posse de propriedades agrárias paraguaias por fazendeiros e empresas

<sup>35</sup> Dados compilados pela Antropóloga Tamajara J. L. da Silva, 2015.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/166437-numero-de-haitianos-em-florianopolis-e-sao-jose-e-cada-vez-maior.html> com acesso em 10/09/2014

brasileiras. E vai inclusive além: insere esta presença brasileira no país vizinho no âmbito da dinâmica expansiva da agricultura brasileira, que se alastra aos países do Cone Sul mantendo o padrão agrário concentrador, latifundiário, e da oposição a este modelo, analisando concretamente as lutas travadas no campo e o surgimento do MST. Trata-se de uma pista importante de como o desenvolvimento do capitalismo dependente no Brasil, que engendra o fenômeno do subimperialismo, impulsiona o capitalismo brasileiro ao exterior e motiva a criação de fluxos migratórios particulares. Tais fluxos, como apontam o caso específico dos paraguaios, movem milhares de migrantes para as cidades brasileiras. Dentro desta lógica, evidencia-se uma relação entre a presença paraguaia no Brasil e a própria presença brasileira no Paraguai. Para as hipóteses deste trabalho, convém destacar que esta presença brasileira no Paraguai não se dá ao acaso, senão que é produto das leis próprias do desenvolvimento do capitalismo dependente [...]. [...] Percebe-se, com isto, que o subimperialismo brasileiro pode sim condicionar fluxos migratórios específicos. Esta percepção é reforçada por Neide Patarra (PATARRA, 2012). Ao referir-se à deterioração das condições econômicas e sociais no Haiti, Patarra (PATARRA, 2012), afirma que “neste quadro, a presença do Brasil no Haiti, no comando da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH, iniciada em 2004, foi fator de fundamental importância na inserção do país no quadro dos destinos procurados pelos haitianos que buscavam fugir da miséria e da desordem social” (PATARRA, 2012, p. 13). Concorrem para isto as ideias colhidas junto aos militares brasileiros no país, as atividades organizadas no Haiti pelo governo brasileiro, incluindo de visitas de Estado do Presidente Lula até amistosas da seleção brasileira e um conjunto de informações bastante imprecisas sobre a vida no Brasil (MAGALHÃES, sem página).

Da mesma forma como sugere Sales em relação à migração paraguaia, Patarra também vê a presença brasileira no Haiti relacionada diretamente à presença haitiana no Brasil. Esta relação requer uma investigação mais profunda. Se Sayad aponta que a relação emigração/imigração se expressa em uma relação de dominação estabelecida entre sistemas econômicos com linhas de desenvolvimento distintas (SAYAD, 1998), e se de fato se expressa como uma relação sub imperialista, como estas relações de dominação se manifestam nas trajetórias individuais dos migrantes, ao passo que também estruturam seus campos de possibilidades (VELHO, 2003)? Como estas relações se expressam nos distintos contextos urbanos brasileiros em que os haitianos se assentam? Problematizar a migração haitiana para o Brasil poderia funcionar como um enquadre para explicar também aspectos da sociedade brasileira? Como uma dimensão de disputas, negociações, transformações, resistências e choques, de que forma o cotidiano – as vivências individuais em sociedade – reflete dinâmicas estruturais (relações de opressão, dominação, privilégio, poder, solidariedade, etc.)?

Por exemplo, certo dia eu estava na feira do centro da cidade escolhendo as verduras que iriam compor o jantar daquela noite. Em meio aos produtos a pequena televisão do feirante sintonizava no noticiário do meio-dia, e naquele momento narrava uma reportagem sobre a atual situação migratória na Europa. Naturalmente, acabei deixando a escolha dos verdes um pouco de lado e tentei escutar... Então, uma senhora que estava a disputar os melhores ramos de couve comigo, ao perceber o desvio do meu foco, resolveu dar sua opinião gratuita sobre o que a tela retratava: “*Cê já viu que esses pretos também estão vindo para cá? Se a Europa que é a Europa tá em crise... Imagina como o Brasil vai ficar? Não é tirar o pouco trabalho que tem pra gente*”. E o feirante, acrescenta: “*Eu ouvi dizer que quem trouxe eles pra cá foi o PT, pra eles votarem na Dilma*”. Fiquei estarelecida diante do diálogo e confusa se deveria intervir frente aos absurdos que acabara de ouvir, já que a primeira opinião gratuita parecia ter sido direcionada para mim. Calei por não sentir que de fato alguém fosse escutar o que eu tinha para dizer. Paguei as verduras e logo procurei um lugar onde pudesse sentar e rabiscar a anedota em meu diário de campo. A primeira reflexão que seguiu a narrativa do episódio foi a constatação de que, se o que estou

estudando é a experiência do migrante durante o processo de inserção na sociedade de acolhida, será inevitável trabalhar também as representações e categorizações reproduzidas por esta sociedade (“brasileira”) e seus indivíduos sobre os migrantes que aqui estão se alocando. Pois, os símbolos atribuídos aos migrantes parecem dizer muito também sobre aqueles que os atribuem...

Durante o campo, trabalhei como garçom em um restaurante de comida japonesa. O dono do restaurante sabia que eu estava pesquisando a migração haitiana e certo dia, no início do expediente, me falou que um haitiano começaria a trabalhar lá também. Mais tarde me chamou para conhecê-lo. Não entendi nada quando deparei com um jovem, negro, de uns 15 anos, falando comigo em um português tão afinado quando o meu. Meu chefe ria e dizia: “*vai dizer, tão escurinho quanto um haitiano!*”.

Quando a senhora da feira opina sobre o suposto desemprego ocasionado pela vinda de imigrantes – relacionando diretamente à cor da pele negra dos haitianos – ela não só reproduz uma falácia xenofóbica, mas também expressa o racismo brasileiro que por ser tão naturalizado<sup>37</sup>, permite que as pessoas reproduzam opressões sem qualquer constrangimento. Da mesma forma, quando meu chefe antes de me apresentar uma pessoa pelo nome, apresenta-a pela cor. O universo simbólico em que o migrante haitiano chega é carregado de diversas representações sobre o que é “ser de fora”, o que é “ser negro”, e uma noção bastante superficial do que é “ser haitiano”. Como estas representações e comportamentos tão enraizados nas relações sociais brasileiras implicam na experiência do migrante haitiano?

## 2.1 Dinâmicas de inserção e integração

### O Grupo de Apoio aos Novos Imigrantes e Refugiados como espaço de articulação

No início do campo, acompanhei um painel de discussão sobre os novos fluxos de imigrantes e refugiados em Santa Catarina idealizado por integrantes do Grupo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados em Florianópolis (GAIRF). O evento aconteceu na noite de 10 de setembro de 2014, no auditório da biblioteca universitária da UFSC, e tinha o intuito de sensibilizar e informar a comunidade universitária sobre a questão. De acordo com a descrição no *Facebook* (onde fiquei sabendo do evento), o grupo foi constituído<sup>38</sup> no início de 2014 por diferentes organizações da sociedade civil e do poder público, buscando somar esforços na busca de soluções para diversas necessidades que os imigrantes têm enfrentado na chegada ao estado, dentre elas, problemas com documentação, moradia, alimentação domínio da língua portuguesa e “escuta dos desafios enfrentados”. No evento, pesquisadores e profissionais de diferentes áreas envolvidos com o GAIRF apresentaram uma contextualização dos principais fluxos, as diferenças e especificidades entre refúgio e migração e os impactos psicológicos destas situações, propiciando a discussão tanto sobre as implicações macrosociais como subjetivas do fenômeno. Além disso, a programação disponibilizou um espaço para que um haitiano e um sírio compartilhassem um pouco de sua experiência e trajetória até a chegada à cidade de Florianópolis.

Os membros que compõem o grupo de apoio se relacionam com os fluxos migrantes de distintas formas. Fazem parte: associações de migrantes, membros de instituições e grupos religiosos que fornecem acolhimento, pequenos cursos de português, orientação jurídica, de saúde, para trabalho, moradia, etc. E geralmente, são quem fazem a “ponte” entre líderes religiosos de distintos grupos migrantes. Além destes, voluntários, pesquisadores de diferentes universidades e profissionais das áreas de direito, assistência social, antropologia, relações internacionais, psicologia e línguas estrangeiras. Também participam representações políticas e profissionais do poder público.

<sup>37</sup> Sobre o “racismo à brasileira” em: DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro, 1987. Digressão: A Fábula das Três Raças, ou o Problema do Racismo à Brasileira.

<sup>38</sup> No momento, o grupo era formado pelas seguintes entidades: Ação Social Arquidiocesana; Pastoral do Migrante; Coordenação Arquidiocesana de Pastoral; Clínica Intercultural – UFSC; Cáritas Regional SC; Gab. Vereador Lino Peres; Conselho Regional de Psicologia; Serviço de Assessoria Jurídica Universitária Popular – SAJU; Movimento Focolares, Dep. Geociências – UFSC; Observatório das Migrações – UDESC; Coletivo Memória, Verdade e Justiça; e Centro de Referência em Direitos Humanos Estamira Gomes de Sousa - CRDH/Florianópolis.

Após conhecer o GAIRF por meio do painel de discussão, passei a frequentar as reuniões do grupo, com o objetivo de me aproximar do debate local e assim, compreender melhor qual a territorialidade desta população, não no sentido estritamente geográfico, mas também como o espaço simbólico onde as pessoas interagem e constroem suas redes sociais. O grupo foi criado em abril de 2014 por iniciativa da Arquidiocese de Florianópolis, frente à falta de iniciativas do poder público local e estadual em relação à temática. Com a formação do grupo, buscavam-se meios de atender as demandas de novos imigrantes e refugiados que procuravam a instituição em busca de assistência e orientação de forma articulada. Tendo como aspiração a integração dos imigrantes à sociedade brasileira, o grupo tem atuado em diversas frentes por meio da rede que seus membros constituem. Atualmente a organização congrega sociedade civil e mais de 15 instituições, dentre elas, representantes do poder público, universidades, organizações não governamentais e igrejas que atuam junto aos novos imigrantes e refugiados. Como exemplo de ações está o atendimento direto aos imigrantes, como no recente caso dos ônibus com imigrantes vindos do Acre e no atendimento fornecido pela Pastoral do Imigrante (instituição membro do GAIRF); a produção de conhecimento sobre a população; a sugestão de ações práticas a serem tomadas e a pressão aos órgãos públicos. As reuniões do GAIRF têm ocorrido mensalmente na cúria da Arquidiocese, são abertas à comunidade e visam a autonomia e o protagonismo dos novos imigrantes e refugiados<sup>39</sup>.

As reuniões do GAIRF começavam com uma rodada de apresentações, pois a cada mês, novos rostos apareciam. Ainda que houvesse uma rotatividade de participantes, alguns membros sempre estiveram presentes. Apesar da rotatividade, o compromisso com as atividades do grupo era algo, evidentemente, estimado e esperado. Os debates desenvolvidos nas reuniões do GAIRF giram em torno do registro das demandas por parte das pessoas e instituições que trabalham diretamente com os imigrantes, e a partir destas experiências são formulados em conjunto encaminhamentos e ações práticas. Dentre elas estão ações como reuniões com a Secretaria de Assistência Social do município de Florianópolis; a realização de eventos como o Painel na UFSC já citado nesta narrativa, o qual tinha por objetivo sensibilizar a comunidade acadêmica a respeito da temática; a realização de uma audiência pública na Câmara Municipal de Vereadores (em agosto de 2014), expondo as demandas e especificidades das experiências dessa população ao Poder Público Municipal. Outra iniciativa da organização foi a criação de um plataforma online<sup>40</sup>, alimentada coletivamente, reunindo textos, material audiovisual, notícias e informações úteis à comunidade.

Desde a criação do Grupo de Apoio, o Arcebispo de Florianópolis solicitou uma audiência com o prefeito do município. O convite foi aceito, porém a audiência foi desmarcada pelo gabinete por quatro vezes consecutivas, fato que explicita a falta de compromisso político com este tema por parte da prefeitura. Uma das alternativas que o GAIRF procura propor através da audiência é a criação de um Comitê Intersetorial que viabilize e centralize o atendimento das demandas dos imigrantes e refugiados. Frente à ausência da prefeitura no debate, recorreu-se ao Ministério Público Federal expondo a situação desta população através de uma carta solicitando o apoio do Órgão Ministerial visando instar o Município e demais entes públicos a desenvolver possíveis resoluções para estas questões através da efetivação de políticas públicas, tais como a criação de um Centro de Referência para Apoio a Refugiados e Imigrantes que centralize ações nas áreas de orientação quanto à documentação, saúde, educação, geração de emprego, dentre outras.

No início de 2015, o grupo apresentou um plano de ação reunindo aproximadamente vinte objetivos a serem desenvolvidos durante o ano. Para tanto, alguns membros se dividiram em comissões que se responsabilizariam por cada objetivo. Dentre as metas estavam a elaboração de um documento para o Ministério Público e para a imprensa sobre a realidade dos imigrantes e refugiados. Também figurava dentre os objetivos buscar o fortalecimento da presença de migrantes nas reuniões, organizar uma Semana Multicultural prevista para a semana nacional do imigrante (14 a 21 de junho), formar uma biblioteca digital e realizar um levantamento estatístico do atendimento aos imigrantes e refugiados na região. Além disso, convidar as Secretarias Municipais, o Ministério

<sup>39</sup> São chamados de novos imigrantes os fluxos que aqui chegam desde a primeira década do século XXI. Tratam-se majoritariamente de imigrantes de países do Mercosul e de outros países da América do Sul (estes formam um movimento mais antigo em relação aos outros contingentes), senegaleses, ganeses, refugiados sírios, europeus e haitianos.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://imigrafloripa.wordpress.com/>.

Público e a Comissão de Direitos Humanos da ALESC para os encontros, bem como fazer uma reunião com o Superintendente da Polícia Federal.

Tanto no Painel como na primeira reunião que acompanhei, frequentemente falas dos participantes se remeteram à dificuldade da rede entrar em contato com haitianos, pois ainda não se tinha conhecimento de um grupo organizado que pudesse funcionar como uma “ponte” de contato entre a organização e a população. De fato, nos primeiros encontros observei a ausência dos próprios imigrantes nas discussões. Entretanto, este quadro mudou durante o ano de 2015 com o aumento da rede de contatos do grupo e a consequente aproximação de representantes de associações de haitianos da cidade de Florianópolis, Santo Amaro da Imperatriz e da Palhoça, bem como a aproximação de instituições que atendem migrantes em outras regiões do estado catarinense.

No início da minha participação nos encontros do GAIRF, mantive uma postura de observação, logo nas primeiras reuniões percebi que o grupo enfrentava desafios parecidos com os quais também havia me deparado durante a pesquisa. Além da necessidade de se construir pontes com os migrantes, outro dos desafios em comum se tratava de desvendar qual a dimensão desta população. Esta é uma questão de suma importância já que só é possível aplicar ações eficientes se estas corresponderem à realidade das pessoas para as quais as ações foram desenvolvidas. Dessa forma, membros do GAIRF organizaram um grupo de pesquisa, do qual passei a fazer parte, para desenvolver um mapeamento, ainda que preliminar, dos novos imigrantes da região. Este mapeamento seria exposto através de um relatório produzido em conjunto. Assim, nessa confluência de objetivos passei a me envolver mais com as discussões e ações do grupo, pois acreditava que ao me vincular com outros pesquisadores, meus estudos poderiam, tanto contribuir, como crescer.

Assim que comecei a participar da comissão de levantamento, foi instantânea a diferença de tratamento que recebi do grupo. Enquanto eu agia como mera espectadora, não havia um interesse em torno de mim, não conversavam muito comigo. Mas quando parei de somente escutar e observar, e comecei a falar, as pessoas passaram a compartilhar mais informações comigo.

Os encontros do grupo responsável pelo mapeamento para a elaboração do relatório do GAIRF ocorreram no período entre o início de março de 2015 e junho do mesmo ano, quando no dia 24, foi apresentado ao Grupo de Apoio e disponibilizado pela internet<sup>41</sup>. As reuniões contavam geralmente com as mesmas pessoas, mas ainda tinham pessoas que trabalharam para este levantamento “à distância”. Pesquisadores, estudantes, imigrantes haitianos e membros de instituições que prestavam atendimento a migrantes fizeram parte da equipe que desenvolveu a pesquisa.

A partir dos diálogos entre os membros e suas diferentes áreas de conhecimento<sup>42</sup>, construímos pontes e desenvolvemos estratégias para acessar a população. Inicialmente o objetivo era realizar um apanhado estatístico a partir dos registros das instituições participantes do GAIRF que atendiam migrantes, bem como dados fornecidos pela Polícia Federal e pela prefeitura. Entretanto, tanto a PF, como a prefeitura não disponibilizaram informações apesar das inúmeras tentativas por parte dos pesquisadores.

Dentre os dados estatísticos coletados pelo mapeamento do GAIRF, os mais significativos foram fornecidos pela Pastoral do Migrante, organizados pela Antropóloga e Agente de Ação Social, Tamajara J. L. da Silva. Os números demonstram que o perfil dos migrantes que se estabelecem em Florianópolis se alteraram radicalmente desde 2010 até agora, corroborando a tendência de nível nacional, o fato decorre principalmente pela vinda de haitianos.

A Pastoral teve início na região no ano de 1966 com a vinda de Missionários Scalabrinianos à Arquidiocese de Florianópolis e desenvolve sua atuação nas dimensões sociais, culturais e espirituais. Sua atuação abrange além da capital catarinense, chegando às cidades de Biguaçu, Palhoça, São José e Santo Amaro da Imperatriz.

---

<sup>41</sup> Ver em: <https://imigrafloripa.files.wordpress.com/2015/08/relatc3b3rio-gairf-versao-publicar-ult.pdf>.

<sup>42</sup> As áreas de estudo dos membros eram Antropologia, Ciências Sociais, Filosofia, Geografia, História, Psicologia e Relações Internacionais.

Entre julho de 2013 e maio de 2015 foram realizados 486 novos atendimentos aos imigrantes pela Pastoral. Sendo que cada migrante tem em média cinco atendimentos e estimando uma média de 110 imigrantes atendidos por mês, neste período a Pastoral realizou 2.430 atendimentos a refugiados e imigrantes. Destes, aproximadamente 41% foram oferecidos para argentinos, seguidos de 23% voltados aos haitianos e 10% aos uruguaios. Destes atendimentos, 65% foram fornecidos à população masculina, correspondendo a 316 atendimentos. Para mulheres migrantes foram fornecidos 147 atendimentos. Em relação à faixa etária das pessoas atendidas, trata-se de uma população majoritariamente em “idade produtiva”.

Os atendimentos e atividades da Pastoral são realizados pelos padres Dirceu e Joaquim, pela Agente Social e Antropóloga Tamajara e pelo voluntário Giacomo Liberatore. A atividade é diária e consiste em auxiliar os imigrantes e refugiados através do acolhimento, transmitindo informações sobre os aspectos legais e documentação, encaminhamento e auxílio junto aos órgãos públicos e acompanhamento do processo de integração das pessoas. É importante ressaltar que o único apoio financeiro que a Pastoral recebeu (entre março de 2014 e março de 2015) veio do Scalabrini International Migration Network (SIMN), que tem sede em Nova York. Trata-se de um apoio de 13 mil reais anuais que possibilitou a regularização migratória de 67 migrantes de seis países, o que envolveu o investimento de R\$12.500. De acordo com as informações fornecidas pela Pastoral ao relatório:

Entendemos que sem esta ajuda não haveria nenhuma alternativa para que eles pudessem conseguir pagar as taxas da Receita Federal para regularizar sua situação migratória no Brasil, uma vez que se tratava de pessoas e famílias humildes, e inclusive em estado de vulnerabilidade social extrema – em situação de rua”(GAIRF, p. 17).

Além do auxílio fornecido do SIMN, a Pastoral não conta com nenhum apoio do poder público e conta com escasso dinheiro particular para se manter, ainda que ocupe funções que, segundo os integrantes da instituição, deveriam ser desempenhadas pelo Estado. Outro desafio que a instituição enfrenta é o espaço físico reduzido. Os atendimentos ocorrem em uma sala, o que obriga os imigrantes aguardarem sua vez em pé nas escadarias e no pátio da Igreja, faça chuva ou faça sol. A falta de espaço faz, por exemplo, com que a Pastoral tenha que recusar voluntários dispostos a auxiliar nas atividades que sobrecarregam as pessoas que lá já trabalham. Os recursos reduzidos impedem, por exemplo, o acolhimento de migrantes que se encontram em situação de rua. Assim, uma das principais demandas que a Pastoral tem é, além do maior envolvimento do poder público com a questão, a urgente abertura de um Centro de Acolhimento que possa fornecer acomodação temporária. “Atualmente se faz necessário e urgente a construção de uma Política Pública de Acolhimento aos migrantes no Brasil em parceria com as instituições da sociedade civil que vem trabalhando tantos anos de forma solitária com a temática (GAIRF, p. 18)”.

Frente à dificuldade de acessar outras fontes de dados, a comissão de levantamento de dados decidiu aliar o levantamento estatístico a métodos de pesquisa qualitativa para melhor conhecer a realidade destes imigrantes na região. Para tanto, através das relações que desenvolvi durante minha pesquisa, participei de uma das reuniões da Associação *Kay Pa Nou* e realizei conversas com estudantes Haitianos da UFSC. A partir do convívio com membros destas duas associações produzi um relato etnográfico que foi compartilhado e discutido com os outros membros do grupo para a elaboração conjunta do relatório final. Além disso, a pesquisadora Maria das Graças Brightwell e o pesquisador Fernando Damazio realizaram um grupo focal com membros da AHSC e uma visita ao grupo de Haitianos que frequentam aulas de português ministradas por voluntários do grupo ecumênico Focolares, no Alto Aririú (localizado no município da Palhoça). O roteiro de questões para o grupo focal foi organizado em conjunto a partir das experiências acumuladas até então pelas vivências dos pesquisadores junto aos migrantes.

Mediado pelo pesquisador Fernando e observado pela pesquisadora Maria das Graças, o grupo focal foi registrado em áudio com cerca de duas horas de duração o qual foi transcrito por mim. Além disso, os pesquisadores produziram relatos das atividades, compartilhados para a discussão junto ao grupo. O grupo focal contou com sete participantes e ocorreu na residência de membros da AHSC, na cidade de Santo Amaro da Imperatriz, no dia 18 de abril de 2015. Todos os participantes eram homens idades de 19 a 27 anos.

Os pesquisadores explicaram aos participantes quais os objetivos da pesquisa e pediram consentimento livre e esclarecido tanto para a realização do grupo focal como para o uso de suas falas na produção do relatório bem como em publicações acadêmicas. Todos consentiram por escrito.

Os pesquisadores relataram que o início da atividade teve um tom mais formal. Tive a mesma sensação em outros momentos de meu trabalho de campo, mesmo quando estabelecia contatos individuais e não com grupos, como no caso das visitas às associações. Os primeiros contatos com os interlocutores sempre foram permeados por palavras mais sérias e formais, mas quando ocorriam encontros mais frequentes com os interlocutores, depois de algumas conversas, os sorrisos já eram mais fáceis e os diálogos amigáveis.

Voltando ao grupo focal, inicialmente os participantes relutaram em falar sobre suas trajetórias pessoais e as dificuldades enquanto grupo foram relatadas de modo formal pelo presidente da associação. Mais tarde foi possível vislumbrar alguns aspectos das trajetórias individuais quando alguns se sentiram mais à vontade e compartilharam os problemas que têm enfrentado no Brasil. Os relatos geraram falas bastante simbólicas e similares às narrativas coletadas em outras ocasiões.

### **As associações de haitianos**

Atualmente a maior concentração de migrantes parece ser no Oeste catarinense, não mais no litoral. A mobilidade interna dos haitianos é o componente principal da dispersão destes por Santa Catarina, fator que dificulta mensurar a população. Entretanto, esta mobilidade propicia o encontro e a organização dos imigrantes em todas as Mesorregiões do estado, o que permitiu a criação de pelo menos seis associações de imigrantes haitianos catarinenses<sup>43</sup>. Entretanto, este número pode ser maior, pois ao longo da pesquisa tive contato com algumas associações que estavam se formando e regularizando.

Alguns dos dados reunidos durante o levantamento de dados já foram expostos no presente texto, outros serão trabalhados mais adiante. É importante ressaltar que este empreendimento só foi possível graças ao envolvimento dos próprios migrantes haitianos, principalmente através de suas associações, uma vez que o mapeamento de outros fluxos migratórios encontrou grande dificuldade em ser realizado pela dificuldade de contatar e aceder estas populações.

De acordo com Relatório do GAIRF

Estas redes atuam, em Santa Catarina, sobretudo para dar voz e visibilidade a estes imigrantes, buscando sensibilizar os mais diferentes setores sociais de que se trata não apenas de trabalhadores, mas de sujeitos, que carregam em si especificidades e contribuições culturais. Lutam juntos (imigrantes e redes) para que o diverso não seja visto como adverso, adversário, mas sim pessoas que possuem direitos, como o de trabalho decente e o de manifestação cultural (GAIRF, 2015).

As associações funcionam como um espaço de referência e proteção. Além disso, são o principal instrumento de organização e mobilização dos migrantes, atuando também como um importante canal de articulação com outras forças sociais como grupos de pesquisa, Igrejas, Universidades, Centros de Referência em Direitos Humanos e pessoas solidárias à temática. Dessa forma se ampliam as redes de apoio essenciais não só para a compreensão destes fluxos, mas fundamentalmente para o acesso a serviços de qualificação profissional, documentação, assistência jurídica, saúde, educação, entre outros. Segundo relatos as associações são um costume trazido do Haiti e levado para outros países pelos migrantes.

---

<sup>43</sup> Migramundo. Haitianos já contam com pelo menos seis associações em SC. Disponível em: <<http://migramundo.com/2015/03/26/haitianos-ja-contam-com-pelo-menos-seis-assocacoes-em-sc/>>. Acesso em 17 de junho de 2015.



Conheci a Associação *Kay Pa Nou*<sup>44</sup> quando seu fundador passou a participar das reuniões do GAIRF. Transcrevo a apresentação da organização que consta em um folheto explicativo entregue pelo jovem fundador da organização e por colegas da associação arco-íris que acolheu a proposta, na primeira reunião que participaram do GAIRF e em outros eventos:

*O A.K.A.F, fundado no dia 17 de outubro do ano de 2014, desenvolve parceria com órgãos públicos, com o objetivo de se tornar uma referência social e cultural haitiana com os processos de confraternização. Além disso, desenvolve a 'AÇÃO EDUCATIVA' com grupos de adultos que possuem dificuldades com a língua e cultura brasileira, com vistas a formar um ponto de encontro para compartilhar ideias e se sentir em casa. Neste sentido convidamos os imigrantes haitianos que residem na região sul do Brasil, assim como todos os interessados na cultura desse povo, a participarem das reuniões e atividades que serão desenvolvidas no INSTITUTO ARCO-ÍRIS.*

Os encontros aconteciam na Travessa Ratcliff, centro de Florianópolis, no espaço do Instituto Arco-Íris, organização que trabalha com a promoção dos direitos humanos na cidade de Florianópolis. A organização tem desempenhado papel importante no que tange à representação e mobilização da população haitiana frente à mídia e o poder público. Esteve presente nas reuniões do GAIRF, nos eventos que ocorreram na UFSC, na exposição e na roda de conversa organizadas pela BADESC, audiências públicas sobre a temática e diversos outros eventos. Mas também, destacadamente, na recepção solidária aos imigrantes que chegaram vindos de ônibus do Acre, episódio que foi evidenciado pela mídia local durante o início de junho.

Quando o embaixador do Haiti veio à Florianópolis encontrou-se com membros da associação:

*Foi uma surpresa, me ligaram dois dias antes de sua chegada. Quando nos encontramos, inicialmente tinham quase que umas 50 pessoas e elas foram triplicando dentro da sala. Elas falaram de suas angústias e o Sr. Embaixador, como um pai, as escutou. Ficou muito feliz em ver a atuação de liderança de seu povo (relato de um interlocutor sobre o encontro registrado no diário de campo).*

O embaixador também se encontrou com o prefeito de Florianópolis, com o governador de Santa Catarina, além de visitar a UFSC. Nas palavras, aparentemente, um tanto irônicas de um interlocutor da associação, “*estava conversando com a elite intelectual da universidade*”.

Segue o relato de parte de uma das reuniões da *kay pa nou* que participei:

O encontro que inicialmente contava com cinco pessoas, reunia cada vez mais participantes, conforme o dia se despedia. Outros haitianos (e uma haitiana) encerravam seu turno de trabalho podendo se juntar aos que lá já estavam. Ao final da reunião, contamos com a bela surpresa de uma apresentação de um cantor haitiano que presenteou a todos com duas canções, uma em crioulo e outra em um português “tímido”. A recepção foi bastante amigável, e como sugere a descrição da associação, o espaço propicia a confraternização. A presença de pesquisadoras do levantamento de dados e da UFSC, além de mais duas brasileiras que foram oferecer serviços voluntários de tradução, acabou gerando muitos momentos onde os diálogos, relatados em crioulo ou francês, eram traduzidos ao português. O objetivo daquela reunião era discutir desafios que a população haitiana está enfrentando e debater o posicionamento da associação para a audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina – ALESC – no dia 24 de junho. Além disso, foi apresentado o Seminário sobre Migrações e Direitos Fundamentais de Trabalhadoras e Trabalhadores,

<sup>44</sup> “Nossa morada” em crioulo haitiano.

que ocorre em outubro do ano corrente, através da iniciativa do Ministério Público do Trabalho em Santa Catarina, juntamente com a Ação Arquidiocesana, GAIRF, Pastoral do Migrante de Florianópolis e o Observatório das Migrações em Santa Catarina (UDESC). Mesmo com a chegada constante de novos membros ao decorrer da reunião, havia a preocupação em registrar os relatos e experiências de todos e foi estipulado que todos deveriam desenvolver contribuições por escrito para serem relatadas nas reuniões que antecedem à audiência pública (GAIRF, 2015).

Os membros da AEH, Associação de Estudantes Haitianos da UFSC, vieram para o Brasil através do Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti, citado no início do trabalho. São aproximadamente 30 estudantes e pouquíssimas são mulheres. Além de funcionar como um espaço de referência, a associação têm promovido eventos culturais e se aproximado de outras associações a partir da atuação junto ao GAIRF. Além disso, membros da associação junto a Secretaria de Relações internacionais da UFSC (SINTER), promoveram o seminário “Pró-Universidade do Haiti” realizado na UFSC no dia 27 de março de 2015, o qual tinha por objetivo discutir a colaboração Brasil-Haiti no âmbito universitário e apresentar o projeto “Pró-Universidade do Haiti”. Na ocasião, o Coordenador da AEH foi identificado *“não só como representante do Haiti, mas de outros estrangeiros pela sua atuação”*.

O evento contou com a presença do embaixador do Haiti no Brasil, Madsen Cherubim, estudantes apresentaram aspectos do seu país natal e, a partir das características econômicas, culturais, de saúde, meio ambiente, entre outras. A partir desses elementos, desenvolveram o argumento para apresentar um projeto no qual estiveram trabalhando em conjunto com professores e servidores da UFSC, e que tem por objetivo propor um modelo de universidade pública a ser instalado no Haiti com o apoio do Governo Federal brasileiro e da UFSC.

Conheci a associação quando um membro entrou em contato com o GAIRF através do grupo de e-mails da organização. Ele estava desenvolvendo seu projeto de trabalho de conclusão do curso de geografia. Assim, entrou em contato com a organização perguntando se identificávamos algum levantamento de dados que pudesse ser desenvolvido a partir de sua pesquisa. A partir deste e-mail estabelecemos contato e ele passou a fazer parte das reuniões do mapeamento realizado pelo GAIRF.

Decidiu fazer sua pesquisa sobre as relações de trabalho dos migrantes haitianos em Florianópolis, e por conta da proximidade de nossos temas de pesquisa, combinamos de nos encontrar para conversar algumas vezes. Ele aceitou conversar comigo sobre sua experiência, fornecendo relatos de sua trajetória desde o Haiti e também me apresentou a outros interlocutores.

Algo bastante interessante da relação que estabelecemos foi que o idioma, dentro do âmbito da pesquisa, traduzia-se num obstáculo em comum para nós dois, mesmo que fosse experienciada de formas distintas. Era curioso, enquanto conversávamos tive a sensação de que quanto menos nos entendíamos, mais nos entendíamos. Combinamos então que ao longo do semestre eu o ajudaria com o português acadêmico e ele me auxiliaria com o idioma crioulo no trabalho de campo. Assim formamos uma parceria

### 2.1.1 Algumas vivências e desafios dos migrantes

A seguir relatarei elementos narrados por imigrantes em contextos distintos, em conversas individuais, reuniões com membros de associações, nas reuniões do GAIRF, em rodas de conversa, festas, eventos, bem como em uma audiência pública e um grupo focal. Apresento também demandas observadas durante a convivência com os interlocutores da pesquisa. Na medida em que estabelecia interlocutores, passei a me inserir nas redes de relações de haitianos que estudavam na UFSC e na rede de apoio a imigrantes e refugiados em Florianópolis.

#### Moradia

Muitos haitianos trabalham em Florianópolis e vivem em cidades vizinhas como Palhoça e São José. Da mesma forma, existem haitianos que residem na ilha, mas todos os dias se dirigem à Santo Amaro da Imperatriz para trabalhar. Há também haitianos que residem e trabalham na área rural de Santo Amaro, mas encontraram no GAIRF, que se localiza na ilha, um espaço para aumentar sua rede de relações e atuação política. Portanto, a cidade de Florianópolis seria um ponto de partida para a investigação, mas suas fronteiras não restringiriam a pesquisa.

Mesmo morando em diferentes lugares (Santo Amaro da Imperatriz, Palhoça, praias de Florianópolis, região periférica ou região central...) todos apresentaram alguma dificuldade em relação à moradia. Ou para conseguir alugar, ou em relação à localização em relação ao acesso aos serviços.

Mediadora: *"E moradia foi tranquilo alugar?"*

Interlocutor 1: *"foi tranquilo, mas algum lugar precisa de fiador. Se sou um estrangeiro, como vou ter fiador? O fiador, vai ter que ter um papel de casa. risos. Quem vai ter um papel de casa pra eu pegar a casa? (risos) Ou se não, três meses na mão. ou se não pagar antes seis meses."*

Mediadora: *"Conseguiram então sem fiador?"*

Interlocutor 2: *"Tivemos que pagar seis meses [adiantados] e continuar pagando. Mas agora teve um dono [de imóvel] que viu que os haitianos são gente boa, agora deu."*

Interlocutor 1: *"Mas antes não tava assim. Não estava acostumado com haitianos, sempre teve uma ideia mal sobre nós, mas quando ele tá vendo, fez o aluguel pra os haitianos, viu que sempre paga na hora, cuida da casa, está sempre limpo. Vai se acostumando..."*

Interlocutor 2: *"Agora mesmo já pergunta se não tem outro amigo para alugar"*

*(risos)*

Interlocutor 1: *"Era mais medo..." (trecho transcrito do áudio do grupo focal)*

Não conheci nenhum que morasse sozinho. Alguns dividiam com colegas da faculdade, outros com colegas de trabalho e poucos com família ou amigos que já conheciam no Haiti. Os que moram nos morros da cidade, geralmente ficam em pequenas casas ou pequenos condomínios de quitinetes, geralmente com vizinhos haitianos.

Em relação à distribuição por bairros dos migrantes que residem na ilha, o grupo de haitianos que está estudando na Universidade Federal mora principalmente nos bairros das imediações do campus. Entretanto, a maior parte está estabelecida no Maciço da Cruz que compreende o Morro do Mocotó, Morro da Cruz, Morro da Mariquinha, Morro da Caixa,

Serrinha, entre outras comunidades. Há um grupo significativo que reside no Morro do Mocotó, próximo à Pastoral do Imigrante, instituição que geralmente faz o acolhimento dos imigrantes na cidade.

O estabelecimento de migrantes em áreas mais marginalizadas da cidade parece ser uma característica que acompanha o processo de urbanização da ilha<sup>45</sup>. Nesse sentido, investigar uma possível segregação sócio espacial na cidade pode trazer resultados interessantes à temática, entretanto acabaria excedendo os limites desta pesquisa.

Interlocutores haitianos às vezes demonstravam em suas narrativas uma certa preocupação de que a falta de perspectiva pudesse “condená-los às favelas”. “Eles estão aqui, com subempregos, logo vão ter filhos e, como posso dizer? Isso se tornaria uma bola de neve”<sup>46</sup>.

### **Cotidiano, lazer e trabalho**

Suas rotinas geralmente são orientadas em função do trabalho. O tempo que sobra, geralmente é dividido entre o descanso, às práticas religiosas, usar a internet e conversar com a família e amigos que estão distantes – geralmente via *Skype*, *Whatsapp* ou *Facebook*, já que as ligações telefônicas são muito caras. Poucos relatam passear pelas praias da cidade e o lazer geralmente é ligado a esportes como futebol ou vôlei, geralmente contra equipes de haitianos, mas também houve relatos de “amistosos” com equipes brasileiras.

O futebol aparece diversas vezes na fala de interlocutores, mas não só relacionado ao lazer. Tive contato com três interlocutores que vieram ao Brasil sonhando em desenvolver carreira como jogadores.

A equipe de futebol local Avaí lançou uma campanha de solidariedade à comunidade haitiana em Florianópolis. Convidaram 60 haitianos para assistir um jogo contra a equipe do Cruzeiro, em uma sala privilegiada do estádio da Ressacada. Como surpresa, os jogadores do Avaí entraram em campo com a palavra *linyon* (união em crioulo) estampada no uniforme. Além desta homenagem, soube que no carnaval de 2016, o samba-enredo que será apresentado pela escola de samba União da Ilha da Magia terá como tema a história da ilha caribenha. O título é “Haiti: A pérola das Antilhas — O país mais africano das Américas”.

Ainda assim, poucos dizem ter feito amizade com brasileiros. Reúnem-se geralmente com outros haitianos que conhecem do trabalho, do culto, ou até mesmo desde o Haiti. Notam o brasileiro como mais fechado do que imaginavam encontrar.

Interlocutor 1: “*Eu queria que o Brasil fosse um país mais aberto aos estrangeiros, para se integrar na sociedade e viver mais confortável.*”

Mediador: “*Tem amigos brasileiros?*”

Interlocutor 2: “*Sim, tem mas pouco, por ser um pouco fechado. Você não tem tantos amigos para convidar, pra uma festa, para sair. Só em atividades como futebol. e pra coisas sociais, é só isso.. Porque ficamos mais em casa, na verdade*” (Trecho transcrito do áudio do grupo focal).

Muitos também relatam trabalharem em empresas com mais haitianos que brasileiros. Geralmente em datas comemorativas haitianas, preparam pratos típicos ou mesmo um churrasco e se reúnem entre amigos. O grupo de universitários também realiza festas abertas à comunidade como forma de divulgar sua história, cultura e “acalmar a saudade” com danças, músicas, comidas e bebidas tradicionais haitianas. Na última festa, em comemoração a última batalha da revolução haitiana, 18 de novembro, serviram *Cremasse*, uma bebida feita com coco, leite, leite condensado, açúcar, canela, limão e rum. Também serviram uma sopa, que segundo

<sup>45</sup>Ver mais sobre ocupação urbana no artigo “**Final de século e novos espaços da pobreza - Os morros de Florianópolis**” dos autores Luís Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta.

<sup>46</sup>Fala de um interlocutor haitiano em um evento público. Trecho retirado do caderno de campo.

interlocutores é bastante simbólica para os haitianos, pois na época da colônia era proibida para os escravos, pois segundo o mito, faria nascer a liberdade nasceria na alma de quem a tomasse.

### **Religiosidade**

Outro meio apontado para conter a saudade é a prática religiosa. Segundo relatos, a prática religiosa ajuda a significar a experiência de migração nos momentos onde a sensação de deslocamento traz angústia.

Quase que a totalidade da população haitiana se afirma cristã. Meus interlocutores dividem-se equilibradamente entre Testemunhas de Jeová, Evangélicos, Batistas e Católicos. Algo curioso é que, apesar do Vodou também ser praticado por grande parte da população haitiana, nenhum interlocutor remeteu-se à prática durante o período que estive em campo.

Conheci o Culto das Nações, da Igreja Batista através do convite de um interlocutor haitiano. Fiéis peruanos, colombianos, haitianos, senegaleses, irlandeses, alemães, e alguns brasileiros, frequentam os encontros nas manhãs de domingo. Um espaço onde assinalaram poderem compartilhar experiências e vivências similares apesar das distintas origens. O culto é ministrado em diferentes idiomas, conta com muita música – às vezes tradicionais das localidades, outras cantos religiosos – e, além disso, em diferentes ocasiões os participantes são estimulados a compartilhar pratos típicos de seus países.

### **Educação**

Como já mencionado anteriormente, a educação constitui uma demanda prioritária por parte dos migrantes haitianos. Buscam cursos de português acessíveis<sup>47</sup>, que são demandados por interlocutores de todos os grupos, cursos de alfabetização, cursos técnicos e superiores. Outro desafio apontado é a dificuldade enfrentada para validar documentos, disciplinas ou cursos feitos no Haiti. Faltam também tradutores juramentados que dominem o francês e o crioulo.

É importante destacar que ainda que uma parcela significativa dos migrantes tenha curso superior completo, é raro que consigam trabalhar em suas áreas de formação quando chegam ao Brasil.

Tive contato com duas professoras que tiveram alunos haitianos no ensino médio. O elemento mais significativo das conversas foi a demanda de cursos de capacitação para que os professores possam mediar a multiplicidade de sujeitos, com menos conflitos e de forma mais inclusiva.

### **Desafios e angústias**

A pessoa migrante, ao estar inserida em uma nova província de significados, vê seus recursos simbólicos, afetivos e relacionais em crise. E, assim como afirma Schutz: “Para o indivíduo que a vivencia, cada uma das províncias de significado aparece como inquestionavelmente real e ao mesmo tempo incompatível com as outras” (SCHUTZ, p. 43). Este processo pode trazer uma fragilidade<sup>48</sup> ao migrante, a qual permanece até que o sujeito articule o novo quadro cultural, no sentido de síntese. Como conseguir estar com o outro, sabendo lidar com as diferenças e sem deixar de ser eu mesmo? Certa vez, um interlocutor contou-me com olhar distante e sorriso saudoso que recentemente, depois de três anos em Florianópolis, pode ir

---

<sup>47</sup> Apesar de eu ter identificado diversas iniciativas neste sentido, inclusive por parte da prefeitura de Florianópolis que disponibilizou alguns cursos, os migrantes relatam que o acesso à informação sobre esses cursos é difícil e frequentemente não podem conciliar os horários das aulas em função do trabalho ou da distância de onde vivem. Além dos cursos da prefeitura, universidades e instituições religiosas também criaram cursos, com pequeno alcance. Outra forma identificada foram cursos particulares custeados pelos próprios migrantes, mas que a longo prazo tornaram-se caros demais e por isso não tiveram continuidade.

<sup>48</sup> É importante ressaltar que durante a pesquisa tive conhecimento de quatro casos de migrantes em profunda depressão. Nesse sentido, demonstra-se necessário aprofundar as implicações psicológicas do processo migratório neste contexto determinado.

ao Haiti com alguns de seus companheiros daqui: *“Apesar dos amigos daqui, a solidão continua e a saudade é grande. Minha família está lá. É difícil ser sem família”*.

Além da dificuldade com a adaptação à cultura brasileira, a saudade constante dos que estão longe e a frustração dos planos sonhados são queixas constantes. Estes elementos contribuem para que vários migrantes vivenciem um “mal-estar existencial”. Assim, contar com o apoio e referência de pessoas que já possuam a experiência de “transição” é fundamental. Neste sentido, espaços de diálogo e intercâmbio de vivências, como os proporcionados pelas associações são fundamentais.

*“Quando um está sozinho. É mais difícil de aprender a nova vida. Mas se pode conversar com quem já se inseriu é mais tranquilo. Só o fato de ser escutado, já dá mais conforto.”* (fala de interlocutor em reunião de uma associação, registrada no diário de campo).

O idioma é apontado como uma das principais barreiras para a integração por todos os interlocutores. Há dificuldade para se comunicar com funcionários da polícia federal, de serviços de saúde, educação, cultura, lazer... Até ir ao mercado, fazer operações bancárias ou redigir um currículo é um desafio.

Além do idioma, a regularização do visto é apontada como a principal barreira para uma plena integração à sociedade brasileira, pois interfere em diferentes elementos como a mobilidade, a continuação dos estudos. Para os indocumentados, o desejo de visitar a família é forte, mas impossível de ser realizado, já que correm o risco de não conseguirem retornar ao Brasil.

Muitos empregadores não estão cientes da validade do protocolo de solicitação de visto como documento de identidade e por isso não contratam migrantes. Da mesma forma, há relatos de servidores públicos que também desconhecem a função do protocolo e negam o atendimento de migrantes em serviços de saúde. Assim, uma das demandas urgentes é a conscientização sobre a situação legal dos migrantes.

Além disso, somente o protocolo não possibilita que migrantes possam abrir conta corrente, fazer crediário ou de tirar carteira de motorista, mesmo que já dirijam no Haiti. Por conta disso, sentem que sua mobilidade é reduzida e que isto os tornam dependentes, já que em casos de emergência não podem recorrer a pessoas de sua comunidade, sentem-se também limitados para acessar a serviços e lazer.

Interlocutor 1: *“A gente quer continuar nossos estudos, a gente não pode esperar todo esse tempo para esse cartãozinho [Registro Nacional de estrangeiro – RNE]<sup>49</sup>. Imagina se demora quatro anos, a gente vai demorar quatro anos pra se integrar, estudar, tirar a carteira. Se estou no Brasil, ou no Haiti... todos nos sabemos dirigir moto, carro. E a gente sempre tem que ficar andando a pé no Brasil. Isso é muito complicado. Eu acho que o tema mais complicado para nós é o visto permanente, a gente precisa disso para entrar na escola, tirar carteira... A gente quer investir no país, mas ainda não tem possibilidade, para poder fazer isso. Queremos mais nos integrar na sociedade. Quer dizer, eu fiquei um pouco fora da sociedade, eu não tenho direito de ir para auto escola, para prosseguir um curso mais avançado, vai pedir o RNE, como tem que fazer?”*

Interlocutor 2: *“E se eu compro um carro quem vai dirigir? vou ter que pagar um motorista?!”*

## Trajetórias e “Representações”

Transitar por distintas dimensões das vivências haiatinas permitiu notar as distintas maneiras de se vivenciar projetos migratórios. Por exemplo, geralmente, os interlocutores que chegaram aqui direto do Haiti, já com visto, correspondiam ao grupo de

<sup>49</sup> Documento similar à carteira de identidade. O migrante só tem acesso ao finalizar o processo do visto permanente.

estudantes universitários. Entretanto um grupo significativamente maior de pessoas está à espera da resposta do visto permanente, pois chegaram ao Brasil através do pedido de refúgio. Estes vêm para Florianópolis em busca de emprego, mas também de estudo. Ainda que estes grupos tenham algumas vivências em comum, atravessam obstáculos distintos, estruturados pelas diferentes trajetórias migratórias.

Interlocutor 1: *“Quando se falam de estudantes se fala só da UFSC. Mas os outros, que estão embaixo, também são ou podem ser estudantes”*.

Enquanto falava isso, ostentava em suas mãos seu diploma de ensino médio que havia cursado no Haiti, dizendo que aqui ele não vale. De acordo com ele, muitos já são alfabetizados e só precisam da oportunidade para terminar seus estudos, o que muitas vezes é impossibilitado pela questão burocrática. Outros ainda precisam começar. Mas *“todos devem ter a possibilidade de aprender uma ciência para ajudar a construir seu país”* (Fala do presidente de uma associação em um evento público registrada em meu diário de campo).

[...]

Interlocutor 2: *“Tem pessoas que passaram uma etapa, por exemplo nós que passamos pelo refúgio e já sabem o que se passa que estão vivendo. Mas as pessoas que vem como as que vem estudar na UFSC, não sabem a realidade que nós estamos passando como refugiados. Mas somos nós que podemos falar sobre o que passamos, mas eles não sabem nada sobre esse caso. Se quer falar, tem que falar com as pessoas que estão na situação. Fazer ver-se”* (Fala do membro de outra associação no mesmo evento público ao referir-se a um encontro de estudantes da UFSC com o então embaixador do Haiti no Brasil para o qual outras associações não foram convidadas).

Além da distinção de experiência entre os que entraram no Brasil de forma regular e os que entraram através do pedido de refúgio, outro marcador de diferença significativo parece ser a origem do migrante. Segundo relatos, quando um haitiano vem de uma região rural, tende a ter mais dificuldades de se adaptar ao “ritmo” de vida brasileiro. Já um haitiano de origem urbana parece se adaptar com menos conflito ao novo cotidiano. Da mesma forma, muitos interlocutores haitianos relatam perceberem que são recebidos pelo Brasil de forma distinta de outros grupos migratórios. Assim, ao narrar as dinâmicas de sociabilidade haitianas, busco apresentar as implicações das distintas formas de “ser migrante” nas experiências cotidianas no processo de inserção na comunidade de acolhida.

Estas distinções internas destacadas pelos interlocutores e as distinções percebidas por mim, geralmente ao colocar em relação o fluxo haitiano com os de outros países, refletem – e são refletidas por – características estruturantes das diferentes trajetórias migratórias. Ou seja, expressam categorias que operam nos campos de possibilidades migrantes, anterior ao próprio projeto migratório.

*Formamos uma nova comunidade no Brasil e muitas vezes nos encontram na rua e não sabem o que somos. Já me disseram algumas vezes que sou africano... Somos do Caribe na América Central! Somos a maioria jovens com capacidade de aprender e educar [...]. Nós apresentamos nossa cultura e também queremos aprender a cultura de vocês* (Fala registrada no diário de campo).

Esta fala, expressa em um encontro do GAIRF por um jovem haitiano, reflete um incômodo que também foi assinalado por outros interlocutores durante a pesquisa que afirmaram que *“a ignorância sobre quem são os haitianos causa o preconceito”*. “[...] *“Já estamos em maioria sozinhos. É ruim também ser invisível”*, concluía M.

É comum os haitianos afirmarem que se sentem pouco representados, principalmente frente aos discursos da mídia brasileira, que prioriza relacionar o fluxo migratório às tragédias de forma “exagerada” e/ou “tendenciosa”, retratando-os frequentemente como “vítimas do destino” e não como agentes de suas próprias trajetórias. Reclamam também da invisibilização de aspectos de sua cultura, das belezas naturais de seu país, ou de sua história, da qual demonstram ter muito orgulho: “*Dizem que o Haiti não tem nada de bom, e tem sim*”.

É interessante atentar que em relação aos fluxos migratórios em Florianópolis, embora o contingente latino-americano seja mais expressivo e sua rota esteja estabelecida há muito mais tempo que a dos haitianos, pouco se discute sobre a imigração deste grupo em âmbito público. Antes mesmo de eu perceber a presença haitiana na cidade, já percebia asiáticos e árabes. E tampouco li ou escutei sobre estas pessoas. Também nunca tomei conhecimento de algum debate acerca da vulnerabilidade em que muitos migrantes latino-americanos se encontram, ainda que alguns estejam inclusive em situação de rua. Apesar disso os haitianos é quem são comumente representados associados à situação de vulnerabilidade na mídia.

Entre 14 de maio de 2015 e 12 de junho do mesmo ano, a Fundação Cultural Badesc, localizada no centro da cidade, recebeu uma exposição fotográfica de Radilson Gomes chamada de “*Haiti – Bombagai*”<sup>50</sup>. Trata-se de uma mostra de imagens captadas no Haiti, um ano após o terremoto<sup>51</sup>. Fiquei sabendo da exposição através de um evento no *Facebook* e decidi comparecer à inauguração da mostra. Na descrição do evento Gomes comentava as fotos: “*Não enxerguei os escombros, apenas a beleza da vida que saltava dos olhares daquelas pessoas a beleza ou riqueza do país estava ali, diante de minhas lentes.*”

Entretanto, assim que cheguei à escadaria de entrada da Fundação, encontrei com um interlocutor, presidente de uma associação de haitianos, saindo. Com seu sorriso habitual me cumprimentou. Quando perguntei se havia gostado das fotos e por que já estava indo embora, afinal havia passado pouco menos de vinte minutos da abertura da mostra, C. respondeu sorrindo. Perguntei mais uma vez se tinha gostado. “*É... mais ou menos*”.

Indignado, contou-me que para ele, aquelas fotos não mostravam o Haiti. Mostrava somente um lado, o dos destroços, concreto, pobreza e poeira... Tirou o celular do bolso e através da tela trincada, mostrava a foto de uma mulher com uma criança no colo. “*Este sou eu e minha minha mãe. Ela poderia me mandar fotos muito melhores de lá. Este senhor conhece o Haiti mesmo? Depois de dois dias? Será que ele conheceu nossas belíssimas praias, nossa história? Nossas mulheres? Aquilo que ele mostrou não é meu Haiti.*”

Na medida em que falava, o tom das palavras parecia se transformar de um desabafo pessoal indignado para uma fala preocupada, mais formal (lembrando-me de seu ativismo na associação). Logo emendou um questionamento: “*E o poder público que faz para mudar a situação do haitiano?*”. E logo me entregou um convite para uma

<sup>50</sup> Segundo o fotógrafo: *Bombagai* significa sangue bom, gente boa, coisa boa: “*A exposição se construiu no processo de gente olhando gente e formando imagens que falam por si mesmas. Essa exposição se resume a uma palavra: bombagai[...]. É um verdadeiro agradecimento, um dizer imagético de um fotógrafo que se alimentou pelo afeto do povo haitiano*”.

<sup>51</sup> Radilson Gomes visitou o país em virtude de um curso que ministraria para profissionais de saúde com o objetivo de facilitar o registro de casos de violência contra a mulher. Entretanto, o trabalho foi adiado e por isso, durante dois dias o fotógrafo acompanhou um amigo que estava em missão humanitária no Haiti, realizando os registros apresentados na mostra fotográfica.



audiência pública que futuramente ocorreria na Assembleia Legislativa sobre a situação dos novos imigrantes na cidade.

Quando nos despedimos entrei na exposição com um misto de decepção prévia e curiosidade. A decepção realmente se concretizou quando olhei minuciosamente as salas repletas de pessoas tomando taças de vinho servidas por garçons de gravatas borboletas e não encontrei nenhum haitiano. Onde estavam os ‘homenageados’ da noite? Condenados aos escombros? (Trecho retirado do diário de campo).

Esta experiência me remeteu a um episódio ocorrido em maio de 2015, na cidade de São Paulo, que dialoga bastante como distintas províncias de significado operam nas representações simbólicas. Os jornais Folha de São Paulo e Agora expuseram uma fotografia de um haitiano tomando banho de forma improvisada no banheiro de um abrigo superlotado. A foto foi tirada durante o período em que houve aumento do deslocamento de migrantes. Eles estavam sendo “enviados” de ônibus pelo governo do Acre para outros estados, de forma desarticulada, sobrecarregando as organizações que atendem migrantes.

A controvérsia em torno da fotografia gerou muitas discussões no âmbito institucional e em grupos de *Facebook*. De um lado, muitos brasileiros e alguns haitianos, defendiam a divulgação da foto como forma de denunciar a situação. Por outro, muitos haitianos interpretaram a fotografia como uma ofensa, uma “desumanização”. Ainda que com controvérsias, mais tarde a foto recebeu o Prêmio Vladimir Herzog de direitos humanos.

No mesmo período da divulgação da foto em São Paulo, ônibus com haitianos vindos do Acre tinham chegada prevista também em Florianópolis. Através dos mesmos grupos de *Facebook* que mencionei anteriormente, organizações e pessoas que atendem migrantes em diferentes estados monitoravam os posicionamentos dos governos estaduais, municipais e federal através de suas próprias redes de relações. Assim, antes mesmo do poder público divulgar informações, repórteres também utilizavam os grupos de *Facebook* como fonte para anunciar a vinda de haitianos como se uma crise estivesse se instalando na cidade. Alertavam para o grande número de haitianos que poderiam chegar. Preocupavam-se: Onde iam trabalhar? Onde iam morar? O que procuravam aqui?

Enquanto isso, membros dos grupos se mobilizavam para imprimir dicionários, cartilhas e manuais para os migrantes. A prefeitura aguardava então, a chegada dos ônibus com um abrigo montado em um ginásio. No primeiro ônibus chegaram 25 senegaleses e 18 haitianos, posteriormente outro ônibus com mais nove haitianos. Por fim, chegou um terceiro ônibus com mais 31 imigrantes de diferentes nacionalidades. De todos que vieram, poucos permaneceram em Florianópolis. A maioria seguiu viagem para outras cidades onde tinham amigos e conhecidos.

Nestes, e em outros episódios que mencionei, a identidade migrante é expressa de maneira limitada e passiva. Segundo Simmel:

Na relação com um "estrangeiro" ou “estranho”, em um sentido positivo, porém, o que existe é um não-relacionamento. Nos contatos possíveis ele, o estranho, é sempre considerado como alguém de fora, como um não membro do grupo, portanto, as relações se dão a partir de um certo parâmetro de distanciamento objetivo, mas partindo das características essenciais de que também ele é um membro de um outro determinado grupo. Como tal, os contatos com ele são, ao mesmo tempo, estreitos e remotos, na fragmentação das relações por onde uma abstrata igualdade humana em geral se encontra (SIMMEL, 2005, p. 210).

Quando Velho se refere à metáfora da metamorfose, enfatiza a dialética do trânsito permanente entre realidade, papéis e projetos dos indivíduos nas sociedades complexas. Nesta perspectiva, a experiência do migrante é atravessada pelo cruzamento de distintas significações para o que é ser haitiano em Florianópolis.



### 3. Alteridade, diferenciação e interseccionalidade nos espaços de fronteira

#### Fronteiras

Fronteiras são aqui entendidas para além dos espaços físicos ou sociais, abrangendo também as fronteiras simbólicas que guiam as percepções sobre a realidade. Assim, as fronteiras são construções de sentido e fazem parte do jogo social de representações que cria hierarquias, limites e classificações. Desta forma, as fronteiras simbólicas operam como elementos mediadores das relações e entre o Eu e o Outro. Com isso, entende-se que a alteridade é elemento fundamental para a existência ontológica das fronteiras, uma vez que demarcam distinções ao estabelecer aquilo que se encontra “dentro” e o que se encontra “fora”. Ainda, se considerarmos o aspecto territorial e político da noção de fronteira, pode-se perceber uma expressão simbólica direcionada à formulação de identidades. Benedict Anderson, quando desenvolve a ideia de comunidades imaginadas trabalha com a ideia de fronteiras que produzem sentido de pertencimento. Deste modo, o espaço limiar das fronteiras simbólicas permite, simultaneamente, o acolhimento e a rejeição simultâneos, que ocorrem a todo o momento, possibilitando movimentos contraditórios. Os indivíduos que habitam espaços de fronteira estão sujeitos ao acolhimento e a rejeição frequentemente. Sendo que quem está na fronteira é sujeito às influências de ambos os lados, o indivíduo limiar não é nem totalmente de fora, nem totalmente de dentro, é um híbrido. De acordo com Bhabha (1998), um entre-lugar é vivenciado. Para o autor,

A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os ‘limites’ epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes – mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidades policiadas. [...] É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: ‘Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte reúne enquanto passagem que atravessa’ (BHABHA, 1998, p. 23).

No entanto, ainda que seja um lugar de trocas e fluxos, a fronteira assume um caráter seletivo diante dos fluxos que possibilita na medida em que determina como os deslocamentos serão realizados. Deste modo, ainda que o espaço de fronteira permita trocas e a possibilidade de diferenças coexistirem de forma pacífica, a fronteira é local de embate, choque e desigualdades. Isto também caracteriza sua existência.

O cotidiano das sociedades complexas também não é harmônico e certamente reproduz desigualdades. Possui um potencial criativo ao passo que cria condições de invenção através da interação entre as diferentes redes de sociabilidade e as distintas redes de significados que as operam (WAGNER, 2010). Assim, Roy Wagner baseou seu argumento na relacionalidade da vida social como criadora de cultura, na medida em que a cultura opera como elemento de mediação. Nesse sentido, a etnografia busca equacionar a tensão entre objetividade e subjetividade, ainda que não resolva completamente a questão.

#### Invenção, diferenciação e interseccionalidade

Para Wagner (2010), a antropologia não transcende seu objeto de investigação, mas faz parte dele. Assim, recusa uma pretensiosa objetividade absoluta em favor de uma objetividade relativa, que como apresentado no início da monografia, trata-se do estudo da humanidade “como se houvesse” – no sentido de metáfora – a cultura. Para tanto, a antropóloga vivencia a alteridade no campo, e atua como se a diferença fosse resultado do contraste entre a cultura investigada e a sua própria cultura. Então, quando a antropóloga busca identificar as causas e implicações das diferenciações, passa a “inventar” a cultura de forma simultânea. Deste modo, a objetividade é

“relativa” pois só ocorre enquanto a antropóloga estabelece relações com os interlocutores da investigação. A diferenciação em Wagner é anárquica e de superfície, sendo que os processos de diferenciação se distinguem entre si: “a cultura, como o termo mediador, é uma maneira de descrever outros como descreveríamos a nós mesmos, e vice-versa” (WAGNER, 2010, p. 66).

Durante o trabalho de campo, acompanhei uma roda de conversa realizada na fundação BADESC sobre os novos fluxos migratórios. Participaram haitianos, pesquisadores, profissionais do poder público, participantes do movimento negro, estudantes e outras pessoas interessadas pela questão. Na ocasião muitas falas refletiram aspectos observados em campo. Dentre os temas tratados há uma discussão muito importante sobre a qual gostaria de chamar atenção: o migrante haitiano sofre xenofobia ou racismo? Esta questão surgiu a partir de uma fala feita por uma representante negra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Florianópolis:

O que nós estamos vendo, o que a mídia apresenta, o que a sociedade cita na internet... Não é nada além que o racismo usual que a gente está bastante acostumado. E de forma mais forte aqui no nosso estado de Santa Catarina. [...] O problema não é a migração. Eu tenho absoluta certeza que se hoje a Itália caísse em ruínas e 100 mil italianos viessem para o Brasil e para Santa Catarina, a cidade pararia, o estado pararia... Né?! A gente ia colocar um tapete vermelho na Avenida Beira Mar e eles seriam recebidos da melhor maneira possível, não é? E muito possivelmente, nós negros que aqui vivemos, que somos 12% da população de Florianópolis e 14% do estado, seríamos retirados de nossas casas para que eles pudessem ter onde morar. Então, essa é a realidade, sem meias palavras. Nós estamos aqui num auditório, bastante cheio, bastante felizes com a participação, com o interesse das pessoas... E sem nenhuma ofensa, mas nós estamos num auditório de branco. [...] Esse é o cenário, esse é o problema. O problema não é roubar emprego, não existe emprego para ser roubado, o emprego que tá aí é o que ninguém quer, ninguém tá sendo demitido para que seja contratado haitiano. São duas situações: uma que diz respeito a conjuntura do nosso país, em relação a esse conflito de classe que sempre existiu mas que está exacerbado. Agora, se eles são pobres ou não, nós não sabemos. O fato deles estarem passando pelo Acre, nessa condição, não significa que eles sejam pobres, significa que aquele era o formato que estava disponível para que a imigração acontecesse. [...] Agora o entendimento da sociedade qual é? É que eles são pobres, que vão aumentar o contingente de pobres no nosso estado e que por isso vão demandar ações do governo, gastar dinheiro público para tratar dessas pessoas. E, porque são negros. Não tem outro motivo. [...] E pra eles, isso é um assunto novo. Essa é a parte interessante da coisa, isso é um problema nosso, não é um problema deles. [...] E como dizem, muitos estão alheios que isso [manifestações preconceituosas] está acontecendo, porque não estão nas nossas redes sociais, não estão consumindo informação nacional. [...] Enquanto um problema de discriminação racial, nós temos que analisar o globo. Nós não vamos conseguir resolver o problema do racismo contra os haitianos, se eu não resolvo o racismo contra mim. [...] É uma coisa maior (Fala registrada no diário de campo).

Mais tarde, uma senhora de aproximadamente 70 anos, branca, acredito que argentina pelo sotaque, pediu a palavra e se manifestou em espanhol:

Eu queria dizer algo curto. O problema, não é, eu não sei se é racismo. Mas um problema de xenofobia profunda que sofre o povo do estado de Santa Catarina. Seja onde eu for, há um rechaço. No condomínio onde vivo fui eleita a inimiga do condomínio e inimiga do Brasil, a síndica queria me deportar. Então não é um problema de

racismo, é um problema de doença. A xenofobia é uma doença gravíssima que as autoridades, não sei se poderão solucionar (Fala registrada no diário de campo).

Como características estruturantes das relações sociais brasileiras, tanto o racismo, quanto a xenofobia e o classismo, atravessam a experiência migratória de forma sobreposta a outras opressões passíveis de serem vivenciadas pelos indivíduos migrantes, como por exemplo, a opressões de gênero. Estas relações, como vimos até aqui, são cruzadas por planos globais e locais, macro e micro sociais, estruturando as trajetórias e os campos de possibilidade migrantes. Nesta perspectiva, a interseccionalidade pode ser uma chave analítica para compreender a identidade migrante sem perder de vista as relações de poder que a permeiam. Pois, de acordo com Bilge:

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009, p. 70).

Em uma conversa, um interlocutor haitiano me perguntou: “*Se o brasileiro tem preconceito com brasileiros de outros lugares, como não vai ter com pessoas de fora? [...] Eu sinto também que aqui no Brasil as pessoas têm lugares determinados. Negros e brancos não se misturam. Por que isso?!*”. Eu não fazia ideia do que responder. Mas a dúvida me fez perceber que talvez esta fosse uma das perguntas que a pesquisa procurava responder.

A sensação de desconforto, misturado com uma dose de vergonha, que o questionamento me ocasionou, me fez refletir que, ainda que eu não fosse a responsável direta por esses atos que meu interlocutor questionava, ainda assim era privilegiada por eles. Se de fato brancos e negros possuem “lugares” distintos no Brasil, eu, como branca, estaria no “lado” privilegiado.

Favret Saada concebe a noção de “ser afetado” na antropologia, como um estado de experimentação de afetos específicos, possível quando se ocupa lugares a partir da comunicação específica com os interlocutores da pesquisa. Trata-se de ocupar um local onde a antropóloga seja afetada pelas mesmas forças que incidem sobre os “nativos”, pois ainda que esta posição não informe sobre os afetos do outros, mas sobre aquilo que afeta a própria pesquisadora no local em que o outro a situou.

Frantz Fanon, intelectual da Martinica, afirma no texto “Pele negra máscaras brancas” que

Para entender como tais construções ocorrem, o caminho lógico é examinar a linguagem, na medida em que é através dela que criamos e vivenciamos os significados. Na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura. Esta promessa não se cumpre, todavia, quando vivenciada pelos negros. Mesmo quando o idioma é “dominado”, resulta a ilegitimidade (FANON, 1983, p. 15).

No período em que estava fechando o texto do trabalho, fui convidada por uma professora de geografia para dar uma palestra sobre a imigração haitiana para turmas do Ensino Médio de um colégio no Morro da Cruz. Em seu convite ela relatava:

Os alunos em geografia estudaram os tipos de deslocamentos da população, migração... Assistimos a reportagens, vídeos, e agora eles querem saber mais sobre os haitianos que migraram para o morro. Eles estão curiosos. Quem são, se viviam onde teve terremoto, formação, como é viver no Brasil, se sofrem preconceitos etc. Acho

que será uma experiência interessante, para entenderem o que é xenofobia, que é um fenômeno novo para eles. Porque são estrangeiros, eles têm um certo preconceito deles, se percebe nas falas... Disseram até ‘mas eles são mais negro do que eu’.

Meu companheiro trabalha como professor de música na mesma escola e já havia relatado que seus alunos, com idade entre seis e onze anos, comumente faziam uso de termos como “seu baiano” ou “seu nordestino” como ofensa em brigas e discussões corriqueiras. Mais tarde, mudaram para “seu Haiti”. Este episódio me remeteu ao estudo de Avtar Brah sobre *Diferença, diversidade e diferenciação*.

No texto, a autora analisa o processo em que o termo negra/o tem sido empregado como insulto e promoção de racismo contra pessoas negras, e passou a ser absorvido pelo movimento negro e pelo feminismo negro sendo destituído de significações pejorativas. Entretanto, este termo não abarca a diversidade de experiências de mulheres e homens negros frente às dimensões de etnicidade, classe, geração, etc. Assim, Brah reflete como as identidades coletivas não podem ser reduzidas a uma soma de experiências individuais, pois passam por um processo de significação onde a vivência comum em torno de uma diferenciação determinada recebe um significado específico. Ocorres que a construção da identidade coletiva requer a supressão parcial da diversidade de trajetórias dos sujeitos que compõem o movimento, sem a qual o próprio grupo não poderia existir. Entretanto, a subjetividade é produzida por redes de relações que não refletem essencialmente a experiência do grupo, mesmo que esteja articulada com ela de maneira profunda. Portanto, o limite de alcance que as identidades coletivas possuem, ocasiona que novas identidades coletivas sejam criadas, num cenário político de emergência de subjetividades. Assim, identidades se reconstróem possibilitando a formação de novas subjetividades e sujeitos políticos.

Ilse Scherer-Warren afirma que

No campo das relações sociais, intergrupais, o monoculturalismo busca um igualitarismo universalizante, que não considera suficientemente as especificidades identitárias e históricas. O igualitarismo que não contempla as diversidades culturais, porderá ser opressor e discriminatório. O multiculturalismo considera as diferenças pessoais e as construídas historicamente. Mas se abrir mão de considerar as igualdades formais mínimas e as necessidades de políticas compensatórias para os historicamente discriminados, poderá também legitimar os mecanismos de exclusão social (SCHERER-WARREN, 1998, p. 32).

A proposta de Brah é que os processos sociais sejam analisados por uma ótica macro social que compreenda, simultaneamente, a identidade e a subjetividade nas dinâmicas de poder das diferenciações sociais. Entende-se que toda formação discursiva é um lugar de poder. E este, é constituído de forma performática nas práticas culturais, políticas e econômicas. E, através dessas práticas, “as subjetividades de dominantes e dominados são produzidas nos interstícios desses múltiplos lugares de poder que se intersectam. (...) Mas se a prática é produtiva de poder, então a prática é também um meio de enfrentar as práticas opressivas do poder” (BRAH, 2006, p. 373-374).

As distinções sobre as experiências migrantes apresentadas ao longo do trabalho não resultam necessariamente em desigualdade. Entretanto, a diferença é frequentemente tida como um marcador hierarquizante e por isso é fundamental compreender se a diferença resulta em exploração e opressão ou diversidade e formas democráticas de agenciamento político (BRAH, 2006, p. 374).

É interessante pensar a ideia de diferenciação articulada à reflexão sobre relacionabilidade introduzida no início da monografia. Bourdieu compreende que a proximidade de sujeitos ou grupos no espaço social expressam o intercâmbio entre preferências e práticas similares. Enquanto isso, o afastamento corresponde à diferença de práticas. As posições relativas e os princípios de diferenciação produzem relações de poder e dominação. Nesta perspectiva, o mundo social se trata de um espaço multidimensional onde as dimensões correspondem aos “capitais”, princípios de diferenciação entre os sujeitos.

A categoria de *habitus* é, de acordo com Bourdieu (1989), um tipo de razão prática, que possibilita que ator se adapte às novas situações e garanta uma certa regularidade na vida social. São disposições duráveis, habilidades e desejos socialmente constituídos, que o indivíduo carrega, e que são ao mesmo tempo estéticos, culturais, cognitivos, éticos e emotivos. O *habitus* se constrói mediante a reiteração: na socialização primária, encontrará nas instituições educacionais, familiares e religiosas as instituições que operam neste processo de reprodução das “verdades”, que na medida em que são incorporadas pelos atores, passam a ser “naturalizadas”. Ou seja, o *habitus* constrói e é construído através da socialização dos indivíduos, operando na formação das *províncias de significados* dos sujeitos.

Sendo os capitais as dimensões do espaço social, as relações que acontecem nele correspondem a relações de força. Assim, a posição do ator no espaço social é determinada pelo volume total do capital e sua distribuição em relação aos distintos capitais, implicando em uma menor ou maior dominação/subordinação em relação às posições dos outros atores. Ou seja, quanto maior o volume do tipo de capital que é eficiente em cada campo do “jogo social”, maior a probabilidade do ator ocupar uma posição dominante relativa ao espaço disputado. Dessa forma, os agentes que ocupam as posições de dominação possuem uma espécie de capital específica, o capital simbólico. Este, geralmente visto como prestígio torna o agente legítimo perante aos outros atores, impondo assim suas visões sobre o mundo social.

Na obra “A identidade cultural na pós-modernidade” Stuart Hall narra o nascimento e a morte do sujeito moderno, produto do pensamento iluminista e marcado principalmente pela sua racionalidade. Apesar de permanecer dominante nas ciências sociais até o início do século XX, esta concepção sofreu, de acordo com Hall, cinco rupturas questionando a visão otimista do sujeito moderno. Ao definir as viradas teóricas responsáveis pelas grandes rupturas que questionaram a concepção do sujeito moderno, Stuart Hall permite trabalhar uma nova concepção de identidade mais fluída, apreendendo seu caráter multifacetado.

A primeira ruptura trata da tradição do pensamento marxista. Nesta concepção da realidade, os indivíduos são formados subjetivamente através de relações macrosociais, ligando a identidade de um indivíduo ao modo de produção da vida material de cada sociedade. A segunda grande ruptura refere-se à descoberta do inconsciente por Freud. Diferente do que o paradigma cartesiano afirmava, são os desejos inconscientes e não os processos racionais o norte das ações humanas. Hall associa a terceira ruptura ao trabalho do linguísta Ferdinand Saussure. Seus estudos demonstram que as expressões de nossos pensamentos estão condicionadas aos vocábulos existentes em nossa língua. Assim, não somos nós os “autores” de nossas afirmações ou dos significados que expressamos através de nosso idioma. A quarta ruptura é apontada na obra de Michel Foucault onde os indivíduos, longe de serem sujeitos plenamente livres, estão permanentemente docilizados e vigiados por poderes disciplinadores (representados por instituições como hospitais, manicômios, prisões, quartéis, escolas). Por fim, a última grande ruptura está associada ao impacto dos movimentos feministas e seus questionamentos aos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. Sendo um movimento organizado por e para mulheres, o feminismo, em suas diversas vertentes, abrange múltiplas particularidades por entender que não existe um padrão fixo no “ser mulher”, nem nas formas de vivenciar as feminilidades e masculinidades.

Ao afirmar tanto as dimensões subjetivas quanto objetivas, o feminismo questionou as distinções clássicas entre o que é o “dentro” e o “fora”, o “privado” e o “público” sobre o *slogan* de que “o pessoal é político”. Assim, dimensões como sexualidade, família, violência, divisão do trabalho doméstico foram contestadas politicamente.

Frente às distintas linhas de pensamento feministas, gostaria de destacar aqui a abordagem interseccional derivada das reflexões propostas pelo feminismo negro. Pois não basta refletir as sociedades contemporâneas a partir das estruturas do colonialismo, é preciso também problematizar o colonialismo epistemológico. Brah trata da potencialidade inventiva que as identidades coletivas possuem em suas dinâmicas de diferenciação e coletivização. Assim como a Antropologia Reversa que questiona as bases etnocêntricas da prática antropológica, o feminismo interseccional emerge como uma nova forma de articular subjetividades em torno de uma identidade coletiva, mais próxima das distinções de vivências presentes dentro dos próprios

feminismos. A intelectual Audre Lorde exemplifica sinteticamente as distinções a partir das quais o feminismo negro emergiu:

Como mulheres, alguns de nossos problemas são comuns, outros não. Vocês, brancas, temem que seus filhos ao crescer se juntem ao patriarcado e testemunhem contra vocês. Nós, em contrapartida, tememos que tirem os nossos filhos de um carro e disparem contra eles a queima-roupa, no meio da rua, enquanto vocês dão as costas para as razões pelas quais eles estão morrendo.

O termo 'Interseccionalidade', apesar de já ser utilizado antes, foi cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989. A definição apresentada em seu livro consiste na

visão de que as mulheres experimentam a opressão em configurações variadas e em diferentes graus de intensidade. Padrões culturais de opressão não só estão interligados, mas também estão unidos e influenciados pelos sistemas interseccionais da sociedade. Exemplos disso incluem: raça, gênero, classe, capacidades físicas/mentais e etnia (CRENSHAW, 1989).

Sinteticamente, a ideia de interseccionalidade busca conceituar a problemática que pretende apreender as implicações estruturais e dinâmicas da interação entre dois eixos ou mais de subordinação. Este conceito trabalha sobre a forma que o racismo, a opressão de classe, o patriarcalismo e outros sistemas discriminatórios produzem desigualdades que estruturam as posições relativas de gêneros, raças, classes, etnias, etc, no mapa social (CRENSHAW, 1989).

Neste sentido, ainda que a maioria absoluta dos migrantes haitianos no Brasil seja homem, faz-se urgente uma investigação mais aprofundada sobre as singularidades da experiência de mulher haitiana migrante, tanto no contexto de inserção como no contexto emigratório.



## Considerações Finais

Julgo importante salientar que as considerações apresentadas ao longo deste estudo não têm a pretensão de esgotar o tema, pois durante toda a pesquisa busquei estar ciente das limitações de alcance que este empreendimento possuiria. Deste modo, ao expor a multidimensionalidade do fenômeno, a presente pesquisa delineou as dinâmicas sociais que perpassam a formação do recente fluxo migratório do Haiti para o Brasil, e as dinâmicas de inserção da população migrante em Florianópolis-SC.

Embora, durante a pesquisa de campo, não soubesse o que estava fazendo, e tampouco o porquê, surpreendo-me hoje com a clareza das minhas escolhas metodológicas de então: tudo se passou como se tivesse tentado fazer da “participação” um instrumento de conhecimento (FAVRET-SAADA, 2005, p. 157).

Foi por esse processo que passou minha construção do "objeto" de pesquisa. Na atividade de campo que deu origem a esta monografia, não busquei respostas para as minhas próprias perguntas, apesar de carregá-las comigo o tempo todo. Durante o convívio, busquei registrar as questões que os sujeitos da pesquisa entendiam como pertinentes a serem discutidas. Assim, ainda que o trabalho apresente mais questões que se referem às coletividades da migração haitiana em Florianópolis, e menos relatos individualizados, colocar em relação os diferentes planos que atravessam a experiência migratória permitiu concluir que o migrante localiza-se num espaço de fronteira permanente que se refere tanto a aspectos micro, como macro sociais. Neste sentido, aprofundar a relação entre Brasil e Haiti foi fundamental para compreender as dinâmicas políticas e sociais que estruturam as trajetórias migrantes.

Da mesma forma, Eu x Outro; Local x Global; Pessoal x Político; Indivíduo x Sociedade; configuraram choques constantes na compreensão da experiência migratória. Assim, além de desenvolver caminhos teóricos para se pensar a migração haitiana dentro de suas especificidades, a partir da identificação de vivências e demandas, esta pesquisa também possibilitou apreender características estruturantes das relações sociais no Brasil.

Nem todas as perguntas que o trabalho gerou puderam ser respondidas. Ainda assim, permitem mapear caminhos a serem explorados posteriormente. Entretanto, é preciso sempre ir além. Conciliar a investigação com a sociabilidade, pensando abordagens propositivas, que abarquem as subjetividades envolvidas, compreendendo os dramas sociais e os dramas individuais envolvidos de forma simbiótica.

No mundo afinal, somos todos estrangeiros. Ao longo da história, a humanidade sempre se moveu. Mover-se é mais que um direito humano, é nossa forma de existir, significa a liberdades de criarmos nossas vivências de uma maneira muito mais igualitária sem apagar as singularidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BILGE, Sirma. **Théorisations féministes de l'intersectionnalité**. *Diogenes*, 1 (225):70-88, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas. Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. *Cadernos Pagu*. n° 26, 2006. pág. 329-376.
- CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia. (Orgs.) **A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro**. *Cadernos OBMigra*, Ed. Especial, Brasília, 2015.
- CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics**. *University of Chicago Legal Forum*, 14, 1989.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GAIRF. Grupo de Apoio ao Imigrante e Refugiado de Florianópolis e Região. **Novos Imigrantes e Refugiados na Região da Grande Florianópolis: Observações preliminares sobre suas experiências e demandas**. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://imigrafioripa.files.wordpress.com/2015/08/relatc3b3rio-gairf-versao-publicar-ult.pdf>
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. RJ: Lamparina Editora, 2014.
- HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, Stuart (ed.). **Representation. Cultural representation and signifying practices**. London, California, New Delphi: SAGE Publications Ltd. The pen University, 1997.
- HANDERSON, Joseph. **Diaspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas**. Em: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n°. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015.
- JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- MALUF, Sônia Weidner. **A antropologia reversa e "nós": alteridade e diferença**. Trabalho apresentado no Seminário Antropologia de Raposa, em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em agosto de 2011. Publicado na *Revista Ilha*. Volume 12, n° 1.
- MALUF, Sônia Weidner. **Antropologia, narrativas e a busca de sentido**. In: *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 5, n°. 12, p. 69-82, 1999.
- RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. **Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti**. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos Neolatinos – Língua Francesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Abdelmalek Sayad; prefácio Pierre Bourdieu; tradução Cristina Muracho, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. **O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante**. Travessia, v. 13, nº. Esp., p. 7-32, 2000.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “internacional comunitária” e a recolonização do Haiti**. Campinas, SP: [s.n], 2014.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. In: SIMMEL, Georg. **Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung** (Sociologia. Estudos sobre as formas de sociação). Berlim, Duncker e Humblot Editores, 1908, p. 509-512. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro KOURY. Disponível em: RBSE, Vol. 4, nº 12, dezembro de 2005, p. 265 – 271.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais e a dimensão intercultural**. Em Intercultura e movimentos sociais. Reinaldo Matias Fleuri (org). Florianópolis: Mover, NUP, 1998.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

VELHO, Gilberto. **Metrópole, Cosmopolitismo e mediação**. In: Horizontes Antropológicos. v. 16, nº. 33, Porto Alegre, Junho 2010.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1987] 2008.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010.

## APÊNDICE

### (APÊNDICE A) – Breve relato de uma família migrante<sup>52</sup>

Durante meus poucos 22 anos, vivi em cinco cidades diferentes. O mover, de certa forma não me é tão estranho assim. Durante toda a vida, meu cotidiano se dividiu em pelo menos duas cidades diferentes. Por um período, nos meses de inverno e durante a semana eu vivia na cidade de Balneário Camboriú – SC. Nesta época meus pais construíram uma pequena pousada na cidade de Bombinhas, um município formado por famílias de pescadores que ficava a poucos quilômetros de Balneário. Então era lá que vivíamos nos finais de semana, quando a manutenção da estrutura acontecia, e nos verões quando recebíamos os turistas. Mais tarde, nos mudamos definitivamente para Bombinhas, entretanto eu estudava em uma cidade praticamente vizinha, Itapema, e por esse motivo viajava para lá todos os dias. No fim da minha trajetória escolar, antes de passar no vestibular e me mudar para Florianópolis, cheguei a dividir minha rotina semanal em três cidades distintas por conta de uma bolsa de estudos em um curso pré-vestibular que ficava em Balneário Camboriú.

Meus pais também são filhos de trajetórias errantes. Minha mãe, Verônica Pieczkoscki Regis de Moura, nasceu em Porto Murtinho (MS), mas teve a vida marcada por mudanças pelo Brasil, inicialmente por conta do trabalho de seu pai, e mais tarde pela sua própria trajetória pessoal e profissional. É filha de Amaury Regis de Moura, que nasceu em Recife (PE), e que por necessidade de trabalho migrou para o sul brasileiro onde casou-se com Mafalda Pieczkoscki, natural de Itaquí (RS). Amaury era filho de retirantes da seca nordestina com ascendência de indígenas e portugueses. Mafalda era filha de segunda geração de uma imigrante alemã, Elvira F. Finger, que teve de fugir de sua colônia para casar com um descendente de imigrantes poloneses e italianos, Antônio Pieczkoscki, de possível origem judia, mas que nunca apresentou sua família à esposa alemã.

Já meu pai, Eduardo Koen, nasceu em Buenos Aires, Argentina. Sua vida foi marcada por saídas e retornos à sua terra natal, ora por questões de segurança política, ora por questões pessoais. Experiência que, em suas palavras, ensinou-o a diferença em “ter que sair e escolher sair”. Eduardo é filho de Jaime Koen que nasceu em Skopje (atual Macedônia) durante o Império Otomano e de Olga Petcovich, que nasceu em Vranje (pequeno povoado nas montanhas da Sérvia). Jaime, por sua vez era filho de David Koen, filho de um rabino itinerante da península balcânica e de Riketa Zakai, nascida na Salónica (Grécia), de origem Sefaradí e cuja família remonta à Espanha da inquisição. Meus avós Olga e Jaime também tiveram suas jornadas impulsionadas por distintos fatores em distintos períodos. Quando na Europa, tiveram de fugir da perseguição nazista na Segunda Guerra ocasionando uma sequência de mudanças internas. Mais tarde, o desejo de melhorar economicamente e de se manter longe de centros de poder por conta do medo de futuras guerras, trouxe-os até a América do Sul.

### APÊNDICE B – Apontamentos breves sobre a metodologia da pesquisa

Especificamente em Florianópolis, nos últimos dois anos a diversidade parece ter se acentuado na paisagem urbana da ilha. Além dos latino-americanos que já compõem a população há mais tempo tenho percebido, por exemplo, um aumento considerável de mulheres que vestem o *hijab*. Também tenho escutado mais idiomas e acentos distintos sendo falados no centro da cidade. Vejo mais pessoas de traços africanos, bem como pessoas de traços orientais, etc... E desde que comecei a pesquisa, ao caminhar pelas cidades meu olhar mudou e passei a perceber mais os novos atores que compunham os cenários urbanos e como se relacionavam neles. Apesar de encontrar possíveis interlocutores em tantas situações banais, elas não pareciam propícias para uma abordagem. Após algumas tentativas frustradas percebi que aquele talvez não fosse o

<sup>52</sup> Texto retirado do diário de campo.

caminho. E quando eu pensava encontrar haitianos na fila da padaria, do mercado, no ônibus... Como eu tinha “certeza” de que eram haitianos? Era o idioma? O tom da pele? O modo de se vestir? Afinal, o que faz de um estrangeiro alguém que se destaca nas cidades?

Ao refletir estas percepções acabei acedendo os rincões de minha memória e lembrei-me de um jogo peculiar da minha infância e adolescência em Bombinhas. Assim como Florianópolis, há muito tempo a cidade onde cresci tem sido destino de muitos argentinos, principalmente por conta do turismo de veraneio. Durante esse período era comum que à noite fôssemos passear no centro da cidade, lotado de turistas. Nossa competição não tinha exatamente um objetivo ou ganhador, consistia somente em adivinhar se as pessoas que passavam por nós eram brasileiras ou argentinas. Compartilhei essa lembrança em uma conversa com uma amiga. Ela me contou que durante seu intercâmbio em Israel, numa escola de Ensino Médio de ambiente bastante multicultural, ela e seus amigos também tinham o passatempo de adivinhar qual o país de origem de seus colegas. Durante essa conversa tentamos traçar quais as características que considerávamos distintivas para “nossos jogos”. Roupas, modo de se vestir, cor da pele, corte de cabelo, modo de caminhar, formato dos grupos familiares, a maneira como os casais passeavam juntos, as coisas que compravam... E a lista não parava de aumentar. Isto acabou gerando perguntas importantes para a pesquisa. Quais os traços distintivos que o migrante possui? Como esses traços são constituídos? São atribuídos? Como os próprios migrantes percebem estes traços?

Compreensão fundamental para o ponto de vista explorado neste exercício foi a de que o “objeto” estudado nestas reflexões é essencialmente móvel. Aquele que emigra, despede-se. Migrar é mover-se. Só chega quem imigra. E como chega este viajante? Quem imigra não deixa de ser um imigrante. Ao transitar por entre mundos o migrante “obriga-se” a estar em constant movimento. Para compreender o fenômeno migratório, fixar-se em determinados aspectos proporciona uma visão demasiadamente limitada. Para compreender a complexidade da posição que o imigrante ocupa, é necessário um registro que acompanhe a diversidade de mobilidades, posições e choques que acompanha o espaço social destes sujeitos e grupos.

Além de compreender que categorias geralmente entendidas como fixas, dentro da realidade migrante, possuem certa fluidez. Essa pesquisa precisou manter sua própria concepção aberta também por conta da efervescência de eventos relacionados ao tema no contexto local. O campo sempre tinha algo novo a dizer. A pesquisa que começou solitária, sem muitas fontes as quais se recorrer, (tanto por falta de dados oficiais, pela falta de visibilidade do fenômeno ou como a dificuldade em estabelecer interlocutores) transformou-se por meio das redes em uma experiência coletiva, teve suas questões transformadas durante sua trajetória e terá de ser fechada antes que o campo possa responder o que pode. Isso se dá também pelo fato de que as relações de confiança entre pesquisador e interlocutores são complexamente construídas, sofrem interferência de diversas dimensões e conseqüentemente, tem seu tempo próprio para, se for o caso, efetivarem-se.

Quando realizada na cidade, a etnografia já não se trata de uma pesquisa como aquelas em que os antropólogos viajavam a terras distantes onde tudo era estranho. Neste contexto (ainda mais se o campo for feito na cidade onde o antropólogo tem sua própria rede de relações) as dinâmicas do campo inevitavelmente atravessam outros espaços da vida social da antropóloga. Trata-se então de também estranhar o familiar, já que para mim a observação do campo e das narrativas contava também com um duplo desafio: se a experiência migratória haitiana era estranha para mim, a ideia de deslocamento já não me era tão distante. Se por um lado eu não tivesse conhecimento algum sobre a realidade haitiana no Brasil, estou consideravelmente ciente da realidade brasileira. Ou seja, se por um lado a experiência migratória haitiana era um elemento estranho a ser familiarizado, minha experiência como brasileira e migrante se tratava de uma vivência familiar sobre a qual eu deveria produzir estranhamento.

Como vimos anteriormente, a reflexão de Gilberto Velho sobre as sociedades complexas acontece pensando as metrópoles como grandes espaços a serem explorados, e a cidade como responsável pela ampliação do campo antropológico. No caso da minha pesquisa, ela foi desenvolvida no mesmo ambiente urbano que vivo e era inevitável que o trabalho de campo acontecesse mesmo quando eu não estivesse praticando as “saídas de campo”. Seja nas ruas do centro, fazendo a feira da semana, passeando em uma exposição de arte, escutando o noticiário ou

em minha rotina dentro da universidade... Ainda que eu não estivesse em campo, o campo me encontrava. Então, assim como Velho,

Transformei parte significativa de minha rede de relações sociais em objeto de pesquisa. [...] Portanto, eu já possuía um tipo de conhecimento e de informação apreciável sobre parte do universo que me propus a investigar (VELHO, 1987 [2008], p. 15).

Neste sentido, a pesquisa objetivou a produção de uma descrição densa dos fenômenos migratórios no contexto da cidade de Florianópolis.

Durante o campo, grande parte dos dados apresentados nesta etnografia foi coletada através das descrições narrativas sobre as experiências vivenciadas pelos migrantes haitianos, em diferentes contextos. Para Maluf (1999) narrar experiências pessoais tem um caráter reflexivo, pois neste ato o sujeito organiza e interpreta sua própria trajetória projetando nela um sentido. E, ainda que os sentidos sejam provisórios, a narrativa se enquadra como uma ferramenta de análise dos processos de subjetivação do sujeito, pois ela não se refere somente à experiência vivenciada, possuindo implicações no presente enquanto compõem os modelos de interpretação sobre as experiências consequentes. Mesmo que a trajetória gere transformações “aquele que narra é também o resultado dessa transformação” (MALUF, 1999, p. 76).

Além de conversas (não estruturadas) com os interlocutores e da convivência em campo, uma parte das narrativas foi coletada através da metodologia de Grupo Focal. Ainda que não seja o método ideal para explorar temas sensíveis, é bastante eficiente para elaborar diagnósticos participativos sobre temas de interesse comum, como foi o caso do grupo focal realizado com membros de uma associação de haitianos.

Entretanto, para trabalhar temas mais sensíveis das experiências migratórias individuais parecem exigir mais tempo de convivência em campo para aprofundar os laços com os interlocutores.

Outra questão importante de se destacar é a questão do idioma em campo. Apesar de inicialmente eu pensar que o entendimento do idioma nativo fosse um grande facilitador para o contato, a experiência de “(des)entendimento” não pareceu atrapalhar o alcance dos objetivos da pesquisa. Pelo contrário, possibilitou, inclusive, aprofundar laços com um interlocutor, justamente por conta do desafio, como mencionei durante o trabalho.

A observação e o uso de redes-sociais online durante o campo foram elementos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. A internet foi relatada como o principal meio de comunicação e articulação entre os interlocutores haitianos.

Outros elementos narrativos coletados durante o campo foram textos jornalísticos sobre a temática. Apesar de estar ciente de todas as ingerências que atravessam as informações divulgadas pela mídia, a falta de dados disponíveis sobre o tema, frente à sua atualidade.